THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

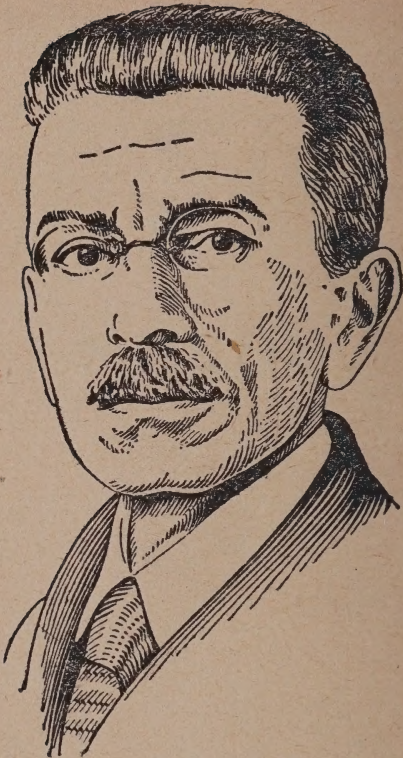
COELHO NETTO

BAZAR

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

1928

BAZAR



COELHO NETTO

COELHO NETTO

BAZAR

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

1928

ARTES GRÁFICAS — PORTO

Se tanto custa descobrir nome que attraia a attenção do publico para mercadoria nova, que se exponha, mais difficil será, sem duvida, encontrar titulo que vá bem a livro como este, tão vario nos assumptos e, de conformidade com os mesmos, tão dissemilhante no proprio estylo : faceto, se o thema que desenvolve é alegre ; picante, se o assumpto encerra satyra ; grandiloquo, se o motivo é heroico ; austero, se é de conselho ou gnomico ; grave, se glosa tristeza, ou urticante se entra pela politica, como a professam e exercem certos profissionaes da fraude.

Na India, ou melhor : na Persia, ao mercado onde se vendem « todas as coisas » como nos ensina Garcia da Orta, chamam os naturaes — bazar. *O termo é hoje corrente e tem foros de cidadão no vernaculo, e como não encontro melhor para definir a mistura que aqui trago, tomo-o como taboleta, não só porque sôa bem, como porque diz tudo em pouco.*

1924

C. N.

1922

Está na hora...

Na rumorosa, poenta e atabalhoada azáfama em que anda a Cidade, ao mesmo tempo arrasando e construindo, com a picareta em uma das mãos e na outra o cocho e a trolha — recomendo morros, estourando pedreiras, deslocando penhascos, pondo abaixo pardieiros, derrubando arvores tradicionaes, arrancando gradis de jardins, transferindo reliquias ; ou achanando avenidas em cingulo littoraneo com o barro tomado ao morro, aterrando lagôas, alargando em ruas amplas antigas callejas angustiadas, edificando palacios ; num ponto, atravancada de machinas erosivas que esboroam, recavam os flancos do morro historico e, com enormes alcatruzes, vão enchendo de terra alpestre comboios

e comboios que, á voz do capataz, apitam e partem indo lançar no mar a carga que os abarrota; em outros pontos, emmaranhada de andaimes pelos quaes marinham dia e noite centenas de operarios, a Cidade não tem olhos para vêr nem ouvidos para ouvir as novidades que nella passam.

O tempo é escasso para arranjar-se e, como espera embaixadas de todo o mundo, aforçura-se no afogadilho com que conta resarcir o tempo que perdeu em conversas inuteis e politicagem compromettedora.

Não lhe faltaram avisos e conselhos. Bem que lhe disseram e com tempo folgado:

« O Centenario ahi vem. Trata de ir arranjando as coisas para que não tenhas de as fazer desordenadamente, ás pressas, obrigando-te a serões que te custarão cinco ou seis vezes mais, (e em obra atamancada), do que gastarás se começares, desde já, a fazer o que projectas. »

A Cidade, porém, fiada na Providencia, fez ouvidos moucos e o resultado ahi tem ella no trabalho alvoroçado e caro em que se aforçura, sem horas para comer, sem horas para dormir, porque as vinte e quatro do circulo do dia não lhe bastam para pôr abaixo e erigir.

E assim, na faina em que labuta, não dá pelo que se passa em volta das suas caçambas, á beira dos entralhes dos seus andaimes, por avenidas ator-

roadas, ruas nubladas de pó, praças acoguladas de lascas de asphalto, pilhas de parallelipipedos ou atupidas de comboios e carroças de terra e de materiaes.

O que a Cidade não vê, por preoccupada em ruir e levantar, é a invasão de forasteiros, que a enxamêam.

Terão elles chegado antes da hora? Não, chegaram opportunamente.

Quem está em falta, passivel de censura, é ella, que como certas damas remanchonas, não se preparou a tempo e anda agora atordoada em arrumações, quando já ha pessôas de cerimonia na sala de visitas, ás quaes não ficará bem mandar dizer por um criado, como fazem as taes desidiosas donas:

« A Senhora pede desculpa a V. Ex.ª de demorar-se um pouco, porque está acabando de vestir-se. »

Os convidados sorriem contrafeitos e, como são muitos e as cadeiras na sala são poucas, sahem á varanda, espalham-se no jardim conversando, fumando, aborrecendo-se, emquanto á pobre Senhora afreimada, na pressa com que se arranja, tudo lhe sahe mal — é o vestido que não abrocha, é o cabello que se não encrespa, são alfinetes que a picam, desastres sobre desastres.

Emquanto isto os hospedes passeiam observan-

do as flôres do jardim, commentando os quadros e o mobiliario da sala e até espionando indiscretamente por traz dos reposteiros.

O que se dá nas casas, dá-se agora com a Cidade, que regorgita de estrangeiros e, como não ha assento para todos, diga-se : commodos, andam por ahi correndo bairros, coscovilhando e já alguns reclamam navios encostados ao caes para nelles se installarem, como em certas casas, quando a affluencia é transbordante e o cançaço derreia os convivas, muitos : (as damas em decote, os homens de casaca), sahem para o jardim, sentam-se, alguns, ás vezes, dormem nos bancos rusticos ou á borda dos canteiros, muitos até de papo para o ar, roncando.

E o *buffet* (outro problema !) chegará para toda a gente que ahi vem ?

Quem recebe tem obrigação de accommodar os seus convidados e de os não deixar com fome e sêde durante a festa. Pelas vozes que correm — já me não refiro aos commodos, que não ha — o que existe de viveres nas ucharias da cidade e dos suburbios não dará para mais de um mez e, ainda assim, servido com parcimonia.

E de fóra continuam a pedir convites, não individuaes, mas para familias, ou diga-se : embaixadas.

Pobre Cidade ! Quando, descendo ao salão, na

hora em que, emfim, depois de muito frenesi e muito sangue perdido com as espetadellas de alfinetes, conseguir arranjar-se, a coitada vir o mundo de gente que a espera . . . nem é bom pensar !

Então, talvez se lembre das palavras prudentes dos que lhe diziam :

« O Centenario ahi vem. Trata de ir arranjando as coisas devagar para que saiam bem e, á ultima hora, não tenhas de andar da sala para a cozinha, desatinadamente, sem saber como descalçar a bota em que te metteste. »

Cantaste durante o estio, emquanto tinhas tempo e tudo farias com facilidade, discutiste, politicaste . . . pois dança agora na corda bamba.

O teu salão transborda e . . . está na hora ! como brada o povo quando o espectaculo, por qualquer motivo, se retarda. Vamos ! move-te ! Doido estou eu por vêr como te vais arranjar, Cidade de cigarras.

20 — VIII.

O centenario

A impressão que tive na celebre noite em que, pela primeira vez, compareci á reunião de uma das muitas commissões dos festejos commemorativos do centenario de nossa independencia, foi de me haver transportado em espirito, por invocação de algum « medium », á casa do armeiro Costecalde, em Tarascon, ponto de cavaqueira cerebrina dos famosos caçadores de barretes. Ó Tartarin! como me lembrei de ti!

A sala, que era vasta e resplandecia de luzes, estava cheia a transbordar e o borborinho das vozes era como o escachôo d'aguas em caverna.

A mesa comprida — para cem talheres — estava, de ponta a ponta, empilhada de rolos de papeis,

que me disseram ser projectos e orçamentos, e ainda de taes embrulhos havia muitos em canudos de lata, em tubos de papelão por cima das cadeiras.

Sons de campainha vibraram em frenesi hysterico e logo um cavalheiro alto, esgalgado e calvo, de oculos, com uma barba fluvial que lhe forrava magnificamente o peito, assumiu a presidencia, convidando, com um gesto de muita gravidade, os presentes a sentarem-se.

As cadeiras não deram senão para um terço da assistencia e assim a mesa ficou cercada por uma muralha de attenção, toda ella constituida de fumantes e a sala expluia pelas janellas uma fumarada densa, como de incendio.

Abrindo a sessão com uma voz grave, como devia ser a do ponderado Nestor, conselheiro prudente dos heróes, o patriarcha pronunciou-se sobre os fins daquella assembléa historica, na qual deviam ficar assentados em alicerces definitivos os planos dos festejos commemorativos do centenario da nossa emancipação politica.

Naquelle instante de tanta eloquencia lamentei sentidamente não ser tachygrapho para apanhar no vôo as palavras, tão cheias de ensinamentos civicos, que sahiam das barbas alvas do presidente, como um veio limpido dentre silvedos.

Guardei apenas na memoria, que é uma peneira, a humidade, quero dizer — os vestigios do affluxo

torrencial e lembro-me de ter ouvido o orador em arrancadas facundas allusivas á bandeira, ao hymno, ao patriotismo e em vagos protestos contra a influencia do dollar.

Por fim, perorando, pediu o concurso de todos para que os festejos do centenario correspondessem á magnitude do facto e o Brasil apparecesse digno diante das nações que, de todos os pontos do Globo, mandarão embaixadas á Republica com presentes, propostas de tratados e convenios, jornalistas e photographos. E começou atabalhoadamente a exhibição dos rolos.

Do que, então, ouvi lêr não ouso, sequer, tentar um summario : foi uma feira allucinada de fantasias mirabolantes.

Um, pequenino e gordo, esbravejou mostrando a conveniencia esthetica e hygienica de serem arrasados todos os morros, todos, entupindo-se com o que delles se tirasse, a bahia de Guanabara, que ficaria assim uma planicie ligando-se Nictheroy ao Districto Federal por uma ou varias linhas de bondes.

Outro propoz que o Congresso votasse e o Presidente sanccionasse uma lei determinando que todos os infantes nascidos a 7 de Setembro de 1922 recebessem com o cueiro o diploma de bachareis da Independencia.

Aparteado por um retrogrado, o proponente bramiu :

— Que ha nisso de extraordinario? Onde o escandalo? Não tivemos os exames da «espanhola», quatro por cabeça, porque não podemos ter o diploma de bacharel da Independencia? Acha o senhor, talvez, que os que foram approvados pela epidemia sabiam mais do que os recem-nascidos? Está muito enganado! Pois sim! É só porque a tal «grippe» é espanhola. Sempre a mania do estrangeiro! Pois não, senhor... O diploma de bacharel da Independencia tem, pelo menos, o merito de recordar uma data patriotica, emquanto que os taes exames cheiram a defunto. Um, é titulo de vida, dado pela parteira, e o tal certificado a quatro não é mais do que uma certidão de obito.

Azedando-se a discussão, o presidente submetteu o projecto a votos. Foi approvado. Outro plano foi o de uma emissão de um milhão de contos de réis (ouro) em moeda fiduciaria, papel, podendo cada Estado emittir dentro de tal somma a quantia necessaria ao pagamento em atrazo do seu funccionalismo. Passou. Outro: o do chamado voto feminino. Apezar da sympathia que, a principio, despertou na assembléa, cahiu por dois votos.

O preopinante, que era gago como Demosthenes, mas sem o genio e a energia do grego, aparteado por um idealista da indole de Michelet, perdeu as estribeiras e a voz e mais uma vez foi um dia o ideal feminino.

O idealista, em raptos de sublime eloquencia, mostrou á assembléa a urna eleitoral, descreveu-a desde as bordas até o fundo e, pondo-se nas pontas dos pés, perguntou :

— Dizei-me agora, senhores, depois que vos mostrei o vaso do suffragio eleitoral, quereis que as mãos delicadas e puras das mulheres, as mãos que acariciam, as mãos que abençôam se conspurquem em tal vasilhame ? Não !

O gago grugrulejou, rôxo de colera, e o idealista proseguiu triumphante :

— Não consintamos em tal profanação ! A data da nossa independencia politica não póde, não deve ser mareada com iniquidade tal . . . E continuou, atravez da gagueira do preopinante e dos applausos calorosos da assembléa. E o voto feminino cahiu redondamente.

Em compensação muitas outras propostas, todas estapafurdias, mas patrioticas, foram approvadas, algumas até em votação nominal.

Á sahida — eram tres e um quarto da manhan, já algumas casas despertavam — o presidente, com quem segui para a Avenida, onde elle dizia haver um café que nos confortaria, tomando um largo hausto de ar puro, disse-me com a sua voz grave e ponderada :

— Pois é verdade, meu amigo, cumprimos o nosso dever de patriotas. Podemos dormir tranquillos.

Eu, então, pensando em alguns dos projectos apresentados, contra os quaes, ainda que timidamente, me manifestara, sussurrei :

— Mas o meu digno mestre não acha que foram ali votadas verdadeiras monstruosidades . . . ?

— Sim, acho. Mas que tem isso ? Nós precisanos fazer alguma coisa, dar ao mundo uma prova lo nosso amor patrio, do nosso respeito ás tradições, aos fastos . . . Votamos. Mas então o amigo pensa que aquillo que votamos em assembléa vai er realisado ? Ora, meu caro. O senhor nem parece rasileiro. Neste paiz tudo, mas tudo ! se poderá azer, menos o que se vote. O voto aqui é a pá de al, entende ? Nós só vivemos bem fóra da lei, dos rogrammas, da ordem, emfim. Isto de voto é só ara inglês vêr . . .

— Quer então dizer que a data do centenario assará como a de um dia commum . . . ?

— Não, não digo tal ; ha de se fazer alguma coisa, io com projectos e programma ás claras, mas ao pagar das luzes, na cauda do orçamento. « In cauda enenum » . . . A cascavel não tem o chocalho na uda ? Pois então ? Quer o amigo saber ? Todos ses programmas de festejos que por ahi andam io ficar reduzidos a uma pandega de chocalho, que a que mais nos agrada e é pau para toda a obra.

— ?

— Um carnaval extraordinario. Ha de vêr.

A musica no centenario

No seu primeiro folhetim deste mez, da serie in
titulada : *Pelo mundo das artes*, que tanto brilho d
ao *Jornal do Commercio*, honrou-me Oscar Guana
barino com um longo commentario á proposta qu
apresentei na ultima assembléa geral da Liga d
Defesa Nacional pondo em concurso, com o premi
de dez contos de réis, o thema para um poema sym
phonico, que se denominará *Brasil*, para ser exe
cutado na abertura da Exposição commemorativ
do Centenario da nossa independencia.

Synthetisando em quatro cyclos a nossa histo
ria, desde a data do descobrimento da terra até o
nossos dias, gisei um esboço que servirá de mold
para que nelle o musico transfunda a sua inspira

ção, ajustando-a, tanto quanto possivel, a todos os assumptos que, segundo o espirito de cada qual, serão como esvasamentos ou relevos do que, depois de concluido, dará ao auditorio, a suggestão que é, releve-se-me dizer — a visão intima do que se imaginou. Parecerá, a principio, impraticavel a tarefa pela extensão e variedade do thema e pela exiguidade do tempo, visto que a obra deve ser entregue no dia ultimo de Julho para julgamento, entrando logo em ensaios a que fôr escolhida.

Mas . . . talento suppõe synthese, o genio é condensador.

O argumento será um fio no qual se engranzem os mais notaveis episodios da nossa historia, passando, um a um, em melodias caracteristicas.

Assim o poema abrirá nos dias virgens, quando ainda esta região jazia ignorada no mysterio dos mares.

Será a natureza selvagem e opulenta com a sua luz fulgurante, o seu viço paradisiaco, as vozes meigas das suas aves, o escachôo das suas aguas, o sussurro das suas frondes, o fremito das suas féras, o *uiré* e a *pocema* do indigena — cantos e danças de tabas, a prece da india num balsedo florido, á lua mensageira dos anhelos do amor e, longinquo, tonitruoso, na ocára, o tripudio em volta do prisioneiro amarrado ao moirão para a morte.

Eis, porém, que uma suave musica vem vindo em notas languidas na brisa do mar.

O barbariso serena, a propria natureza aquieta-se e a melodia accentua-se, tão meiga que os barbaros descem por ella á praia, imaginando, talvez, que são yaras que cantam e quedam pasmados olhando o mar vasto onde enormes aves nunca vistas, maauarys gigantes, abrem azas largas ao sol. E são taes aves que cantam. É a musica peninsular, é o saudosismo luso, é a voz de Portugal.

É a alma saudosa dos vindiços que entra pela terra confundindo a sua melopêa com a grita estrugidora do indigena maravilhado. E fundem-se o suave e o absono, o rythmo e a discordancia, o sentimento e o instincto.

Rompe a soar fanhosa a doçaina pastoril: é o gaiteiro, de que fala Caminha, que se aparceira com os indios e vai com elles por entre as dunas da praia, cercadas de uricurys, até ás ribanceiras onde começa a floresta, chega diante da caiçara da taba, em cujos espeques branqueam caveiras, que são tropheus de guerras e ahi, na tranqueira dos cannibaes, sôa a musica das vindimas e das esfolhadas.

E os tapuyos, acocorados, ouvem-na ou dançam com ella imitando desageitadamente os pinchos e boleios do alegre folião que toca abraçado com a pellota da sanfonina.

Logo, porém, accordes brandos sustam as almas

em extase, elevam-se accentos mysticos, tine a campainha e o cantico religioso desenvolve-se largo, solemne, augusto. É a primeira missa, é o Evangelho, é a victoria da Cruz, é a descida do Deus de Ourique na terra virgem e cathecúmena, baptisando-a com o nome piedoso do poste do seu martyrio.

No segundo cyclo começa a exploração da terra frondosa. São as tragedias das capitanias e os primeiros movimentos das entradas, bandeiras e monções e a catechese do indio — desbravamento da natureza e redempção das almas, o marco definindo as fronteiras e a cruz impondo a Fé. E a musica traduz os dois exilios — o exilio do reinol, saudoso da Patria longinqua, e o exilio do barbaro escravisado á civilisação, que o doma. Mas na arfagem do mar levanta-se um lamento, as ondas guaiam, chantam e o vento traz-lhes a melancolia á terra. E lá surge no horizonte o navio negreiro. É Africa que vem para o supplicio trazendo o seu *banzo*, as suas superstições e a ternura passiva da sua gente. Vêm com ella o braço do cavador, a coragem do guerreiro, a dedicação servil e o leite que ha de criar gerações e gerações. E os exilados cantam saudades.

Velas demandam a costa em vôo vulturino, velas de França, velas de Espanha, velas de Hollanda. É o cyclo das lutas pela posse da terra. E começa a latejar no coração do incola o sentimento da liberdade. Explodem, aqui e ali, as primeiras

reacções. O nativismo flammeja — ha o choque das duas forças adversarias. E a Inconfidencia frustra-se.

Mas o fluido continúa, a acção intensifica-se com a oppressão, são vozes que se levantam em todos os cantos da Patria até que se juntam no côro triumphal da Independencia, no Ypiranga.

Já, então, a musica tem o seu rythmo accentuadamente brasileiro — é um producto da terra, ainda que originado de germens exoticos. Sentem-se nella influencias estrangeiras — é o saudosismo português, é a vivacidade trefega da França, é a languidez espanhola e é o banzo negro triste, com arremessos brutaes, gemidos e uivos, prantos, queixas e os lugubres ululos dos ventos no deserto onde fremem os leões e a cadencia voluptuosa dos trebelhos nos oasis quando, no descanço das caravanas, sôam frautas, tamboris, adufes e repabs rythmando os passos das escravas de amor que acompanham as *mehallas*.

Hollanda, como não deixou vestigios na lingua, não os deixou na musica — o seu canto era o coral de Luthero, foi-se com os lutheranos.

Do indio, que regressou á floresta, pouco, quasi nada nos ficou. Os demais sons alliaram-se, fundiram-se e ahi vibram nas langorosas modinhas, nos sambas, nos batuques, nos cateretés, nos jongos e com taes musicas, expressão sonora de um povo emancipado, passamos, sorrindo e cantando, da

Colonia para o Imperio e no Imperio, conquistamos as duas formosas liberdades — redimindo o escravo e exaltando a Patria ao Prestigio em que hoje a vemos.

E taes victorias conseguimos com um só hymno, que não era o symbolo de um regimen, mas a propria voz da Nação que, com ella, vai seguindo victoriosamente para o Futuro, como a França, atravéz de todas as vicissitudes politicas, tomou para canto de marcha a Marselhesa.

Eis o thema, meu caro Guanabarino. Offereço-o aos musicos (como inculcaria uma paisagem a um pintor ou doaria um bloco de marmore a um esculptor) para que o fecundem tirando delle uma creação.

E se tal succeder garanto-te, meu amigo, que a Europa, que já nos olha com alguma curiosidade e interesse, porá empenho em ouvi-lo e assim a musica levará comsigo um pouco da nossa historia e mais do que isto : revelará ao mundo, na obra de um artista, o grau da nossa cultura musical que, deixa lá, meu velho, apezar de tudo, sempre dá mais alguma coisa do que *foxtrots* e *ragtimes*.

Emfim . . . tentar não custa. O thema aqui fica como uma luva — levante-o quem tiver coragem.

Amor tem fogo

Se todos os deuses se submetteram, e alegremente, ás innovações do progresso, como nos provou Rostand no seu gracioso poema *Le bois sacré*, porque havia elle só, de todos o mais estroina, de ficar escravisado aos costumes archaicos da theogonia ?

Phebo continuará a percorrer o céu no plaustro de ouro, tirado pela fogosa quadriga que tão severamente castigou a presumpção de Phaetonte ? A pressa com que passam os dias faz-nos acreditar que o luminoso deus aposentou o carro fulgido e os ardegos ginetes que o traziam á disparada desde o oriente até o occidente tomando, para a esplendida corrida, um automovel possante, de bôa marca.

O levipede Mercurio já se não serve das pequeninas azas da cabeça e do calcaneo, porque achou no biplano meio mais expedito e mais commodo de fazer as suas viagens postaes do céu á terra.

Venus, segundo affirmou o poeta das *Musardises*, veste-se nos grandes costureiros de Paris, frequenta os institutos de belleza e tem o seu dia de receber. Marte, o truculento pelejador, em vez de descer ás profundezas da terra, onde trabalham os vulcanicos telchinos, para encommendar armas pesadas, visita arsenaes e fabricas escolhendo modelos de canhões e de fuzis e experimentando-os em polygonos de tiro, em companhia de generaes.

Se todos os deuses lançaram de si as velharias que trouxeram do Olympo, adoptando o que de melhor encontraram na terra, de fabricação humana, porque não havia Amor — Cupido, ou Eros, como lhe chamavam os gregos, de os imitar?

Primeiramente, cuidou de vestir-se, porque a moral contemporanea, cheia de escrupulos, não consentiria que elle andasse pelas Avenidas como andava, outr'ora, pelas campinas gregas. Menino, mas menino perigoso, de maus costumes como esse, daria um trabalhão á policia se apparecesse por aqui no mesmo trajo transparente com que se mostrava aos namorados da Idade de ouro. Vestiu-se

e por ahi vaguêa como o mais ajustado almofadinha.

É elle que provoca escandalos nos cinemas, que arranca protestos de passageiros pundonorosos em certos bondes ; é elle o espalha brasas, que põe as delegacias em polvorosa, que provoca escandalos em clubs e que desmantela muito lar.

Dantes as armas que trazia eram ligeiras frechas que apontava, certeiro, aos corações sensiveis. As frechas, porém, cahiram em desuso e não ficaria bem a um rapaz elegante, andar de arco, em vez de bengala, e de carcaz ás costas como vendedor de guardas-chuvas.

Para acompanhar o tempo e as modas que nelle imperam, Cupido abriu mão das armas primitivas e adquiriu um revolver. E hoje, por dá cá aquella palha, é tiro.

As frechas de amor feriam, mas as suas feridas curavam-se com beijos e, quem as recebia, em vez de lamentar-se, agradecia ao deus havê-lo escolhido para alvo. As feridas que hoje Amor faz, com balas, quando não matam, aleijam, e pedem promptos soccorros da Assistencia, obrigam a inqueritos, agitam a imprensa, e, não raro, em vez de levarem a victima á ventura, levam-na ao tumulo com escala pelo Necroterio.

O que ha de estranho é que o Amor, tão citado na Anthologia, era um guapo menino alado ou gra-

cioso mancebo como o que apparece adormecido na camara de Psyché. O perturbador de corações e saggitario impiedoso era do sexo masculino... e hoje...

Ao que parece a divindade tragica, que por ahi anda ensanguentando lares e jardins, não é o filho de Marte e de Aphrodite, salvo se mudou de sexo ou então os deuses que peccaram na ilha de Lemnos deram ao mundo uma companheira do Amor, ou outra hypothese, o terrivel menino, viajando pelas terras aguerridas das amazonas, conseguiu fazer-se desejar de alguma dellas e disso resultou a mulher tragica que por ahi anda a fazer exercicios de tiro e com pontaria de Guilherme Tell.

Porque a verdade é que, quando os tiros partem de homem perdem-se ou fazem feridas leves, se, porém, são de arma empunhada por mão feminina não falham, vão certeiros ao coração e não ha escapar-lhes com vida.

Essa deusa «erotica» que por ahi vaguêa, á solta, está a pedir cuidadosa vigilancia. Quanto mais bella é a mulher mais devemos temê-la. Se nos deixarmos vencer pelo esplendor dos seus olhos, pela alvura da sua cutis ou pela graça airosa do seu andar, não percamos de vista o estojo que ella traz á mão porque, ali dentro, não vêm somente o espelho, o lenço de pó de arroz, o *baton* — acha-se tambem o revolver.

E algumas ha, mais sanguinarias, que, além da arma de fogo, trazem, como a Carmen, um punhal na liga para o caso de falhar o tiro.

Se ao homem não se permitte que ande armado, porque se ha de consentir que as mulheres passeiem como Minervas ameaçadoras, respondendo a um simples e innocente olhar de admiração com todo o tambor de um Smith & Wesson? Não é justo.

Se Amor deixou de usar frechas por serem armas fóra da moda que, ao menos, saiba trazer as de fogo que adoptou, não as experimentando em todos os transeuntes como vemos no noticiario dos jornaes.

A mulher era o encanto da vida, era a meiguice, a bondade e, se matava, era com os philtros dos seus encantos e não a ferro e fogo.

No andar em que vão as coisas será conveniente que a policia estabeleça um regimen de defesa, determinando que as mulheres sigam sempre por uma calçada e os homens pela outra, olhando-se de longe, sem jámais se encontrarem para que não haja sangue. É possivel que, com tal medida, a furia amorosa abrande e o homem possa tranquillamente caminhar ao lado daquella que Deus lhe deu por companheira, mas que por motivos ainda não descobertos, se transformou em inimiga... e que inimiga!

É pena que nos tenhamos de separar, mas entre o amor e a morte o melhor é a gente viver como vivia Adão antes de lhe ser arrancada a costella que lhe está sendo tão fatal.

Agora é que se póde dizer, com verdade que: o amor tem fogo.

30 — VII.

A MURRO!

«Au pied d'une statue de Jupiter, et sur les membres sanglantes des victimes, les athletes prirent les dieux à témoin qu'ils s'étaient exercés pendant dix mois aux combats qu'ils allaient livrer. Ils promirent aussi de ne point user de supercherie et de se conduire avec honneur: leurs parents et leurs instituteurs firent le même serment.»

Barthélemy.

Não admittiam os gregos — a lição é de Pausanias — que o athleta, fôsse qual fôsse o agon que houvesse de disputar, se apresentasse no Estádio senão depois de haver jurado ante a imagem de Jupiter, sobre os membros ensanguentados das victimas immoladas, achar-se convenientemente exercitado.

Com elle juravam os pais e tambem o que o havia treinado durante o prazo, nunca menor, de dez mezes.

Assim, os que se apresentavam na arena, podiam ser desiguaes em força e agilidade, valiam-se, porém, no conhecimento technico e não se exhibiam como inexperientes : conheciam a arte empolgante da luta e a do arremesso do dardo ou do disco, tomavam na apheteria a posição regulamentar para o impulso na corrida ; firmavam-se, a finca pé, no calhadouro de onde deviam lançar a péla , mediam o salto, fôsse de distancia ou de altura, com segurança, sem cambaleios de incerteza ; conheciam todos os lances de que se poderiam valer e os passes considerados illicitos, todos os golpes e pégas de ataques, todos os recursos de defesa.

Assim, os jogos tornavam-se interessantes entre antagonistas preparados, podendo o vencedor orgulhar-se da victoria, porque a alcançara sobre adversario forte e habil.

Nada mais bello do que vêr em campo dois valentes ; nada mais ridiculo do que um encontro de apalestres.

Ha, porém, uma coisa que revolta, não só por ser irrisoria, como por ser deshumana — é o duello de um experimentado com um inhabil ; de um athleta treinado, com um curioso que, pruido no brio

ou ignorante do perigo a que se vai expôr, desce a affrontar-se com um verdadeiro agonista.

Disto tivemos e ainda teremos tristes exemplos no campeonato de « box », que se disputa no Estádio.

Não somos dos que apreciam tal esporte, que os gregos excluiram do pentathlo, naturalmente porque o achavam, como tambem o achamos, por demais brutal. O pugilato, a punho nú ou revestido do « césto », que era um guante de couro, guarnecido de botões de metal, repugnava ao povo esthéta, por desfigurar aos que nelle se empenhavam, visto serem os golpes dirigidos, de preferencia, ao rosto.

Repellido dos gregos, teve uma pequena época em Roma ; foram, porém, os saxonios que o adoptaram aperfeiçoando-o e fazendo delle o jogo nacional.

Deram os latinos em aprendê-lo a praticá-lo e com os triumphos alcançados pelo agilissimo Carpentier, a murraça foi fazendo adeptos do lado da Mancha, onde a gentileza foi sempre um attributo da gente galharda.

E tão depressa o gallo francês enterreirou no « rink » a um leopardo britannico como o socco se tornou o esporte favorito do mundo e não houve elegante que não fechasse o murro disposto a desmandibular, a desdentar por ahi fóra o proximo.

A nossa America não quiz ficar atraz e aqui ali começaram a apparecer soccadores de queixos

notabilisando-se, entre os mais ageis e mais violentos, os do Chile.

Aqui não se cuidava de tal jogo, mas como, a proposito das festas olympicas do Centenario, alguem lembrou-se de incluir no programma assaltos de « box », surgiu logo um vindiço de punho férreo, dizendo-se treinador e chamando a curso quantos quizessem provar o vigor do pulso brasileiro em mandibulas de outros povos.

Ninguem tratou de submetter o quidam a uma prova, nem consta que elle houvesse jurado ante o altar de algum santo possuir os conhecimentos necessarios da arte pugilica em que se propunha adestrar os nossos patricios. Bastou que dissesse entender do riscado para que logo o aceitassem como treinador. E começaram as aulas a muque.

O advena, como não arriscava as proprias maxillas, declarou, quando o chamaram a conselho, que tinha um grupo de pugilistas, com menos de seis mezes de exercicios, mas gente de tanta força que era capaz de deslocar, a murro, o mundo dos seus eixos. E lançou arrogantemente o desafio.

O cartel chegou aos Andes e os chilenos, que se adestram, ha muito, em munhecaços, fizeram malas e vieram, certos de que encontrariam aqui homens com os quaes se pudessem bater e encontraram . . . as victimas de um cabotinismo cruel, um grupo de illaqueados que, tendo aprendido com

esse lanista de arribação, que é incapaz de se bater com o kangurú do circo, lançou os nossos patricios contra boxadores peritos que só não os reduziram a papas porque não quizeram.

A prova não foi humilhante porque os nossos rapazes, que poderiam ter corrido ao primeiro sangue, mantiveram-se firmes, apanhando com muita dignidade e com uma coragem digna de melhor causa.

Quem é o culpado da derrota que soffreu o Brasil, que pagou ás mãos dos chilenos, como preço de atrevimento, muito sangue e alguns dentes ? a bôa fé com que nos deixamos embahir por todos os intrujões que aqui chegam, apregoando-se celebridades e desafiando o mundo, como aquelle bravateador que, de mangas arregaçadas e cenho carregado, bradava no alpendre de uma taverna :

« Não ha por ahi um valente que se queira bater com outro valente ? » E assim como appareciam bravos, ia-os elle acirrando dois a dois e, emquanto fervia o sopapo entre os que se apresentavam, o gajo, muito ancho e incólume, continuava a fanfarronar aos berros.

Felizmente para o brio dos brasileiros, os proprios chilenos, que, com tanta facilidade os vão levando de vencida, são os primeiros a declarar :

« Que os muchachos não entendem nada de « box », o que elles têm, e de sobra, é coragem e no

dia em que lhes apparecer quem saiba e os treine convenientemente, os vencidos de hoje cantarão no «rink» victorias memoraveis.»

Tirem-nos, porém, da mão do tal fidalgo, que poderá ser excellente tocador de clarineta ou de sino, artista de cinema ou fabricante de salchichas, esmurrador é que nunca será, porque não tem dedo para a coisa.

Que os soccos que o Brasil levou a pé firme, sem pestanejar, só deixando de os levar quando trambolhou heroicamente no rink no «knock out» decisivo, sirvam para abrir-lhe os olhos afim de que outro cabotino não venha por ahi propondo-se a ensinar-lhe o que não sabe e ficando nas encolhas a vê-lo apanhar até o juiz dizer basta e a Assistencia chegar.

E chama-se a tal mystificação — um campeonato de box»!

Pobre Brasil! o teu mal é fiares-te em todos os charlatães.

Apanhaste! Que as pancadas te sirvam de emenda. Trata de compôr a cara e de substituir os dentes que perdeste e não te mettas tão cedo em outra. Para experiencia basta. Já sabes quanto vale o homem que te comeu por uma perna e quanto doem os soccos. Se queres vencer a murro, arranja um mestre que tenha mão para a coisa e treina-te.

Socco é socco e só vence quem os sabe dar.

10—IX.

Prophylaxia administrativa

Andam os hygienistas preoccupados com o grande numero de nati-mortos, géneses frustras que não passam pelos berços, frutos cadivos que, mal amaduram, apodrecem ; e ainda alludem, em pauta parallela á do obituario dos que passam do seio materno á cova sem vêr o sol, aos mostrengos que entram na vida invalidos, teratologias que nos commovem e que, em Esparta, desappareceriam no fundo dos Apothetos, para que não compromettessem a plastica harmoniosa e válida da raça lacedemonia.

Tanto a anavitalidade dos primeiros como a degenerescencia dos segundos attribuem-nas os mestres á eiva dos pais e reclamam medidas eugenicas;

rigorosa prophylaxia para que os noivados, que são festas primaveris, promissoras de fecundidade, não se transformem em cerimonias lugubres, nuncias de enterros ou de deformações humanas.

O Amor vai ser, d'ora avante, fiscalisado.

Pelo que se diz, dentro em breve, não bastará que o noivo apresente, com o pedido que fizer aos pais da eleita do seu coração, uma folha corrida limpa, somma de recursos para mantença do lar, titulos de nobreza, se os tiver, e outras vantagens que o recommendem, terá, tambem, de exhibir attestado da Junta de Saude, que lhe garanta o sangue, dando-o como capaz para o exercicio honesto das funcções de pai de familia. Só assim a raça, expungida do peccado original, progredirá em homens robustos e mulheres formosas e criadoras.

De tal vicio, notado pela sciencia nos individuos, parece que se está tambem resentindo a administração da Republica.

Todos os quatriennios que findam deixam esta cidade (já me não refiro ao paiz) cheia de nati-mortos e de monstros.

As nupcias politicas não são convenientemente preparadas — realisam-se sem exame prévio e, d'ahi, os abortos. A sofreguidão da chamada «lua de mel», em vez de ser proveitosa, só dá interesse aos coveiros e o que devia apparecer como demons-

tração de vida róla na valla commum desfazendo-se em lama.

Os nati-mortos e os monstros da administração publica, a que me refiro, são as construcções e as reformas.

Sóbe um novo governo e inflamma-se immediatamente a febre constructora. Relancêa-se um olhar á cidade e, sem estudos convenientes, sem calculos de despezas, resolvem-se, do dia para a noite, tarefas que pedem annos e sommas fabulosas.

Que importa! Trace-se um plano, ás pressas, chamem-se engenheiros e architectos, ajustem-se operarios e . . . mãos á obra! E são machinas roncando, milhares de homens em movimento, material a rodo; e terras achanadas, morros arrasados, arvores detoradas, quando não são aléas que o machado impiedosamente derruba. Sacrifica-se a topographia da cidade, entra-se-lhe pela bahia formosa com uma peninsula ridicula, que se está derretendo em lôdo, iniciam-se edificações portentosas com prejuizo de enormes sommas e ainda da tradição da cidade.

Tudo isso nasce, mas nasce para morrer, porque vem com o vicio de origem que, é, seja-me permittido dizer, a falta de senso pratico.

O resultado de tantos partos administrativos ahi o temos em ruinas de edificios que não chegaram ao acabamento, que ficaram nos custosos ali-

cerces, em paredes, alguns já de sete mezes, ou quasi promptos — e são villas operarias, hoteis, casinos, quarteis, escolas, avenidas, parques, que sei eu! Tudo em meio, tudo incompleto, e ainda materiaes ao tempo, estragando-se, quando não surgem reclamações em juizo dos que se dizem lesados, reclamações que orçam por milhares de contos.

A administração iniciadora chega ao termo do seu periodo de desvarios e a que lhe succede, nada tendo que vêr com Matheus, deixa-o abandonado, que o embale quem quizer. E ahi ficam as obras em meio, enchendo a cidade de trambolhos, transformando-a em abysmo de monstros, como devia ser o barathro do Taygeto, onde os espartanos lançavam os seus aleijões.

E são esses os partos administrativos que, não só não medram, como ainda estragam o corpo de onde sahem, corpo que, no caso a que alludo, é a cidade, que está ficando toda cheia de pápulas e rugas, que são as ruinas moças, ruinas do que não chegou a ser, com os toros escalavrados das suas lindas arvores postas a baixo, todas as mostras das criminosas depredações que ella tem soffrido, como decahem, engelhadas em velhice precoce, as infelizes que se casam sem as devidas cautelas.

É uma lastima!

Quantas obras vão ser sustadas! Obras que custaram centenas de contos e que se vão desfazer ao tempo . . . porque não ha dinheiro para concluí-las!

E essas dissipações compromettedoras, mais do que da fortuna publica, da capacidade mental dos nossos administradores, hão de continuar? Não se descobrirá um meio de pôr cobro a taes esbanjamentos exhibicionistas, salvando, tambem, a esthetica da cidade?

Se todos os administradores transitorios resolverem deixar um traço fundo da sua passagem pelos altos postos, dentro em pouco a cidade não será mais do que um immenso muradal, um cemiterio de obras novas, em ruinas, um mostruario de incompetencia e vaidade e um abysmo de capital.

Contam que, um dia, homens que andavam a trabalhar em um campo, descobriram uma estatua que os deixou, a todos, maravilhados. Correram com a noticia á cidade. Acudiram os maiores a vêr o prodigio e logo, um d'elles, acclamou a figura com o nome glorioso de Vénus Anadyomene.

Era uma reliquia do Passado que surgia do chão, pura como uma flôr. E os que viram a figura olympica logo resolveram gravar os respectivos nomes

no sóclo em que ella se firmava. E assim fizeram.

Foi a estatua posta em um templo e, correndo a fama da sua belleza, fez-se logo uma romaria de curiosos, gente de todas as partes do mundo e, como todos queriam deixar o nome no lindo marmore, gravando-o fundo para que o não apagassem outros, o que era maravilha tornou-se, em breve, um monstro dilapidado, escoriado, riscado, vincado a lesins.

Com o que fazem os administradores não será outra a sorte desta cidade, formosa antes que nella houvesse entrado o homem com o camartello para destrui-la, como certos noivos arrasam, sem escrupulo, as donzellas que desposam, ou como os passageiros curiosos, por vaidade, escalavraram, com as suas assignaturas, o vulto de perfeição da Venus Anadyomene.

Façam politica á vontade, mas, por amor da Belleza, deixem a cidade em paz . . . não a contaminem, não a estraguem, não a deformem. É um dom divino que devemos respeitar e amar. Amêmo-lo e respeitemo-lo.

Crie-se um tribunal de prophylaxia administrativa e, assim como se pretende exigir dos noivos certidão de sangue limpo, que esse Conselho Superior de Moralidade Publica examine o candidato a altos cargos administrativos, vetando-lhe a no-

meação se o achar falho de bom senso ou com algum daquelles vicios que vêm enumerados em certa Arte attribuida a Vieira.

Só assim, ainda que um pouco tarde, talvez se possa evitar que a cidade pereça em ruinas de construcções abandonadas.

26 — XI.

1923

Camões

Ao Ex.mo Sr. Dr. Afranio Peixoto, presidente da Academia Brasileira, o conhecido homem de letras, Sr. Marques Pinheiro, dirigiu, a 8 do corrente, o seguinte telegramma :

« Ao Sr. Presidente e mais membros da Academia de Letras peço apoio para a idéa pela qual, ha dez annos, me venho batendo na imprensa, afim de que seja erigido nesta Capital um monumento a Camões. Campinas, centro intellectual da grande terra paulista, foi a unica cidade do Brasil que resgatou sua divida para com o quasi creador da lingua que falamos. Dentro de poucos dias se passará mais um anniversario do grande epico, é pois momento para reavivar a idéa do monumento. Ha um anno mais um artigo meu e um discurso de meu irmão Raphael levaram o ex-presidente da Republica e ex-prefeito a determinar até o local onde se levantaria o futuro monumento. Estou certo que com o prestigio indiscutivel da Academia, facil será ao congresso e ao Conselho Municipal votarem verba para que seja saldada essa sagrada divida. Attenciosas saudações. — (a) *Marques Pinheiro*. »

A idéa de erigir-se, nesta cidade, um monumento a Camões foi aqui aventada, pela primeira vez, em 1880, por occasião das grandes festas commemorativas do tri-centenario da morte do Poeta. Desde então, volta e meia, tal idéa exsurge, trazida á tona e agitada por algum espirito enthusiasta de português ou brasileiro porque, ante tal vulto, unem-se as duas nações, mais do que por amizade, pela propria alma, que é uma, a mesma para as duas patrias: o idioma.

Em 1921, quando todos se empenhavam em concorrer para o maior brilho possivel das festas commemorativas do centenario da nossa independencia, em reunião effectuada, a 17 de Agosto desse anno, na séde da Liga de Defesa Nacional, suggeriu alguem a lembrança de firmar-se no sólo da cidade, centro da vida da Nação, dois monumentos que honrassem o genio da raça glorificando a Poesia na sua culminação e a Eloquencia nos seus mais alevantados surtos — em Camões e Vieira.

Os dois gigantes ficariam fronteiros ao mar, na orla da cidade — um, verdadeiro epigono de Pallas-Athene: a dextra na espada, na sinistra a lyra «braço ás armas feito, mente ás musas dada.» O outro, a Voz grande, que encheu as naves de maravilhas e realisou prodigios com a Palavra, á maneira de Deus, criando, com o prestigio do Verbo

altiloquente, o thesouro da sũa parenetica, que é o patrimonio maior da prosa portuguesa.

Pareceu a todos temeraria a tentativa da realisação de duas obras, que pediam grandeza. De um só havia-se de cuidar para evitar o risco da inexequibilidade de um plano, por demais vultuoso. Propoz-se a escolha. A sala acclamou o Poeta.

Resolveu-se, desde logo, dar começo á grande subscripção, distribuindo-se listas aos representantes de todas as classes sociaes para que o monumento ao Cantor Maximo da Raça fôsse, verdadeiramente, levantado pelo Povo, obulo a obulo.

Eis o appello, que foi escripto, para encabeçar as listas :

Subscrição para o monumento a Luiz de Camões a erigir-se n'esta cidade na data do Centenario da nossa independencia

Imagem alguma symbolisará, com tanta grandeza e brilho, a Nação Portuguesa, como a de Camões que, não só com o poema, senão com a propria vida, representa a historia da terra e da valorosa gente lusitana.

Nas estancias eternas da epopéa, a mais estuante de amor patrio entre todas as que resôam feitos nacionaes, vive e viverá, emquanto persistir a lingua mais formosa das que floreceem em arvore latina, a historia do grande Povo que herdou dos phenicios a chave do segredo dos mares, com a qual abriu ao mundo a porta de ouro do Oeste, região maravilhosa onde jazia a America, com a sua gemma, que é o Brasil.

A vida do Poeta foi, em synthese, a vida heroica da gente lusa : genio atrevido e aventuroso, bravura e generosidade, iniciativa para emprehendimentos e enlevo na poesia, alma tão ardega na luta quão sensivel ao amor, á piedade e á ternura, d'olhos sempre deslumbrados no esplendor do Ideal e o coração sempre abrigado á sombra da Saudade.

Nem lhe faltaram feridas de batalhas, traições de mares, tormentos em terra alheia, prisões e a tristeza de um crepusculo apagado.

Para viver na Patria, fóra do espaço e do tempo, immortalisou-se o Poeta em versos que tem o brilho e a eternidade dos astros.

Genio da lingua, deve ter um altar onde quer que soe, como propria, essa expressão harmoniosa da qual disse Ferreira, vaticinando-lhe glorÍa perenne :

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa lingua e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva.

E para que fique como testemunho da gratidão ao povo dos navegadores que arrancaram a nossa Patria do segredo dos mares, glorificando, ao mesmo tempo, o Poeta maximo da Lingua Portuguesa, pedimos a todos quantos se interessam pelas duas nações que se exprimem nas mesmas vozes, uma contribuição para o munumento que se pretende erigir nesta Capital na data commemorativa do Centenario da independencia do Brasil.

Já se tratava da impressão das listas quando chegou ao conhecimento da Liga que outros se lhe haviam antecipado na idéa e cogitavam de a pôr por obra.

Não querendo atravessar-se no caminho dos que iam em marcha para o mesmo ideal, retrahiu-se c certa de que, com os elementos de que dispunham os seus precursores, em breve seria realidade o sonho de todos.

Infelizmente, porém, ainda não foi dessa vez que se pagou á memoria do Poeta a gratidão que o Brasil lhe deve e a nossa terra não tem ainda o

monumento que merece aquelle que, com mais amor tratou a

> Ultima flôr do Lacio, inculta e bella.

Que, desta vez, o appello de Marques Pinheiro não fique sem resposta, que não continue sem plano o que já devera ser uma demonstração do nosso amor, da nossa gratidão, do nosso culto.

É justo que onde sôa a lingua de Camões, avulte o seu monumento, porque não ha religião sem Deus nem altar sem imagem.

S. João

Agachado no fundo lobrego do ergastulo, qu
tresandava como uma sentina, com os pés atolado
em lama, o *nazir* tiritava.

Aranhas emmaranhavam-se-lhe nos cabellos sor
didos e longos, que mais pareciam estropalhos qu
houvessem limpado as estrebarias de marmore, ond
se escondiam as quatrocentas eguas brancas do Te
trarcha. Vermes molles, viscidos, nojentos, subiam
lhe pelas pernas magras e guedelhudas, lambusa
vam-lhe o ventre e, colleando-lhe pelo peito, escon
diam-se-lhe nas axillas, como em luras.

De quando em quando despejavam-lhe em cima
cascas de frutas, restos de comida, estravo e ou
tras immundicias e ás injurias com que elle atroav

a soturna prisão respondia, do alto, a cascalhada da soldadesca que o tomara á sua conta.

E porque só a elle perseguiam quando havia outros condemnados, reus de crimes nefandos: assassinos e ladrões, incendiarios e violadores de honras?

Que fizera elle para tamanhos tormentos e tanta vilta? Ali estava sentindo-se apodrecer e porque?

A sua revolta maior não era contra o romano, senão contra Aquelle a quem se dedicara desde a infancia, sacrificando-lhe tudo — todas as alegrias, todos os prazeres, os éstos da sua carne, os sonhos do seu espirito.

Quanta vez, no deserto, sentindo os aguilhões dos desejos, descera, a correr, para as frias aguas do Jordão e ali ficara até que, de todo, se lhe arrefecesse o sangue!

Não gosara da vida um só dos encantos que ella offerece. Nunca saboreara uma só das iguarias que eram servidas á mesa dos felizes, jámais provara um fruto, nem roçara os labios por uma taça.

Se ouvia sons de musicas jocundas atafulhava as pontas do manto nos ouvidos e, só por que certa noite, viu á porta de uma casa, em cuja padieira havia uma corôa de rosas, uma mulher pallida, de olhos negros, que estendia os braços nús, enroscados de braceletes, para um mancebo de tunica florida, foi tamanho o seu horror que o tomaram por

louco os que o viram passar correndo, aos brados a Iahvé e Elias, pedindo o fogo do céu para tamanho escandalo.

Na idade em que os outros se banqueteavam em orgias, cercados de musicos e bailarinas, elle abandonou a cidade e, seguindo o rastro das caravanas, metteu-se no deserto.

Ali tudo era esterilidade.

Arêas e dunas, rochas nuas, cardos aqui, ali; e o rio barrento escoando tristonhamente. Frutos não havia.

Para alimentar-se marinhava nas arvores ferindo-se em espinhos afim de retirar as colmêas fartas.

Assanhavam-se as abelhas, investiam e elle, debatendo-se no enxame furioso, corria para o rio, atirava-se de mergulho e, quando tornava á tona, ainda os insectos esvoaçavam com zumbido de guerra, rondando o panal que elle deixara entre os juncos até que fôsse, de todo, abandonado para chuchurreá-lo saboridamente, favo a favo.

Ou então era a caçada, de rasto, aos gafanhotos. E assim vivia.

Por agasalhos dispunha apenas de um melote que, ora trazia ás costas, ora cingido aos rins.

Á noite enfurnava-se, accendendo um fogo de sarmentos e sentia andarem, fóra, os chacaes e os lôbos e ouvia miar a hyena. E sempre, sempre mantinha a esperança presa ao céu.

Se um corvo cruzava os ares pensava logo em Elias que, no antro do Carmello, fôra alimentado por um delles. Mas não : a ave proseguia indifferente, attrahida, de certo, por fortum de carniça.

Entretanto não passava um dia sem penitencia, sem prégação e baptismo.

Ás vezes eram multidões que o obrigavam a manter-se no rio desde a madrugada até a hora do pôr do sol.

Quanta vez, á tarde, no incendio das nuvens crepusculares, julgou elle vêr o carro de fogo que arrebatara Elias e que, pela segunda vez, rolava da Altura, para buscá-lo, levando-o, em triumpho, vivo, para o céu.

Mas as nuvens iam, pouco a pouco, empallidecendo, esbatiam-se e a noite estendia-se escura, picada de estrellas.

Não fizera ainda o bastante para merecer as graças de Iahvé. Elias trovejara maldições, bradara contra os prepotentes, flagellara os viciosos com anathemas que estrondavam como raios, nada temera, affrontando-se com o poder dos homens para firmar na terra a Lei divina. Elias fôra terrivel !

E elle ?

Havia de conquistar o céu só com o jejum e o baptismo, prégando aos simples, abençoando as crianças, amparando os velhos, defendendo as virgens ?

Não. Para tornar-se digno da eleição de Deus era necessario que procedesse como o Anjo no Paraiso que, armado de gladio em fogo, castigou os peccadores, expulsando-os do Jardim das Delicias, ou como Elias que, do alto do Carmello, fulminava os viciosos.

Resolveu, então, atirar-se contra Roma contestando-lhe a grandeza e a força, negando-lhe prestigio, desmoralisando-lhe a autoridade. E tornou-se feroz.

A sua palavra era ouvida estarrecidamente pelos catechumenos e, cada vez mais ardoroso, já contava com a victoria e via Jerusalem arrasada, as torres do poderio de Roma demolidas, toda a guarnição cesareana levada a ferro e fogo : parte morta, entulhando os vallos ; parte errando pelos caminhos, sem armas, a implorar piedade pelas granjas, quando um daquelles mesmos que o haviam ouvido no deserto e que, com mais calor, haviam applaudido as suas palavras, entrando em Jerusalem procurou as autoridades para repetir o que ouvira do homem guedelhudo que se dizia continuador de Elias na obra de purificação.

Tomada, por termo, a denuncia dias depois era o Baptista agarrado, trazido á presença do tetrarcha que, depois de ligeiro interrogatorio, o mandou metter no ergástulo.

E ali ficou o vociferador esperando o carro de

fogo que levara Elias e que o devia transportar em viagem triumphal á presença de Iahvé.

Do carro de Elias desceu apenas uma róda, em forma de prato, no qual, por não caber inteiro o Baptista, foi apenas a cabeça a pedido de Salomé.

E assim venceu o propheta e tal victoria será celebrada, com fogos, na proxima semana, para glorificação do santo e escarmento dos opposicionistas, que se fiam em promessas . . . e milagres.

17 — VI.

O Etna

Mira-te no Etna, humilimo Castello, e compara a tua sorte mesquinha á do monte arrogante em cuja raiz foi sepultado Eschylo.

A ti os homens destroem e de que modo ? a ferro e fogo ? não : com agua. Dissolvem-te como se fôsses um reles torrão de assucar. Além de morte, affronta. E o Etna ?

Lá está, flammivomo, ameaçando céus e terras com fumo e materia ignea, lançando, não sei por quantas cratéras, torrentes de lava com que arrasa cidades, assola lavouras, reduz á miseria populações que fogem espavoridas diante dos caudaes combustos que lhe escorrem dos flancos.

Tu procedeste como o boi que, sendo forte como

é, curva a cerviz ao jugo e entrega-se passivamente á choupa ou ao manchil do magarefe quando, se se resolvesse a marrar, valendo-se das armas que Deus lhe poz na cabeça, não o jungiriam a carro nem o abateriam tão a gosto como fazem por esses matadouros e xarqueadas.

Não tiveste um assomo de dignidade e ponto foi o Prefeito decidir arrasar-te logo curvaste o cimo onde culminava um templo tradicional.

Compara o teu procedimento com o do Etna. Aqui fazes pena aos que te vêm escalavrado; o outro causa terror aos que o contemplam de longe, empennachado de fogo. A ti, esphacelam-te as trombas d'agua; o outro leva tudo de vencida ante vagalhões de fogo.

Aqui já ninguem se preoccupa comtigo, és um caso liquidado. Diante do Etna é todo o governo da Italia a confabular, discutindo meios de evitar catastrophes, adoptando medidas de salvação publica; são jornalistas, photographos, artistas. E o mundo todo acompanha, pelos telegrammas que se succedem, hartos de pormenores tragicos, a demonstração de energia com que o monte põe os homens á distancia.

«Deus não quer roncadores» disse Vieira no sermão de Santo Antonio. Discordo do Padre, não que conheça a opinião divina porque, apezar dos audaciosos ardis da reportagem contemporanea,

não consta, até hoje, que o Altissimo haja sido entrevistado por algum jornalista ; discordo fundado no que vejo em volta de mim e do que tenho noticia por informes que nos chegam dos quatro cantos do planeta. Se Deus não quer roncadores, como admitte o Etna e outros montes afogueados, cujas entranhas roncam estrondosamente antes dos terremotos e das erupções com que taes eminencias põem em polvorosa as regiões onde assentam ?

Ha roncadores e roncadores, como ha *fagots et fagots*.

Os roncadores a que allude Vieira são uns peixinhos que tanto têm de pequenos como de vangloriosos. E interpella-os o Padre :

« É possivel que sendo vós uns peixinhos tão pequenos haveis de ser as roncas do mar ? Se com uma linha de coser e um alfinete torcido vos póde pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto ? Mas por isso mesmo roncais. »

Realmente assim é. Cão que ladra não morde, mas sempre espanta. O melhor, por seguro, é atirar-lhe um osso porque, emquanto o esburga, tendo a boca occupada, não late.

Como as roncas do mar ha-as tambem em terra — o *rato coró* do Amazonas, por exemplo. Quem lhe ouve o vozeirão troante no silencio da noite, trava do rifle, aperta-o, põe-se em guarda certo de que vai enfrentar um monstro . . . e sahe-lhe um

rato. Roncas no parlamento e roncas na praça, em *meetings*; roncas nas artes, roncas nas letras, roncas nos salões, roncas em tudo. Essas são da natureza do tal peixe e do rato, mas que as ha a valer, roncas a serio, está ahi essa a alarmar a Sicilia, a dar que fazer aos correspondentes telegraphicos que não fazem outra coisa, de uns dias a esta parte, senão dizer ao mundo o que arrevessa o Etna em detrictos inflammados.

Que Prefeito, ainda o mais ousado, teria coragem de propôr o arrasamento do vulcão? Entretanto, como negocio, quer-me parecer que seria mais lucrativo do que o que está sendo realisado, com prejuizo da cidade, no morro do Castello.

Nas entranhas do Etna tinha Hephaîstos, ou Vulcano, as suas forjas e o deus côxo, que teve o melhor quinhão de Belleza, porque desposou Aphrodite, ou Venus, não era simplesmente ferreiro de obra grossa, era alfageme, era toreuta e ourives e, necessariamente, trabalhando com os seus cyclopes e telchinos, deixou no antro ardente muita limalha preciosa, fezes de cadinhos, senão lingotes que sobraram das tauxias com que recamou as armas de Hercules e de Marte e o famoso césto com que cingiu inutilmente a esposa doudivanas.

Se taes riquezas não tentaram a ambição dos homens não foi por escrupulo de honestidade, que isso é coisa que não conta, mas porque o monte as

defende com as armas que tem, que são de fogo.

O Castello, não. Diziam-no multi-millionario, uma mina mais rica do que a do Morro Velho, com apostolos de ouro, baixellas e paramentos ornados de pedrarias, tudo isso guardado profundamente em cryptas laminadas a prata. E tanto se falou em taes haveres que um Prefeito, animado do mais ardente sentimento de patriotismo, pensou logo em pagar a divida do Brasil com o deventre do Castello.

È de pensar a executar . . . nem esperou consentimento do Conselho. E o morro começou a ser arrasado.

Até agora . . . nem um rato. Ratasanas, muitas! essas, porém, não sahiram do morro, metteram-se nelle e engordam. O caso, porém, não é de negocio, mas de brio.

Revolta-me, francamente, a passividade dessa massa de terra tão cheia de prosapia, bloco tradicional, altar da cidade, fortaleza, observatorio, atalaia semaphorica e não sei que mais, roncando por mil bocas «que faria e aconteceria se alguem ousasse tocar-lhe em um dos flancos» e ahi está cahindo aos pedaços, desmanchando-se, não á bala ou a ponta de ariete, o que seria heroico, mas a esguichos d'agua salgada.

Morte de entrudo. Ridicula. O Etna aquillo é

que é monte. Ronca e mantem o ronco, rebenta-se em cratéras, corôa-se de fogo, cerca-se de lava, defende-se como heroe. O nosso, é o que se vê : não tuge nem muge. Sem dizer : agua vai ! foi-lhe o Prefeito galgando os lançantes, estendendo canos, e, num momento, fazendo accionar as bombas, fundiu-o em lôdo.

E assim se vai acabando o que foi uma eminencia.

De bombas d'agua precisava o Etna, mas fogos d'aquelles não se apagam assim como os dos incendios communs. Aquillo é fogo que vem de dentro, fogo intimo, ardor, enthusiasmo, brio, coisas que o nosso Castello não conhece, porque é um morro *Jeca-tatú*, desses que morrem confiando sempre na Providencia.

Deus é grande, não ha duvida, mas para que se manifeste, como se manifestou no Sinai, precisa encontrar sarça que arda, coração que se inflamme, alma que vibre. E o Castello . . . Pobre morro ! É dos taes : « Tomára que não bulam commigo ! » E vai-se deixando devorar até o ultimo torrão. E como o Castello é tudo neste amoravel paiz do « deixa andar ».

24 — VI.

Miseria

PENIA

Sim, tu assimílas Dionysos a Thrasybulo, tal, porém, não é, por Zeus o juro! a condição da minha vida; não é, nem o será jámais! O mendigo de que falas, nada tem de seu; o pobre vive, com economia, do trabalho assiduo: se não tem o superfluo nunca lhe falta o necessario.

Aristophanes. — PLUTOS.

Tem razão a Pobreza em protestar contra Kremylos que a confunde com a Mendicidade; e aínda a razão lhe assiste quando affirma, e com justo orgulho, que a vida seria impossível sem ella, porque se Plutos beneficiasse a todos, ninguem trabalharia e, por excesso de riquezas, o mundo cahiria em miseria; nú e inanido, por não haver quem tecesse o panno para vestí-lo, nem quem semeasse as terras para as messes.

E não falo dos confortos do luxo, que são superfluidades que só existem para os ricos, graças ao labor dos pobres.

A pobreza, como a descreve Penia na comedia, não deixa de ter alegria e encanto e horas de verdadeira felicidade. O thesouro do pobre, conforme a vida que leve cada um, está sempre no seu trabalho — este, tira-o directamente da terra que lavra; esse, da obra em que moureja; aquelle, da officina onde faz a sua tarefa. Um ganha a vida em idas e vindas afanosas; outro é sedentario; tal afreima-se no commercio; qual em cartorio, fulano tem obrigações que o forçam a viagens; sicrano pára em um ponto e ahi grangêa o seu pouco; ha-os marujos e militantes, e, como a vida não admitte pausas, muitos atravessam as noites em faina, só recolhendo á casa quando o sol nasce.

Mas como são compensados da fadiga com a ventura que encontram nos lares quando ha nelles governo intelligente de mulher zelosa, saude e honra!

O rico terá mais ouro, mais felicidade, não!

E são taes pobres, e não os millionarios, as verdadeiras forças da nação. Elles são para a machina politica o que é o combustivel para os motores.

De que servem caldeiras, embolos e pistões, alavancas e rodas, polias e tantas outras peças de mechanismo se falta o essencial, que é o calor, que põe tudo em movimento? Queima-se o carvão na for-

nalha, mas é a sua chamma que transforma em vapor a agua e é esse vapor a energia motriz.

Penia tem razão: a Pobreza não é synonimo de Inopia. Viesse a deusa modesta a esta cidade e não proporia a aposta com que, na comedia, tão arrogantemente, chama a terreiro Kremylos, porque a pobreza que ella encontraria aqui, se não é ainda a Mendicancia, é porque o Pudor lhe contem o gesto humilde de esmolar.

Vede-a, porém, na indigencia em que jaz opprimida pela carestia destes dias tormentosos.

Onde vive e como vive? ou se aposenta em pardieiros desconfortaveis e sordidos, sem condição alguma de hygiene, empilhando-se como abelhas em cortiços, mas sem a ordem que ha nos alveolos, sem a disciplina e o aceio que existem em taes gregarios, ou vive quasi ao tempo, ás hordas, acampando nas montanhas em choças e covas ou á beira dos caminhos suburbanos, improvisando burgos que lembram aduares de nomades.

Como se alimenta? que o digam os feirantes quando levantam as suas tendas e vêm chegar, em enxames, os farrapilhos respigadores de migalhas. E, melhor do que taes testemunhos, attestam a magreza macilenta das crianças, a cachexia dos velhos, a pallidez doentia das mulheres, o tolhiço das donzellas, todos adoentados, combalidos, famintos e exhaustos de vigilias, porque o que fazem

de dia não lhes basta e entram pelas noites em serões prolongados que os consomem.

No lusco-fusco quantas crianças, quantas mulheres esqueleticas, abafando com a ponta dos chales a tosse denunciadora da tuberculose, rumores cavernosos do peito, onde os pulmões, abertos em crateras, explodem, de repente, erupções de hemoptyses, arrastam-se vergonhosamente, cosidas com as paredes, para recolher, de casa em casa, restos de comidas que, talvez, fôssem refugados nos chiqueiros! E os miseros abençoam-nos, porque, sem elles, muitos morreriam á mingua.

Essa é a geração que nos ha de dar a progenie do futuro; são esses os preparadores da prole robusta com que contamos; é com esse combustivel que havemos de progredir.

Mas no estado a que chegou a nossa pobreza nem mais moinha é, é cinza, e com cinza hemos de avançar, principalmente agora que pretendemos subir!

Não! É necessario, é urgente que os responsaveis pela sorte do paiz tratem, quanto antes, de pôr em pratica medidas energicas de salvação publica, contendo os exploradores ávidos e impiedosos que dessangram os pobres porque, força é dizer: a miseria que depaupera os humildes é um inimigo mysterioso, cárcoma terrivel que estiola o cerne da Nação.

O nosso capital melhor, que é o homem, acha-se em peiores condições do que a nossa moeda. Caia

o cambio, mas não pereça o individuo, que é a força com que contamos para progredir. Não morre a arvore quando lhe cahem as folhas e basta um raio de sol da primavera para que revice e floreça, mas se a ferem nas raizes, succumbe.

Passou por nós um cataclysmo soprado pela vaidade. Durante quatro annos calamitosos tivemos um cyclone de empafia cujas consequencias funestas ahi estão patentes. Até um morro foi abaixo, entulhando o mar. Tivemos a peior das catastrophes que podem arrasar uma nação : a bambochata administrativa.

Já que não podemos salvar as construcções, que ruiram, tratemos, ao menos, de retirar dos escombros as victimas, que são os pobres. Restituindo-os á vida, com elles nos rehabilitaremos e o paiz, recuperando as forças, reassumirá o lugar de honra que occupava e do qual foi apeado por um redemptor que lhe cahiu em cima com um flagello de tantos lategos quantos eram os apandilhados no seu programma.

Christo novo que, em vez de se insurgir contra os mercadores, investiu furiosamente com os que eram por elles explorados.

E o templo ahi está, com o seu atrio reduzido á feira : com os açambarcadores ricos e o povo a perecer á mingua.

1 — VII.

Os córos ukraïnos

Um grande orgão, cujos tubos, em vez de serem de madeira ou metal, são de carne e osso, tendo por palheta a larynge, por insuflador os pulmões e, como registros, todos os sentimentos d'alma, eis o que são os córos ukraïnos.

Instrumento humano, afinado por Deus, constitue-se de um grupo estreitamente ligado pelo mesmo ideal que, antes de abrir as vozes, espera o timbre do diapasão do corypheu, como se escute a voz da Patria para guiar-se por ella nos cantos que desfere.

Assim as melodias, passando pelo coração desses cantores, nelle se infiltra da nostalgia que o enche, da tristeza que o amargura, de todo o longo soffri-

mento que, desde seculos, acabrunha essa Ukraïna de tão floridos e avelludados campos, como no-la descreve Mickievicz, e de heróes como Mazeppa, o hetman temerario, que o genio de Byron erigiu em monumento perenne.

Ouvindo-se aquelle conjunto não se tem a impressão de um côro, mas de uma só voz, ora abemolada em ternura, ora exaltada em sons epicos e os cantos sobem, meigos ou grandiosos, desenvolvem-se, formam, a bem dizer, o ambiente e communicam-se ao auditorio com uma força penetrante de sympathia, que o faz sentir com aquelles interpretes tudo quanto elles traduzem, ainda que lhes não entenda a linguagem.

Mas que importa a linguagem ?

Só Siegfried entendia o idioma canoro das aves, decifrava-lhes os trillos, os gorgeios celeres, as volatas, os atítos e, todavia, não ha quem o ouvindo, para falar apenas dos nossos passaros, um sabiá da matta, não sinta e entenda o seu romance sem palavras.

Os córos ukraïnos, mais simples do que os antigos, regem-se apenas por ademanes. Os córos gregos rythmavam-se pelo « aulo » ou, mais brandamente, pela lyra ; esses que, agora, nos deliciam, não se valem de instrumento algum porque, elles proprios se desenvolvem realisando, por si mesmos, o que faziam as duas frautas, cujos nomes nos fo-

ram transmittidos por Varrão: a *incentiva*, que fazia o canto e a *succentiva* que o completava com o acompanhamento.

Os córos rompem em unisono perfeito e delles sahem as vozes portadoras do pensamento poetico, como abelhas que trazem do nectario floreo o mel sorvido e o acompanhamento, á boca clusa, zumbe em surdina — é o enxame a aureolar as laboriosas companheiras.

E essa surdina vale por uma orchestra de bem temblados instrumentos de corda, dando a illusão exacta da presença, ainda que invisivel, de todo o naipe, não faltando, sequer, a harpa que, de vez em quando, se annuncia por sua sonoridade, picada, não nas cordas da sua teia de harmonias, mas nos labios de algumas das cantoras.

Taes concertos são verdadeiras onomatopéas, prodigios de imitação.

Não é só a illusão de uma orchestra que elles nos trazem ao espirito, mas a de todos os ruidos da natureza: o murmurio do vento, o sussurro brando e o farfalho das arvores, o tremulo cochichar das aguas levadias, o canto dos passarinhos, o aulido dos animaes e até... vozes de tristezas humanas e clamores de turbas ou alarido festivo de multidões.

Nem sei como ouvi-los melhor — se d'olhos abertos, vendo as turmas dos cantores com os seus

trajos byzantinos, cheios de louçainhas ; as mulheres muito ataviadas, com avellorios, armillas e braceletes, toucados de formas bizarras e de botas que as inculcam cavalleiras, galopando, como walkirias, atravez da esteppe gelada ; os homens com os luxuosos manteus ou gibões retraçados de alamares, bombachas de sêda e gorros de astrakan ; se d'olhos fechados para sonhar á vontade, imaginando a vida em um mundo sereno, com harmonias pelo ar, esparsas, como se volatilisa nas auras o perfume das campinas na primavera.

Se o prestigio da musica, celebrado na lenda, é reconhecido por todos os esthetas e pelos sabios que, hoje, como nos dias em que tal arte subtil era considerada divina, a utilisam nos manicomios para remittir, serenar a furia dos desvairados, como fazia David a Saul, a sua acção torna-se, em verdade, de encantamento, um sortilegio bemfazejo, quando nella ha o respeito religioso que se sente nos córos que nos visitam, vindos dessas terras, mais levantinas do que occidentaes, onde, em contraste com a neve, que lagêa os campos, que substitue nas arvores as folhas, que redoma as montanhas e inteiriça os rios, a inspiração arde nas almas e o enthusiasmo flammeja em todos os corações.

Pobre Ukraïna !

Chegaste a avistar a Liberdade nas tuas fronteiras gélidas e já te preparavas alegremente para

recebê-la quando a miragem se dissolveu e, em vez de cantares hymnos de festa, choraste ao peso de oppressão maior.

A Polonia, tua irman de captiveiro, desfraldou, de novo, nos ares, a sua bandeira ao som do hymno que cantava Kosciusko, e a ti, mais se te apertam as algemas e os grilhões nas carnes e mais te vexam com torturas, não mais os nobres, mas os da horda energúmena que ensanguenta e miserabilisa a Slavia.

Canta! Espalha pelo mundo as vozes dos teus filhos, Ukraïna, e é possivel que, com ellas conjugadas, em côro, para o canto, como elles têm unidos os corações no amor patrio, como fez Orpheu, na Thracia, domando feras e amollecendo penhascos, consigas das almas que commoves o que não o conseguiram ainda as lagrimas das tuas mulheres e o sangue dos teus heroes.

Canta para que te dêm a Liberdade, como os pobresinhos cantam a pedir esmola. Canta, Ukraïna captiva! Canta, cigarra da neve! Ha de chegar, um dia, a primavera que esperas!

Enxovalhadores da fé

Com ansia cada vez mais insoffrida investe o Homem o Mysterio. Já lhe não bastam as velhas doutrinas, caminhos longamente trilhados nos quaes, a não ser a verdura marcessivel da esperança, que faz orla a todos, nada mais se lhe deparou, até hoje, e o horizonte a fugir-lhe sempre diante dos olhos na distancia que se prolonga infinitamente.

Á primeira luz que avista corre sofrego, como a mariposa á chamma e como ao insecto imprudente se lhe queimam as azas, assim ao sonhador se desfaz a utopia em desengano e ei-lo tombado, de toda a altura, ao fundo da realidade, onde jaz a immensa mortualha de tantos outros que o precederam no ousio.

A alma não se contenta com a vida ephemera,
uer a immortalidade e busca-a e, tantos são os
xploradores desse «mundo» eterno, no qual o Es-
irito terá a sua verdadeira Patria, que as seitas
eligiosas, os bandos mysticos, os grupos philoso-
hicos andam pela Duvida como erravam os nave-
adores, outr'ora, em periplos e travessias, pelo
nmenso oceano, desnorteados, sempre, porém, con-
ndo descobrir nas nevoas novas praias, novos e
oridos montes, gentes novas como, effectivamente,
onseguiram descobrir.

Tal fortuna, porém, não bastou ao Homem in-
ciavel e, apezar de não conseguirem as prôas atre-
das romper os gelos que encerram, como folhas
rancas, o Grande Livro da Vida Humana, no qual
io somos mais do que letras minusculas nos ca-
tulos das eras, impressos em paginas chamadas
giões, ainda ha contumazes que se acirram em
rçar passagem além do Indice, já feito, de todo
contexto do planeta.

Sem esperança de conseguir «*algo nuevo*» na
rra, tentou o Homem a aventura etherea e alou-se.

Já não ha quem duvide da possibilidade do vôo,
es e tantas têm sido as abaladas venturosas. É
tra victoria que, talvez, dentro em breve, leve
aventureiro tão alto que elle possa correr, não
is em navegações ao longo das nuvens, que são
espumas que afloram o littoral da terra, mas o

oceano azul, o grande e cérulo Pacifico, que os leve a
outros planetas, como o mar verde, que nos envolve
leva os que por elle circulam aos varios paizes.

E nesse dia, como ainda não se dará por satis
feito o Homem, elle ha de querer entrar no Rein
promettido á Alma e annunciado por tantas voze
propheticas, cada qual com o seu pregão e um Deu
em uma doutrina, como symbolo figurado em pa
vilhão de guerra.

Quer-me parecer, dado o intuito de todos o
crentes, que não deveria existir discordia entre o
proselytos das varias religiões, porque todos se ba
tem pela mesma conquista, a de uma verdade unica
a existencia de Deus.

Quando, em volta de Jerusalem, nos grand
dias da Fé christan, se ajuntaram reis, princip
e nobres feudaes, o castro immenso de milhares d
pavilhões e tendas ostentava numerosos pendõe
bandeiras e estandartes, cada qual de um mona
cha ou rico-homem que concorrera com a sua me
nada, nem pela variedade das signas divergiam
pensamentos dos guerreiros, porque o que tod
pretendiam, e por tal se haviam mobilisado em t
longa e difficil arrancada, era a libertação do San
Sepulcro.

Assim os Credos, que se baralham na marc
ideal em que avançam, vão pela mesma Fé ain
que, cada qual, desfralde um principio ou dogn

O que se deve combater e repellir das hostes, quaesquer que ellas sejam, são os que seguem na códa dos exercitos, não como combatentes, mas como exploradores.

O mesmo acontece com os leões na brenha ou no deserto. No rastro dos felinos possantes insinuam-se chacaes, hyenas e raposas, amatilham-se cães selvagens para aproveitarem os restos das caçadas que elles abandonam depois de fartos.

Os aventureiros que acompanhavam os exercitos libertadores ao Oriente não se arriscavam nas batalhas e, emquanto os montantes se chocavam com as cimitarras e ás vozes sarracenas respondiam os brados dos christãos nos entreveros sanguinosos, elles, cautelosamente, amoitados, esperavam que se decidisse o encontro, pouco lhes importando que a victoria se manifestasse por este ou por aquelle partido — o que elles queriam eram os despojos.

Á noite, quando cessava a carnificina e a sombra e o silencio impunham-se no campo, horas antes inflammado e retumbante de rebates d'armas, sahiam elles dos esconderijos em que se haviam alapardado para revolver os cadaveres, roubando sem preoccupação: tanto o crescente de ouro do muslim como a cruz de ferro do templario.

E são taes rabiscadores os mesmos que, como a hyena, o chacal e a raposa, quando não acham

rejeitos de leões, assaltam as moradias ou revolvem tumulos, que compromettem as religiões a que se filiam por méro interesse, turvando-lhes a pureza com os actos indignos que praticam.

E, de tal gente, ha em todas as religiões — são os tartufos no catholicismo, os *quakers* beatorros entre os lutheranos, os fakires mystificadores do budhismo, os santões do islamismo, os pagés e feiticeiros dos cultos barbaros, os nigromantes do espiritismo.

De que vivem taes rufiões indignos ? da exploração da bôa fé dos simples e pelos males que fazem pagam as religiões das quaes se inculcam apostolos, quando, em verdade, taes religiões os repudiam por não poderem aceitar em suas igrejas ou assembléas discolos de tal especie.

Ha dias li eu em um jornal o seguinte annuncio :

«Espirita somnambulo. Consultas sobre qualquer sentido, fazendo desapparecer os atrazos, embaraços e rivalidades da vida, por mais difficil que seja, trabalhos verdadeiros e garantidos ; na rua...»

Não quero discutir aqui o espiritismo, digo apenas que ha honestidade em tal Crença, a mais antiga do mundo, que hoje conta, como adeptos, mais de dois terços da população do globo, e tantas manifestações tem dado da Verdade, que nella affirmam os seus crentes existir, que a Sciencia já resol

veu estudá-la e o proprio Vaticano destacou uma commissão de sacerdotes para verificar-lhe as provas.

O que affirmo, porém, é que o espiritismo, que, com a sua doutrina consoladora, quando prégada por missionarios de verdadeira fé e coração puro, presta allivio a muitas almas desesperadas e soccorro a muita afflicção e miseria, certamente não permittirá explorações como a desse annunciante, que se adossa á sua doutrina para viver á tripa forra.

Que culpa tem o catholicismo de que certos mendiantes, que até dos santos se aproveitam, engordem nos degraus das igrejas? Livrem-se as religiões dos que as defraudam e todos os cultos serão puros e dignos de veneração porque convergem para o mesmo ideal, que é Deus.

Infelizmente não ha trigal sem cizania, como provou Jesus.

22 — VII.

Um heroe

Quando Souza Bispo me mostrou o roteiro da viagem que ia emprehender ao Maranhão, a pé, confesso que confiei tanto em tal aventura como confiaria se elle me houvesse annunciado a sua partida proxima para Saturno.

As duas marchas não se comparam — para a primeira ahi está a terra firme e trilhada em toda a sua extensão por numerosos comboios de tropeiros e, em alguns pontos, cortada de linhas ferreas emquanto que para o planeta tudo está ainda no ar

Não era o tramite que me fazia duvidar da levada, mas o itinerante. Baixinho, de compleição debil, certa timidez de maneiras, Souza Bispo não me parecia talhado para tal rasgo.

O interior do Brasil, principalmente na parte que se dirige para o Norte, não offerece seguras garantias a quem por elle se atreve. Não é que as suas estradas (tivesse-as elle!) sejam corridas por bandoleiros, que as suas cavernas escondam quadrilhas de salteadores que tomem o passo ao viandante apontando-lhe o bacamarte ao peito, e desvalisando-o a ponto de o deixarem apenas com a camisa do corpo.

Taes farandulas, felizmente, não infestam os nossos sertões.

O que os torna inhospitos e aggressivos, difficultando-lhes a travessia, é a propria natureza, tão varia nos differentes tratos — ora opulenta em florestas cortadas de rios caudalosos que, não raro, se despenham em cachoeiras, cujo estrondo, atroando o silencio religioso das mattas, estarrece o viajor, ou então a aridez dos taboleiros seccos, de saibro que range ao piso e, quando lhe dá em cima o sol, requeima como borralho de fogueira, carrascaes espinhentos, de sólo pétreo, amontoado de rochas calcinadas de onde sahem, rabeando, viboras, onde se criam escorpiões e aranhas, e, de vegetação, além do cardo hispido e da piteira em espatulas, não ha mais que a hervagem rasteira que encordoalha enliçadamente o terreno.

De leguas em leguas um tejupár, um rancho pauperrimo vivendo do que produz uma horta miseravel. Animaes — cabras que trepam pelos pe-

nhascos, pastando a macega secca que brota nas frinchas do penedio.

E campos a perder de vista, desertos verdes por onde correm veados e antas o galopam airosos rebanhos de emas.

Dar-se-á que seja a terra sáfara ? não, tudo é falta de quem a cultive ; são os immensos latifundios virgens que esperam a fecundação do homem para rebentar em flôr.

Deixá-se a margem de um rio e, abalsando-se na manhan seguinte o que se encontra é a esterilidade árdega como a do deserto em que chorou Agar com Ismael ao collo a morrer de sêde.

E as terriveis surpresas, como as que tiveram esses jovens heróes, os escoteiros do Rio Grande do Norte, que, em numero tão reduzido, sem armas e sem viveres, largaram-se dos seus pagos e chegaram até nós : ameaças de indios, perseguição de féras, a furia sanguisedenta de moscardos e mosquitos, as dentadas venenosas de serpentes e de insectos, a intemperie — ora soalheiras comburentes, ora aguaceiros que tudo alagam e assoberbam em rios os corregos mais brandos ; e as insidias dos lagos floridos, moradias das febres, das quaes foi victima um dos escoteiros da Bahia.

De todas essas difficuldades eu me lembrava ouvindo Souza Bispo e quando lhe dei o abraço de despedida, disse de mim commigo :

« Isso é enthusiasmo para uma semana. Mais dia, menos dia, vê-lo-ei na Avenida justificando-se de não haver proseguido no tentamen por falta de meios ».

Pois enganei-me e fólgo em declarar em publico o meu erro. Enganei-me com a apparencia fragil do meu conterraneo, posto que elle, serenamente, me houvesse affirmado que tinha treino de calcurriadas longas e que as difficuldades de taes travessias não o intimidavam. Demais — elle queria, havia de ir. Antes de julho pisaria terras maranhenses e, na data secular da independencia da nossa terra, estaria com o seu povo. E assim foi. Intelligente, como é, e amoroso da Patria, Souza Bispo não arrostou tão difficil caminhada pela simples vaidade de provocar louvores como andarilho, corredor de terras agrestes. Interesse mais nobre estimulou-o para tal arrancada e esse foi o de conhecer o coração do Brasil, vêr, com seus proprios olhos, as grandezas maravilhosas e as tristes miserias da Patria, conversar os simples que vivem nessas profundezas quasi desconhecidas, ouvi-los nas suas queixas, instrui-los no que pudesse, semear nas gentes rudes os germens de civismo de que ellas tanto carecem, falando-lhes da vida, corrigindo-lhes os costuems, industriando-as em segredos faceis de maior e melhor proveito tirarem do trabalho em que labutam e de se curarem de enfermidades que as consomem.

E ainda, como evangelisador, parando de rancho em rancho, de pouso em pouso: hoje num cabanal de cinco ou seis palhoças: dias depois em uma villota, já com algumas casas cobertas de telha, armazem de commercio, capella de reza e um velhote, de palmatoria á cinta, diante de seis ou oito crianças em fraldas de camisa e descalças, obrigando-as, sob ameaça de bolos, a soletrarem cantando, para falar da Patria, da grande Patria, que é o Brasil e da forma de governo que a dirige, com séde em uma cidade grande e formosa como as dos contos de fadas.

Tal propaganda, que elle me prometteu fazer, estou certo de que fez, porque agora acredito nas palavras desse homem que me pareceu tão fragil e que, com um farnel de pique-nique e um cajado, foi-se daqui a pé sem reclamos, atravessou toda a immensa faixa de terra daqui ao Maranhão e, no dia em que promettera lá chegou, e com as salvas que proclamavam o primeiro seculo de vida nacional para a terra de Gonçalves Dias, entrava em São Luiz para repousar no seio amigo da terra que é delle e minha, muito amada.

O meu erro foi vêr o homem, na apparencia. Conhecesse-lhe eu a tempera da alma e não teria duvidado do que elle realisou com tanta serenidade e heroismo.

12 — VIII.

Benedicta!

Ajusta-se-lhe á maravilha o nome Benedicta. E ella o é!

Bemdicto o ventre de tanta fecundidade no qual o amor desabrochou em tres vidas!

O caso dessa mulher — Benedicta Maria de Moraes que, recolhida á Maternidade das Laranjeiras, deu, de uma só dôr, tres vagidos, é dos que commovem e despertam sympathia nas almas bem formadas.

Ave! Louvada e abençoada seja a criatura simples que, apezar das agruras, cada vez mais penosas, da éra apertada que atravessamos, trabalhosa e escassa, desconfortavel e triste, sentindo-se a mais e mais embaraçada para vencer as multiplas diffi-

culdades dos dias vigentes, não descorçoou um só instante, nem pensou, jámais, em insurgir-se contra o destino, abandonando cruelmente á morte as vidas que lhe palpitavam no seio.

Pelo rythmo do seu coração amoroso acertavam-se tres outros corações pequeninos e o sangue sadio das suas veias circulava alegre mantendo os seres que se geravam no seu ventre : um ninho.

É um espectaculo verdadeiramente augusto, quasi divino, esse de sahirem de uma genese tres infancias, de rolarem na mesma onda amniotica tres vidas, como se de uma concha se desempolhassem tres perolas de igual tamanho, e valor.

Ao vêr em volta de si a innocente e graciosa trindade em que pensaria essa mãi predestinada ? no peso excessivo da carga para seus braços ? na demasia de bocas ávidas para seus dois peitos . . . ? Terá pensado em tudo, menos, de certo, na difficuldade de repartir a ternura de um só coração com tres amores, porque milagre tal, e ainda com maior largueza, fazem-no todas as mãis.

Bemdicta seja a que assim se multiplicou em vidas como se abre em petalas uma flôr.

Que orgulho póde e deve ter essa mulher, vendo-se cercada de anjos !

Infelizmente, porém, a terra não é o Paraiso

onde a vida é facil e suave e os anjos sustentam-se da graça de Deus.

Ha na terra peccadora o frio, que regela e péde lan ; ha a fome, que inanisa e pede pão ; ha a sêde, que rescalda e pede agua ; ha a intemperie, que reclama o tecto de agasalho ; ha as enfermidades que exigem medicina e dieta ; ha todos os males e dissabores da vida.

Se um homem, e dos que mais valentemente labutam de sol a sol, vê-se hoje em talas para prover-se do indispensavel, que fará uma pobre mulher tendo os braços tomados por tres crianças e mais : com a necessidade de nutrir-se por quatro, porque, além do sustento que para si carece, terá de o tomar com excesso que baste para fortalecer e augmentar o leite de que viverão seus filhos.

Por emquanto, o deslumbramento em que se acha a aureola que a envolve não lhe deixa vêr a treva lugubre que a espera, cá fóra, quando lhe fôr dada alta para que deixe o leito em que se agasalhou.

O Anjo que acudiu á voz de Agar no deserto já não attende ás supplicas das mãis.

Debalde as miseras clamam, choram, soluçam, deprecam, implorando soccorro.

Na vertigem em que passam os dias não ha tempo para attender aos que soffrem e jazem em miseria pelos caminhos, vendo girar a roda da For-

tuna, carrocel tremendo com que brinca o Destino, derrubando, por vezes, no célere rodopio, aos que se julgam seguros.

Essa mulher, que agora attrahe a si a attenção da Cidade, e que *A Noite* descobriu na Maternidade, sorrindo entre os tres pequeninos gemeos, que será amanhan: mãi venturosa ou victima de si mesma, da sua propria força humana? Abençoará a hora em que não deu uma só luz, mas uma irradiação, ou amaldiçoará, chorando, esse instante maravilhoso, que lhe transformará a vida em threno de miseria, com o côro das crianças nuas e famintas acompanhando os lamentos do seu desespero?

Se o Anjo, que appareceu a Agar, já não trilha os areaes dos desertos para mitigar a sêde dos que bradam aos céus, outros existem neste valle de lagrimas, felizmente para os sem ventura.

Como são pequeninos moram em um cantinho do Paraiso, posto por Deus na terra, que se chama — o coração da Mulher.

Esses seres divinos, que são os genios da Caridade, não deixarão, de certo, que essa pobre mãi, tão feliz, até hoje, entre as suas tres graças, sinta, amanhan, os peitos seccos por haver esgotado em lagrimas o que nelles devia correr em leite e soffra vendo, no seu girão, os seu amores perecerem por não haver quem, como o Anjo que appareceu á es-

crava expulsa, lhes dê o que os salve e que lhe restitua, a ella, a felicidade para que não maldiga a maior gloria a que póde aspirar a Mulher — a de ser mãi.

Abram as senhoras o coração e deixem sahir a Piedade por essa creadora, cujo nome é benção e sôa como saudação ángelica : Benedicta !

19 — VIII.

O coche

Sujo, fouveiro, com a capóta em frangalhos, uma das rodas tendo o aro quasi solto, ao timão dois burros magros, o coche estacionava diante de uma venda, na rua das Laranjeiras.

Á boléa um garoto em mangas de camisa; na táboa trazeira, madraçamente refestelados, dois crioulos em sordida esbodegação: descalços, de grenha refoufinhada, cavaqueavam ás cachinadas, atirando dichótes sórnas ás raparigas que passavam.

O cocheiro refrescava a guela, decerto, com um codorio, á espera do resultado do jogo que fizera no « bicho ».

E o coche ali estava, ao sol, exhibindo a sua miseria triste, e, mais do que isso: o nosso desamor pelo que tão de perto nos toca.

Não era um vehiculo commum, um desses ar-
cabouços de traquitanas que servem para aderenço
de animaes de tiro: era uma das antigas carrua-
gens da Casa Imperial.

Nós — é sabido — pouco interesse ligamos ás
nossas reliquias; a propria natureza, tão celebrada
na sua formosura, soffre diariamente os ataques
dos que mais a deviam proteger.

Ahi está a bahia entulhada com o aterro do Cas-
tello; as florestas tombam ás machadadas; as fon-
tes desappareceram.

Banheiros naturaes, emparedados pelo arvo-
redo, em volta dos quaes e pelas immediações, aos
domingos, arranchavam-se familias em pique-ni-
ques, com farta comesaina e garrafeira em cestas
, emquanto os pequenos, á solta, trebelhavam
agua limpida, que saltitava, espumosa, por entre
pedras, os velhos espaireciam felizes ou dormita-
vam estendidos na herva ouvindo cantar o passa-
redo nos ramos . . . quem os terá destruido por amor
a . . . Belleza ?

E arvores frondosas, que eu conheci na meni-
nice e . . . Emfim !

Para os nossos homens o passado, por haver
corrido, é cadaver que deve ser enterrado. Pois
que o sepultem; sempre é melhor do que consenti-
rem que andem os seus mortos profanados, ser-
vindo de motivo de chacóta aos vivos.

O caso do coche é significativo.

Naquella carruagem, em que se alcandorava o garoto e rinchavelhavam dois madraços, andou outrora, o imperador.

Precedida por batedores, que annunciavam o monarcha ao clangor estridulo de clarins, rodava desde a Quinta da Bôa Vista, com um esquadrão de cavallaria a acompanhá-la, até a cidade e, onde quer que chegasse, era recebida ao som do hymno e com a homenagem das armas e acclamações do povo.

E onde parava ? sempre á porta de edificio onde se prestasse um culto : templos, academias, collegios, theatros, se nelles se representavam peças do repertorio superior ou de autores nacionaes, ás quaes nunca o imperador negou o prestigio da sua presença, ou então quando se tratava de demonstrar a nossa alta cultura social, em bailes, não reboleiros como os de hoje, mas de cortezia e elegancia.

Ei-lo agora, o pobre coche, parado á porta de uma venda, á espera de que o cocheiro se emborrache para levá-lo, aos trancos, pelas ruas da cidade.

Que podem os contemporaneos esperar do Futuro vendo o desprezo com que se amesquinha e avilta o Passado ? Boa lição de civismo dão aos jovens os que consentem que as tradições trambolhem assim pelas portas das betesgas, servindo de irrisão á calaçaria das farandulas.

Uma bandeira quanto mais velha mais digna se torna do nosso respeito e, se vem rota, esfiapada da guerra, reduzida a uma nesga de sêda na haste, afigura-se-nos tão sagrada como um dos objectos que ornam a ara, porque, se nos não fala de Deus, no sacrificio cruento, recorda-nos o sacrificio, tambem de sangue, dos que succumbiram pela Patria.

Um patriota, de animo virtuoso, não consentiria que papeis em que houvesse algum relato historico ou a firma de um grande nome passassem ás mãos de um mercieiro para que nelles embrulhasse compras.

Essa carruagem, sahida das cocheiras imperiaes para a rua, rodando aos trambolhões de molas enferrujadas e com molecorio á boléa e na táboa onde, outrora, figuravam os lacaios palacianos de farda e calções e tricorne arminhado, causou-me piedade e, porque não dizê-lo ? vergonha.

O nosso povo indifferente não dá importancia a taes ninharias ; o estrangeiro, porém, que as vir, fará de nós, e com razão, tristissimo juizo.

Não é assim que se educa a nova geração. O mesmo seria um pai consentir que o filho fizesse sahir á rua o velho avô decrepito e o fôsse acompanhando, a rir-lhe dos passos trambecados, dos gestos airados que fizesse, levando-o a tascas, forçando-o a embriagar-se para depois soltá-lo, cambaleante, no meio da garotada.

Se não ha quem cuide de taes antiqualhas qu
se proceda com ellas como fazem os sacerdotes co
os registos sagrados que o tempo mancha ou a
traças corroem — queimem-nos.

As velhas bandeiras são reduzidas a cinzas e
fogueiras rogaes, como as imagens quebradas, o
retabulos e os registos estragados. Façam o mesm
a essas lembranças de um fastigio decahido.

Não consintam que os objectos que acompa
nharam um periodo, longo e honrado da nossa his
toria, andem assim na troça, correndo a romari
da vergonha.

Temos agora um Museu Historico e dirigido po
um artista que tanto se interessa pelo patrimoni
que nos legou o Passado. Que elle saia a procura
esse misero coche — e não lhe será difficil encon
trá-lo em alguma das cocheiras do Cattete — qu
o adquira, senão para mostrá-lo, em alguma da
salas da Repartição que dirige, (que, em verdad
pouco ha que vêr em tal ruina), ao menos para res
gatá-lo do ridiculo a que o expõem os seus donos
É triste vê-lo aos solavancos por essas ruas, com
calhambeque a serviço de domador de potros.

Sabe-se que grande parte dos objectos — alguns
preciosissimos — da Casa Imperial desappareceram
sonegados, outros, adquiridos no famoso leilão rea
lisado na Quinta de S. Christovão, foram levados
para o estrangeiro, entre estes devo citar as lindas

alabardas dos archeiros, lavradas primorosamente como as bisarmas de Damasco.

Como acontece aos corpos dos que perecem afogados que, depois de algum tempo submersos, affluem á tona e boiam a pedir jazida em terra, assim está acontecendo com alguns dos « desapparecidos » do Paço.

Dizem que o exemplar dos *Lusiadas*, que era um dos mais preciosos numeros do catalogo da livraria palaciana, já deu entrada na Bibliotheca Nacional. Pratos do serviço de Sèvres, marcado com a corôa imperial, ornam paredes de casas particulares ; um gobelino, com o retrato de Napoleão, creio que tambem voltou ao patrimonio nacional.

Mas que é isto para o que havia em baixellas e mobiliario, tapeçaria e joias, armas, lençaria, sellas e apetrechos de equitação, telas, marmores e bronzes e a rica e rara bibliotheca com cimelios de grande estima e preço como o da Biblia de Guttemberg ?

A caça a taes reliquias esparsas não ha de ser facil. Faça-se, ao menos, alguma coisa pelo que fôr apparecendo a flux, começando por esse coche que anda a arrastar velhice por entre automoveis, com a capadoçagem a entulhá-lo e a molecada a segui-lo.

Pobre coche ! Quem te viu, como eu, nos teus régios dias e que hoje te vê parado á porta de vendas, com dois burros magros ao timão e um grupo

salafrario a troçar com as rascôas negras do alto da táboa onde, outr'ora, se perfilavam os lacaios de cadogan !

Pobre coche !

Assim como tu, tudo decahe em nossa terra. Somos o povo do dia a dia, povo sem memoria do passado e sem ideal, que é o estimulo para o Futuro.

É verdade que os dias de hoje, vertiginosos, como são, não admittem coches de tábоas, mas automoveis . . . A França, entretanto (e tanto procuramos imitá-la nas suas amostras de . . . Montmartre !) orgulha-se ainda do carro de bois em que viajavam, ronceiramente, os seus cabelludos merovingios.

É verdade que a França tem historia e preza-a.

26 — VIII.

In pulvis

258$317 (duzentos e cincoenta e oito mil trezentos e dezesete réis), eis quanto cada um de nós deve aos banqueiros inglezes, francezes e americanos pelos varios emprestimos contrahidos pelo Brasil nas praças de Londres, de Paris e de Nova York.

Cahiu-me a alma aos pés quando tal noticia li. Com as aperturas da vida que levamos, sujeitos á capoeiragem do dollar, aos cangapés do franco e aos atrevimentos da libra, que hoje pesa mais de uma arroba, confesso que a surpresa me deixou estarrecido.

Tres pessôas distinctas e um só credor verdadeiro e da tempera de Shylock, eis o que me appareceu ante os olhos logo depois da leitura da conta

em que estão empenhados, segundo a estatistica os trintas milhões, seiscentos e trinta e cinco mil seiscentos e cinco habitantes deste immenso e prospero paiz que se estende do Amazonas ao Prata com mais contas do que um rosario.

Eu, as minhas dividas, pago-as como Deus servido, saldando-as de vez ou amortisando-as em prestações, pelo processo bysantino que foi introduzido pelo turco do « phosphoro barato », hoje capitalista. Sei o que devo, porque tenho tudo escripturado e as notas dos meus fornecedores esclarecem-me miudamente sobre os meus compromissos.

Desses duzentos e cincoenta e oito mil, trezentos e dezesete reis francamente . . . não me lembro.

Que recebi eu de ingleses, franceses e americanos que valha tal quantia ? nada. Pois se nada comprei a tal gente, como me atiram ás costas a responsabilidade de tamanha divida ? Hei de pagar o que os outros comeram e beberam á tripa fôrra, o que esbanjaram alagadeiramente, o que distribuiram com os amigos e apaniguados ? Não, não é justo.

Não mandei arrasar o Castello, até me insurgi contra a cavação, principalmente depois que soube que a terra do morro ia ser lançada ao mar, compromettendo a belleza da cidade com um espigão como o tal promontorio que, apontando a barra, parece dizer que aqui tudo vai por agua abaixo.

Não fui ouvido nem cheirado sobre os planos da exposição, que só serviu para dar mostra ao estrangeiro de que, em assumptos administrativos, nós temos mais que competencias: temos aguias.

Não disse palavra sobre a electrificação da Central, nem tão pouco intervim nas obras do Nordeste.

Todas essas empreitadas — e não falo nas menores, hoteis, casinos, saneamentos e outras manjubas — foram feitas á minha revelia.

Emquanto os homens, que tinham a faca e o queijo, cortavam as gordas fatias, eu lavava as mãos na bacia de Pilatos, até porque, com a prudencia que taes operações exigiam, os senhores da situação cercaram-se de todas as garantias, a começar pelo estado de sitio, que era assim uma especie de narcotico como o que, em tempos, andou aqui muito em voga e sempre empregado com exito feliz.

Ora se não encommendei sermões a praças estrangeiras, que direito têm ellas de apresentar-me o *coupon* da minha quota no rateio nacional? Que cada qual pague as despezas que faz, é natural e justo, mas que pague pelos outros, não.

Duzentos e cincoenta e oito mil, trezentos e dezesete reis por cabeça... Isto é o que se chama pôr a faca aos peitos ou apertar o nó na garganta.

O brasileiro nasce com dois peccados originaes,

ambos de vicio gargantão : o que lhe impoz a fruta comida no Paraiso por Adão e Eva e o que lhe advem de comedeira mais recente.

Para o primeiro tem o homem, graças á Igreja, um meio de resgate no baptismo e todo o veneno do fruto prohibido deposita-se no fundo da pia; para o segundo é que não ha remedio, havemos de o pagar, com lingua de palmo, á boca do cofre, se não quizermos que elle nos seja cobrado pela boca dos canhões ou, de mais alto, pelas bombas dos aeroplanos.

Certos cavalheiros, aparentados com criaturas mãos rotas, dessas que não medem despezas e fazem contas á porta e em tudo quanto é loja e ainda *mordem* conhecidos, quando as coisas se tornam excessivas, publicam nos *A pedidos* dos jornaes declarações premunitorias « de que não se responsabilisam por compras a credito ou emprestimos feitos por fulano ou sicrano. »

Tal deveria ter feito o Povo brasileiro nos jornaes de Londres, de Paris e de Nova York quando andaram por taes praças a pedir escandalosamente em seu nome a dinheirama fabulosa que, como as historias da Carochinha, entrou por uma porta e sahiu por outra.

Sahiu, mas deixou o virus e esse virus, só em juros, custa-nos por anno a brincadeira de 63:453:564$444. É obra!

Não ha coisa que mais dôa do que pagar para

a musica, quando nem sequer o som lhe ouvimos. Todas as notas da chirinola da indecorosa bambochata foram-se para outros ouvidos, com ellas foi dançada a grande quadrilha da qual ha de ficar memoria nos fastos da Republica.

Elles dançaram-na, mas, em verdade, quem agora se vê na dança é o Povo : sou eu, és tu, leitor, sois todos vós, brasileiros e estrangeiros, tambem arrolados no Recenseamento.

Nós é que havemos de pagar a pandega ; nós é que havemos de entrar com a parte da capitação taxada pelos cobradores. Emfim . . . Já agora não ha remedio. Não protestámos em tempo, fiados na palavra de quem dizia que só se preoccupava com a gloria, a honra e a prosperidade do Brasil e o resultado ahi o temos — 258$317 !

« Ora, a Ordem é rica e os frades são poucos », dizem os optimistas pacientes e mansos como Pangloss. Sim, a Ordem é rica, mas as minas esgotam-se ; os frades são poucos, mas é cada guela ! que até lembra o Nirvana do poeta, que, quanto mais lhe davam, mais pedia, com voracidade insaciavel.

A verdade é que a conta tirada a limpo ahi está e no rateio cabe a cada cidadão 258$317.

Tratemos de apertar a barriga e, apezar de brasileiros, façamos como o hollandês do adagio, antes que nos venham forçar arrogantemente a porta com os esporões de navios.

Realmente para pulverisar não ha outro. Com mais uns mezes teria reduzido o proprio paiz a pó e, ao som do *Dio del oro*, como Mephistopheles na opera, para mostrar grandeza, em vez de o atirar ao chão, soprá-lo-ia desprezivelmente aos ventos e, com o pó, desappareceria . . . o resto.

2 — IX.

Resurgimento

Os que esperam, com fé, o resurgimento do nosso Theatro devem estar contentes, porque o milagre começa a realisar-se.

Duas companhias nacionaes de comedia funccionam regularmente — uma, no S. José; outra, no Trianon e ainda terceira, a de Oduvaldo Vianna, tendo como figura principal Abigail Maia, percorre o Sul e creio que já passou a fronteira do Brasil annunciando-se em Montevidéo de onde, depois de uma serie de espectaculos, irá a Buenos Ayres.

É o reviço do que jazia enterrado; são os novedios que repontam. E como os que lavram o terreno e cuidam da planta, que resurge, sobre serem competentes, entram em tal tarefa com decisão e

amor, não ha exaggero nas vozes pregoeiras que annunciam para breve o reflorecimento da Arte que já nos presenteou e, prodigamente, com os mais bellos frutos.

Foi isto no tempo aureo, quando por ella trabalhavam honestamente escriptores e actores — e não falarei senão dos meus contemporaneos, citando, dos primeiros: França Junior, Arthur e Aluizio Azevedo, Moreira Sampaio, Valentim Magalhães, Figueiredo Coimbra, Oscar Pederneiras, Soares de Souza Junior, Ferreira de Araujo, etc; e dos segundos: Furtado Coelho e Lucinda, Guilherme de Aguiar, Vasques, Dias Braga, Eugenio de Magalhães, Ferreira de Souza; Ismenia dos Santos, Jesuina Amoedo, Clelia, Gabriella Montani, Balbina Maia, Fanny, Helena Cavalier que tanto elevaram, entre nós, a arte de representar.

O adormecimento que succedeu a esse periodo de fecundidade lembra o pousio das terras e o que nellas se dá quando, depois de mésse farta, o lavrador, por indifferença ou desidia, deixa de amanhá-las. Logo o maninho apparece, abrolha rapido, alastra, toma d'assalto o terreno transformando em agro o que fôra lavoura cuidada.

Foi exactamente o que aconteceu com o Theatro.

O grande exito da primeira revista, aliás primorosa, estimulou os autores novos a tentarem o

genero e os emprezarios a explorá-lo. E começou a praga e, tal foi ella, que invadiu todos os palcos abafando asphyxiantemente o drama e a comedia, como os cipós e as hervas parasitas matam, não só as searas, como arrocham e estrangulam arvores das mais possantes da floresta.

E a revista, degenerando a mais e mais, chegou ao que hoje vemos : espectaculos ante os quaes as licenciosas fescenninas romanas seriam modelos de innocencia e candura.

A reacção, porém, começa a manifestar-se e de modo a assegurar-nos a victoria para muito breve.

Nada nos falta. Temos autores, interpretes e publico. O Trianon enche-se todas as noites e o S. José, ainda malsinado com a lembrança das moxinifadas que nelle eram exhibidas, começa a attrahir concorrencia, graças ao prestigio do nome de Leopoldo Froes.

Eis um artista que póde fazer tudo pelo Theatro, porque dispõe de todos os elementos para vencer. Vocação para a scena, encarna-se em qualquer typo e realisa-o com propriedade, reflectindo a « alma » sonhada ou observada pelo poeta. Culto, não lhe são estranhas as figuras principaes do Theatro, convive com ellas, estuda-as, analysa-as e, quando as sente, ninguem, melhor do que elle, as interpreta.

Agora mesmo anda elle empenhado em obra que exige, mais do que esforço, sacrificio e, pelos primeiros passos de ensaio no S. José estamos em affirmar que a levará por diante.

Rehabilitando a scena elle despertará nos autores a coragem abatida e virão peças que exponham a nossa vida, que tragam á tona do presente factos, tradições, costumes do passado; que espelhem a agitação contemporanea e retratem os typos nossos, authenticos, não copiados dos figurinos de Bataille, Bernstein, Porto Riche *et reliqua*, mas verdadeiramente brasileiros, com o caracter proprio, qualidades e defeitos, habitos e costumes naturaes.

O Trianon, com artistas de valor no elenco, dá-nos a pequena comedia; a outra virá a seu tempo e será imprudencia tentar a transição de golpe — que ella se faça aos poucos, como se faz o dia, que começa em luz tenue para chegar, sem encandeiamento, ao esplendor.

Que nos falta? o que tiveram a Neuber e Eckhof, os revolucionarios que refizeram o theatro allemão, libertando-o da influencia francesa: Critica.

Temos, não ha negar, pennas honestas e competentes que muito auxiliam a obra dos reconstructores do nosso theatro guiando-os, illuminando-os, prestando-lhes auxilio na limpeza do terreno e na

escolha das sementes que nelle devem ser lançadas.

Infelizmente, porém, ao lado de taes guias, figuram uns tarellos pretenciosos, instruidos em cartazes que, por haverem visto, na terra, algumas pantomimas palhaças, julgam-se capazes de doutrinar sobre theatro, mas quando abrem a boca só lançam perdigotos.

Por falta de competencia, como não podem produzir, imitam os garotos que sujam os muros de rabiscos e carantonhas ou apedrejam as arvores frutiferas.

No Direito antigo havia pena para o escopelismo, ou apedrejamento dos sitios cultivados. Quando um patife era apanhado em tal exercicio, a Justiça chamava-o a contas, porque ninguem tem o direito de atirar pedras onde ha vida, de tentar destruir o que está feito, de polluir o que encontra limpo.

Tal gente imagina que vale alguma coisa, porque apedreja e assobia. Ai! de nós se fôssemos dar attenção a todos os valdevinos que fazem praça de impostice e má criação. Perdiamos tempo.

Vá o Theatro serenamente no andar em que vai, sem dar ouvidos á chirriada de malandrins e lermas.

Tanto é util a verdadeira critica, como a de Lessing na *Dramaturgia*, que serviu de roteiro aos re-

formadores do theatro allemão, quanto é prejudi-cial a critica dos achichelladores, que a fazem sem estudo, por dever de officio, como fariam a noticia de um incendio ou de um desastre de automovel.

A outra, essa . . . não faz bem nem mal: é as-sobio de garoto — perde-se no rumor das ruas.

9 — IX.

Murraça

« Certes les dieux nous ont accordé um pouvoir bien funeste et bien humiliant, celui de nous accoutumer à tout, et d'en venir au point de nous faire un jeu de la barbarie ainsi que du vice. »

Barthelemy.

Os gregos, que formularam o codigo da belleza esthetica, apezar do ardoroso enthusiasmo com que se manifestavam no estadio, por occasião da disputa dos grandes jogos agonisticos, celebrando a victoria dos athletas pela voz altiloqua dos seus poetas, coroando-os, carregando-os em triumpho, erigindo-lhes monumentos, não supportaram durante muito tempo a brutalidade do pugilato, que foi supprimido do pentathlo.

Em verdade que interesse póde despertar esse

duello deformador, a murro, durante o qual, cada um dos atacantes, usando de astucia e destreza procura attingir, de preferencia, o rosto do antagonista ?

Os golpes são dirigidos á face desmandibulando-a, se a apanham pelo queixo ; achatando-a, se lhe alcançam o nariz ; levando-lhe dentro, em cacos, todos os dentes, se acertam na boca ; cegando-a, se lhe dão, de geito, nos olhos, sempre a desfigurando, tornando o que o homem possue de mais espiritual, a physionomia, em doairo monstruoso.

E quanto mais esborcinado e mascarrado de sangue fica o rosto do athleta por mais bellos são aferidos pelos juizes e applaudidos delirantemente pelo publico os golpes que tal fizeram.

E dizer-se que a attenção do mundo converge, durante horas, para um estrado onde se devem esmurraçar dois homens, diante de uma multidão computada em quasi cem mil pessoas, entre as quaes mil e quinhentos jornalistas tendo ás ordens telegraphistas e dactylographas para transmittirem a todos os cantos do planeta, um a um, os lances do peito a peito e para redigirem com as minucias mais insignificantes todos os episodios do encontro arca por arca, até o *knock-out* decisivo.

A cada socco responde um *hurrah!* da turbamulta, vibram os fios, estalida, precipite, o teclado

das machinas componidoras e, instantes depois, em todos os rincões do planeta, onde quer que haja uma estação telegraphica, o socco resoará, com gaudio para os que apostaram no punho do pugilista que o vibrou, como verdadeiro murro de mão cheia no coração dos que jogaram no esborrachado.

E quando, posto em cartaz o annuncio de que um dos boxadores foi ao chão, atordoado, os corações estacam ansiosos, abre-se um hiato de angustia, á espera de que o juiz conte os segundos, proclamando a victoria ou que o derrubado, fazendo da fraqueza força, se levante e invista, tomando desforço do que o mandou ás cordas ou, com outro socco mais puxado, caia sem sentidos, golfando sangue, para gloria de um punho robusto e vergonha da civilisação.

E ainda ha quem se insurja contra touradas e rinhas, se o homem, rei da creação, ahi está a dar exemplo de ferocidade, pela gloria de um cinto de campeão e mais pelo lucro de alguns milhares de contos. Sim, porque taes duellos, se custam, a quem nelles se mette, pancadas de cego, custam, a quem os assiste, os olhos da cara.

Em taes pugnas um dos segredos dos que as disputam consiste em não dar mostra de abatimento. Cumpre saber apanhar de cara alegre.

Conta-nos Barthelemy, atravez da narração do

Jovem Anacharsis que, em renhido pugilato, um dos athletas, a quem o outro, com formidavel murro, quebrara os dentes, resolveu enguli-los para que o rival não desse pelo desastre. Foi um mau bocado, não ha duvida, mas, no momento salvou-o do ridiculo e, talvez, da derrota.

Referindo-se ao aprendizado do pugilato, diz ainda Barthelemy :

«Les exercices cruels aux quels on élève ces enfants les épuisent de sí bonne heure, que, dans les listes des vainqueurs aux jeux olympiques, on en trouve à peine deux ou trois qui aient remporté le prix dans leur enfance et dans un âge plus avancé. »

Assim, além dos prejuizos plasticos que resultavam do grosseiro espectaculo, a experiencia demonstrou que tal exercicio, longe de manter as forças, desenvolvendo-as com o treino, esgotava-as em pouco tempo, deixando os que o praticavam, não só deformados como combalidos.

Um dos fins da agonistica, ou esporte, como agora dizemos, além do aperfeiçoamento individual, é apurar o sentimento de solidariedade humana, educando o instincto afim de nelle supprimir o que costumamos chamar « maldade », que é a tendencia animal para destruir, mantida ainda pelo homem nessa selvageria — a guerra.

Pois, justamente, quando todas as nações se

congregam com intuitos pacifistas; no momento em que se institue um Conselho de Harmonia Universal e os embaixadores das Nações cogitam de fundar, em alicerces solidos, o Templo da Paz, constroem-se colyseus para lutas de *box*, acirrando o homem contra o homem em combates cainitas, como esse de que nos deram noticia pormenorisada todos os jornaes — o encontro Dempsey & Firpo.

Na cynegetica, para que os cães se adestrem na ɔaça ás feras, treinam-nos com encarne das mesmas feras, e assim tambem na volateria faziam com as ɩves de prear: falcões, nebris e girafaltos.

O *box* é bem um treino do homem contra o homem, nem faltam tassalhos de carne e sangue ao ncarne. E deixem lá dizer os amadores de taes diertimentos, que recordam os *circenses* de Roma: ɔor mais que os arautos queiram fazer constar que, m taes embates, não entra o sentimento nacionasta, por mais que os antagonistas se abracem e pertem as mãos, por mais que os governos dos aizes dos lutadores affirmem que a victoria ou derrota dos seus respectivos subditos não affecɩrá, de modo algum, a amizade internacional, semre fica o resentimento, fica no animo do individuo delle se transmitte ao coração do povo . . . e um ɔcco póde, ás vezes, degenerar em grossa pancaɩria e, pela briga de dous athletas, poderão sahir campo, não com o guante de couro, mas com ap-

parelhos muito mais contundentes e destruidores duas nações poderosas e de melindre.

Eu, por mim (bem sei que os valentes me vã chamar piegas) acho o *box* o mais estupido dos *es portes*.

Se dois typos, por qualquer motivo, entrarem a jogar a tapona em um café ou theatro ou no mei da rua, a policia acudirá de prompto separan do-os, mettendo-os no xadrez. Se forem, porém excepcionalmente fortes, em vez de cahirem e *auto* de flagrante, acharão emprezarios, que contractem, publico que lhes pague e os ovacion e glorifique.

É exactamente o caso citado pelo moralist Um homem que mata em defesa propria ou em de forço de honra, por mais que allegue razões em s favor, não escapará do Jury e será sempre apo tado como assassino; o general que commanc uma batalha, quanto mais sanguinolenta a torn cobrindo o campo de cadaveres de inimigos, m avultará na Historia com o titulo de heroe.

Tudo está em saber fazer as coisas em gran com enscenação que impressione. Murros de e tiros de revólver são crimes que pedem o g vame do Codigo; soccos de *boxeurs* e guerras gestos que glorificam.

Assim as brutalidades equivalem aos furtos o que surripia um pão é ladrão, o que dilapida

erario é Ex. O crime não consiste no acto, mas nas proporções do mesmo: para o pequeno, cadeia; para o grande, pantheon.

E é o que se vê em toda a parte, quer se trate de murro ou de administração.

16 — IX.

A feira da vaidade

Não só do titulo do romance como da penna acerada de Tackeray quizera eu valer-me hoje para tratar, mui de passagem, da obra ephemera na qua se consumiram milhares de contos, não para mostrar ao mundo, (que não se abalou do seu eixo a appello das trombetas), as posses e o progresso d Brasil, mas tão sómente para exhibir a vaidade d um homem : a exposição do centenario.

Que foi aquillo ? um dispendioso fiasco, qu aggravou de onus a nossa apertadissima situação encalacrando-nos ainda mais e enriquecendo a un tantos privilegiados, que sahiram de tal certame como os argonautas voltaram de Colchos.

O paiz entrou na empreitada como Pilatos n Credo.

Ha varios processos de exhibicionismo postos em pratica por tyrannetes que forçam a entrada na Historia com violencia, empregando meios intensivos para tal fim.

Assim Xerxes mandou vergalhar o Hellesponto; Erostrato lançou fogo ao templo de Diana, em Epheso; Nero incendiou Roma; o califa Omar fez o mesmo á bibliotheca de Alexandria.

Aqui a coisa teve dois aspectos — direito e avesso: construcção e destruição — construiram-se palacios e arrasou-se um monte.

Os palacios estão a cahir e creio que darão em terra com as suas cupulas de estuque antes que as trombas d'agua consigam lamber toda a terra do Castello, e o muradal da exposição e a chateza do solo em que se levantava o monte tradicional serão provas, no futuro, do que foi o governo da empafia nos quatro annos funestos do dominio da mais arrogante vaidade de que ha memoria nos tempos.

Salomão, construindo o famoso templo do monte Moria, ainda com o soccorro de Hiram, rei de Tyro, que espalhou pelos mares a sua numerosa frota para transportar madeira do Libano e ouro de Parvaim, não exigiu tanto do erario de Israel que, aliás, se achava abarrotado, e mais: tratava-se de uma fabrica consagrada ao culto, de uma Casa em tudo digna da grandeza de Deus, como reclamou dos recursos minguados da nação

o obreiro que poz abaixo montanhas e edificou tantas maravilhas transitorias para enchê-las — e ainda foram poucas! — com a sua immensa personalidade.

Está acontecendo, porém, com a obra van, atamancada, como foi, para ficar concluida a tempo de poder ser por elle inaugurada, o que sempre succede com o que é balofo: por falta de resistencia ei-la a esfarelar-se, a desmanchar-se: ao sol, estala, fende-se em frinchas, arregôa-se de taliscas; se chove, derrete-se; os ventos que lhe dão em cima esboroam-na e assim o que, pela imponencia, parecia capaz de resistir aos seculos com a mesma força perenne com que as pyramides atravessam, impassiveis, as eras, dentro em breve, será poeira. E como a gloria do constructor ir-se-á a construcção.

E que fica de tanta cal, de tanto cimento, de tanto dinheiro, emfim, lançado a rodo? escombros e um accrescimo de centenas de milhares de contos na divida do paiz.

Tudo aquillo e ainda o morro do Castello e outros casos pesam-nos nas costas, nós é que estamos a arcar com a mole, que se reduz a entulho, entulho que havemos de pagar com lingua de palmo, quer queiramos, quer não.

Feira de vaidade e outra coisa não foi a exposição que, apezar de todos os pregões que atroaram

o paiz, echoando nos quatro pontos cardeaes do mundo, não conseguiu, jámais, ter gente, jazendo ás moscas que foram as suas unicas frequentadoras.

E o que ali se consumiu de luz! que o digam os cofres da Light; o que ali se despendeu em *fitas* de varias côres . . . e interesses varios! o que ali se dissipou em tafularias ridiculas!

Exposição foi ella, isso foi, mas de falta de senso. O que ali se fez fazem-no certos vaidosos que, sem credito na venda e no açougue, com os credores bradando á porta, passando a pão e laranja, assignam o Municipal e veraneam em Petropolis.

Com a centesima parte do que se desbaratou, com prejuizo da esthetica da cidade e maior gravame da nossa situação financeira, um governo sabio, discreto e menos egotista do que esse, de tantos feitos, teria commemorado a grande data secular de modo mais proveitoso e mais bello, não com tantos palacios vasios, mas com um só, amplo, arejado, onde pudessem viver enxameadas as crianças que se apinham no reles edificio, (que devera ser modelo), a que chamam Escola Normal.

E ainda sobraria dinheiro para a construcção de outras pequenas escolas e assim lucraria a instrucção do povo e, com ella, melhoraria grandemente a nossa cultura e, em vez de converterem-se em pó, como está acontecendo, os edificios seriam irradiadores de luz, e as gerações que delles sahis-

sem seriam para a gloria e a fortuna do Brasil o que são as boas sementes para as searas... mas... e a gloria do constructor?

Seria eterna seguramente, porque o seu nome, gravado, como foi o de Sostrato de Cnido, no pharol, ao carão do mar, quando mais por elle passasse o tempo, mais o descobriria pondo-o em evidencia para ser amado.

Infelizmente, porém, como se estão esboroando as construcções lá se vai indo o nome do que as mandou levantar e amanhan, de tudo aquillo que foi uma verdadeira feira de vaidade, restará apenas o que fica no terreno das feiras depois que se levantam as tendas dos mercadores e antes que cheguem as vassouras da Limpeza Publica.

30 — IX.

Preito de gratidão

O monumento que se pretende erigir á Raça Negra virá completar a Lei Aurea. Depois do resgate, o premio, como depois da morte, a gloria.

A escuridão que, durante seculos, entenebreceu a nossa Patria, manchando-a com a ignominia do captiveiro, não lhe foi funesta como o não é a noite á terra.

É á noite que se realisam, no silencio, os mysterios maiores da Vida.

A madrugada, quando rompe em explosões de luz, já encontra as flores abertas e o seu trabalho consiste em fecundá-las com o pollen do ouro solar.

Assim fez a Raça nocturna com a sua força creadora, com a melancolia do seu luar, com o brilho

das suas estrellas, principalmente o daquella que guiou os Reis magos no caminho da Redempção.

A sua força descobriu as riquezas da terra feracissima desbravando-lhe os sertões, explorando-lhe as minas, revolvendo-a, semeando-a, pastoreando rebanhos que nella proliferaram, empregando-a em mestéres, como constructora e ainda correndo com ella, heroicamente, ás batalhas, quando o Brasil appellava para o coração dos que o amavam, delles exigindo, para triumphar, o sacrificio de sangue.

O seu luar melancolico deu-o a Raça no leite das suas mulheres, leite que nutriu a nacionalidade, offerecido generosamente por essas mâis que o extrahiam duas vezes de si — do peito e do coração: do peito, porque nelle é que se amoja esse alimento feito de amor; do coração porque o tiravam da boca do proprio filho, para dá-lo, e sorrindo, ao filho do senhor.

As suas estrellas foram os heroes de pensamento e de acção — sabios, poetas e artistas, que tanto concorreram com o seu genio para o nosso progresso e elevação da nossa cultura, projectando em clarão no mundo o nome do Brasil.

Entre as estrellas fulge, como maior e mais limpida, a que tem o nome de José do Patrocinio, astro que trouxe pelos céus escuros, rompendo as nuvens ferrugineas que se lhe oppunham, desde o

Oriente, berço da Luz, á caverna, até então ignara, onde resplandeceu no dia, sobre todos esplendido, o Verbo da Redempção, os tres Reis cingidos pelas corôas da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

E, desde esse momento augusto, postos no mesmo nivel, unidos no mesmo Direito, como correm juntos, abraçados, em rumo ao oceano, os rios Negro e Solimões, caminham ligados fraternalmente Ismael e Isaac, epigonos das duas Raças, filhos, porém, do mesmo paiz, como o eram do mesmo pai os irmãos biblicos.

Ha quem pretenda expungir da Historia a mancha da escravidão, como se fôsse possivel eliminar do sangue o que nelle se acha originalmente infuso.

Romulo, attrahindo ao seu «*mundus*» os refugados de outras regiões, tirou delles a inclyta geração latina, sendo os crimes dos fundadores largamente redimidos pelas gloriosas acções da sua progenie e os *Fastos* não omittiram esse episodio inicial da fundação da grande patria. Porque havemos nós de querer oppor ao sol a peneira de Vaidade?

Com o seu trabalho esforçado e continuo fundou a Raça Negra os alicerces do nosso thesouro; com o seu suor e o seu sangue regou as primeiras searas; com o seu leite criou as primeiras gerações.

O munumento que se lhe pretende erigir será uma oblata da gratidão nacional aos martyres da sua prosperidade e gloria.

A planta não se vexa do adubo que lhe deu viço e a fez desabrochar em flores lindas e perfumosas.

A alma responde ás mercês dos céus com acções de graças e com a gratidão aos beneficios que recebe dos corações fraternos.

E porque haviamos nós de aparceirar-nos com os ingratos que, ou se vexam de confessar o bem com que foram validos ou pagam-no com infamias ?

A propria terra não é indifferente ao carinho que se lhe fez e como o retribue ? com flores.

Que o monumento que se projecta fique como uma das pedras angulares da Patria, porque foi sobre os hombros robustos e submissos da Raça Negra que ella se levantou. E o Futuro não se envergonhará do Passado.

Nem por sahir da noite o sol deixa de ser brilhante.

Na construcção dos edificios entram materiaes de especies varias — desde a terra plastica até o ferro ; desde o granito até o marmore ; do madeiro em toros até a fasquia e tudo forma o conjunto que se levanta dos alicerces sumidos na profundeza. Ninguem os vê, sabe-os, porém, jacentes, sustentando o peso immenso que avulta á flôr do solo, como as raizes sustentam a arvore.

Assim essa Raça foi o apoio em que se firmou a nação e é justamente para que o Futuro não des-

conheça o que lhe deve que o Brasil quer tornar perenne a sua gratidão.

Da guerra surgiu a idéa de prestar-se homenagem á massa dos exercitos no culto a um symbolo — o soldado desconhecido. Que a Paz imite tal preito glorificando em um monumento os heróes anonymos da prosperidade, como foram, no Brasil, os martyres da Raça Negra.

7 — X.

Cavé !

Ó deuses, será possivel que consintais em maiores depredações ? Dar-se-á que as arvores vos tenham affrontado com atrevida ameaça, como fizeram, outrora, os arrogantes titans, filhos da Terra, para que assim as abandoneis á furia humana ?

Se ellas crescem sobre troncos, que são columnas cyclopicas, abrindo frondes largas, á cuja sombra poderão agasalhar-se caravanas, de quem é a culpa, senão vossa, que fertilisais o terreno em que ellas nascem, avultam e se agigantam ? Se é receio de que alcancem o Olympo com as suas verdes e floridas franças, permitti, numes, que eu estranhe a vossa repugnancia.

Nem tanta é a força da seiva, que as leve tão

alto e, ainda que tal se desse, em vez de irritar-vos tal resurto, deverieis ficar orgulhosos delle, porque, com isso, a terra provaria a sua gratidão prestando culto aos seus creadores e beneficiadores, mandando as arvores prostrarem-se-lhe aos pés.

Não, não é possivel que venha de vossa maldição o que por ahi se está passando.

Nem as hamadryades se revoltam, ellas que, dantes, mal sentiam aproximar-se o lenhador, tratavam de defender as arvores, em cujo cérne habitavam.

Não vos responsabiliso pelos crimes que se praticam porque não vos julgo, ó deuses, capazes de tamanha maldade.

Os reus são os homens, filhos da terra — homens que só visam o interesse, pouco lhes importando a saude e muito menos a belleza que as arvores trazem á cidade.

A devastação começou pelas mattas circumjacentes, esses bosques que forravam as montanhas descendo até a ribeira do mar, em certos pontos da costa tão chegados á praia, que as duas verduras se confundiam — a das ondas e a das folhas.

Os carvoeiros, assenhoreando-se de taes riquezas, sem que alguem lhes oppuzesse embargos, tudo arrasaram e as luxuriantes florestas, abatidas e postas em covas, sahiram em carvão para os mercados e a cinzas reduziu-se o ornamento natural desta

cidade maravilhosa que foi, no passado, uma das joias do mundo admirada, até o extase, por quantos a avistavam do mar.

Já não são os carvoeiros broncos que anniquilam o que devia merecer todo o nosso carinho — os devastadores são figurões de entono, com automoveis proprios, palacios, *bungalows* e dinheirama a ferros em bancos e companhias.

Agora não são as florestas as ameaçadas, até porque de taes patrimonios vegetaes, restam apenas tócos, como ossamenta espalhada em campo de matadouro. Os ameaçados, neste momento, são os jardins, nos quaes, além do arvoredo, que os enfeita, ha a tradição, que os devia tornar sagrados, intangiveis como o *sacer lucus* dos antigos.

O horto de Mestre Valentim, vai, pouco a pouco, desapparecendo. Foi-se-lhe o terraço ; a fonte dos Jacarés teve de ser recuada e para que ? para que no sitio violado se enterrassem centenas de contos de réis dos cofres municipaes na construcção de um hotel no qual, posto que não acabado, muita gente comeu, como tambem se fartou no outro, que lá está ás moscas, com o titulo commemorativo de 7 de Setembro, independencia de muito galfarro.

Para construir hoteis não houve como o governo passado — e isso é bem significativo. Dize-me que fazes, dir-te-ei quem és.

Tornemos, porém, ao Passeio.

Depois da fonte, foi a vez do gradil e, a pretexto de desafogar o transito, foram postas abaixo varias arvores, todas de mais de seculo.

Fala-se agora na construcção de um theatro, ao gosto do Marigny, de Paris, dentro do lindo logradouro e no plano, segundo consta, a area de terreno necessaria para tal obra será tomada justamente no ponto em que avultam os *baobabs*.

E assim, os robustos exemplares exoticos, dos mais formosos do historico jardim, desapparecerão, mais dia, menos dia, para que um felizardo, de posse da concessão, lance titulos na praça e, ainda que nada construa ou apenas inicie o trabalho, para engodar incautos, logo que tenha embolsado a fortuna, a que faz boca, deixe as obras em meio e vá gosar o lucro da esperteza onde mais lhe apraza.

E o Passeio ficará sem as suas arvores, o Povo perderá um dos seus recreios e a cidade lamentará o desapparecimento de uma das suas tradições.

O que está feito, está feito, não ha remediar. Que fique como testemunho de uma era tragica.

As ruinas falam e com eloquencia que não soffre contestação.

Os terremotos subvertem cidades e, estendendo-se-lhe a acção ao mar, engolfam ilhas, fazem sossobrar navios, como aconteceu, ha pouco, no Japão ; acima, porém, dos escombros do cataclysmo, paira sobranceira a Alma do Povo.

Aos que os lastimam podem os nippões responder com a phrase altiva com que Francisco I communicou á sua mãi, Luiza de Saboya, o resultado desastroso da batalha de Pavia : « Tout est perdu, fors l'honneur. »

Nós, infelizmente, não nos podemos utilisar de tão nobres palavras porque, na derrocada, nem a honra escapou.

O muradal ahi está, immenso, e que vemos nelle ?

Vemos o *deficit*, que nos assoberba ; vemos o morro arrasado, com o thesouro da lenda, não em imagens de ouro, mas em lucros pingues, com que se abotoaram os heroes dessa immensa cavação ; vemos a cidade com um gorguz ao flanco, naturalmente para justificar o nome que lhe deu o seu fundador : de S. Sebastião ; vemos a penuria dos operarios, os apertos do Thesouro, os vexames da Municipalidade e, por cumulo do ridiculo, que nos desmoralisa, a moeda que por ahi circula, verdadeira sorrelfa de Flamel esperto, que impingiu como prata o que não passa de alchime, moeda emittida apenas para nella apparecer em effigie, ao lado da figura de um principe, esse que, por falta de corôa, mas para mostrar que tem topete, como *Riquet à la houppe*, levanta pimponamente a crista á maneira de estemma. O que lá foi, lá foi !

Os que se fartaram, á tripa forra, nesse periodo de vaccas gordas e de espigas cheias, entendem qu

não devem deixar fevera na ossada, nem um só grão no sabugo e andam a sollicitar mercês, propondo planos de alindamento, nos quaes soffrerão os cofres publicos e a esthetica da cidade, tão compromettidos ambos pela administração do rei dos grandes hoteis.

Felizmente os tempos são outros, outros são os homens e para elles, confiadamente, mando o meu appello em favor do pouco que escapou ao machado e ás pás dos cavadores que flagellaram este paiz e, particularmente, està cidade. Salvem-se os nossos jardins onde vivem, e formosas, as grandes arvores plantadas generosamente pelos que se preoccuparam com as gerações futuras, preparando-lhes sombra em recintos de belleza, como esse Passeio Publico, que tanto soffreu no seu recorte e no arvoredo gracioso que o enfeita e que ainda se acha sob a ameaça de novos córtes, para gaudio de espertalhões.

Nos sitios em que houve céva, ainda depois de abandonados, vem a caça ao farisco — é o que se está dando com os que comeram, que andam a rondar o antigo cevadouro.

Depois das grandes borrascas perdura, por muito tempo, a madría, e ella ahi está no marulho de petições e requerimentos de gargantões insaciaveis.

Olho vivo, pilotos ! Não vos seduzam cantos de sereias. Olhai em volta e vêde o que por ahi vai de ruinas.

Aos que alrotam de mão estendida respondei como a pedintes madraços e importunos : Deus vos favoreça !

E que se arranjem, como puderem, em outras freguezias.

14—x.

O nosso jogo

Transcrevendo-o do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, publicou *O Paiz* em o seu numero de 22 do corrente um artigo com o titulo : « *Cultivemos o jogo de capoeira e tenhamos asco pelo do box* », firmado pelo correspondente do jornal gaucho nesta cidade, Dr. Gomes Carmo.

Concordando *in limine* com o que diz o articulista, valho-me da opportunidade que me abre tal escripto para tornar a um assumpto sobre o qual já me manifestei e que tambem já teve por elle a penna diamantina de Luiz Murat.

A capoeiragem devia ser ensinada em todos os collegios, quarteis e navios, não só porque é excellente gymnastica, na qual se desenvolve, harmo-

niosamente, todo o corpo e ainda se apuram os sentidos, como tambem porque constitue um meio de defesa individual superior a todos quantos são preconisados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Todos os povos orgulham-se dos seus esportes nacionaes, procurando, cada qual, dar primazia ao que cultiva.

O francês tem a savate, tem o inglês o *box* ; o português desafia valentes com o sarilho do varapau ; o espanhol maneja com orgulho a navalha catalan, tambem usada pelo « fadista » português ; o japonês julga-se invencivel com o seu *jiu-gitsú* e não falo de outros esportes classicos em que se treinam, indistinctamente, todos os povos, como a luta, o pugilato a mão livre, a funda e os jogos d'armas.

Nós, que possuimos os segredos de um dos exercicios mais ageis e elegantes, vexamo-nos de o exhibir e, o que mais é, deixamo-nos esmurraçar em *rinks* por machacazes balordos que, com uma quebra de corpo e um passe baixo, de um « ciscador » dos nossos, iriam mais longe das cordas do que foi Dempsey á repulsa do punho de Firpo.

O que matou a capoeiragem entre nós foi . . . a navalha. Essa arma, entretanto, subtil e covarde, raramente apparecia na mão de um chefe de malta, de um verdadeiro capoeira, que se teria por deshon-

rado se, para derrotar um adversario, se houvesse de servir do ferro.

Os grandes conductores de malta — guayamús e nagôs, orgulhavam-se dos seus golpes rapidos e decisivos e eram elles, na giria do tempo : a *cocada*, que desmandibulava o camarada ou, quando atirada ao estomago, o deixava em syncope, estatelado no meio da rua, de boca aberta e olhos em alvo ; o *grampeamento*, lanço de mão aos olhos, com o indicador e o annular em forquilha, que fazia o *mano* vêr estrellas ; o cotovello em ariete ao peito ou ao flanco ; a joelhada ; o rabo de raia, *risco* com que Cyriaco derrotou em dois tempos, deixando-o sem sentidos, ao famoso campeão japonês de *jiu-gitsu ;* e eram as rasteiras, desde a de arranque, ou tesoura, até a baixa, ou bahiana ; as caneladas, e os ponta-pés em que alguns eram tão ageis que chegavam com o bico *quadrado* das botinas ao queixo do antagonista ; e, ainda, as bolachas, desde a tapa-olho, que fulminava, até a de *beiço arriba*, que esborcinava a boca ao *puaia*. E os ademanes de engano, os refugos de corpo, as negaças, os saltos de banda, á maneira felina, toda uma gymnastica em que o athleta parecia elastico, fugindo ao contrario como a evitá-lo para, a subitas, cahir-lhe em cima, desarmando-o, e fazendo-o mergulhar num « *banho de fumaça* ».

Era tal a valentia desses homens que, se se *fe-*

chava o tempo, como então se dizia, e no tumulto alguem bradava um nome conhecido como : *Boca-queimada*, *Manduca da praia*, *Trinca-espinha* ou *Trindade*, a debandada começava por parte da policia e viam-se urbanos e permanentes valendo-se das pernas para não entregarem o chanfalho e os queixos aos famanazes que andavam com elles sempre de candeias ás avessas.

Dessa geração celeberrima fizeram parte vultos eminentes na politica, no professorado, no exercito, na marinha como — Duque Estrada Teixeira, cabeça *cutuba* tanto na tribuna da opposição como no *mastigante* de algum *paróla* que se atrevesse a enfrentá-lo á beira da urna ; o capitão Ataliba Nogueira ; os tenentes Lapa e Leite Ribeiro, dois *barras ;* Antonico Sampaio, então aspirante da marinha e por que não citar tambem Juca Paranhos, que engrandeceu o titulo de Rio Branco na grande obra patriotica realisada no Itamaraty, que, na mocidade, foi *bonzão* e d'isso se orgulhava nas palestras intimas em que era tão pittoresco.

A taes heroes succederam outros : Augusto Mello, o *cabeça de ferro ;* Zé Caetano, Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá e, sobre todos o mais valente, Placido de Abreu, poeta, comediographo e jornalista, amigo de Lopes Trovão, companheiro de Pardal Mallet e Bilac n'*O Combate*, que morreu, com heroicidade de amouco, fuzilado no tunnel de Co-

pacabana, e só não dispersou a treda escolta, apezar de enfraquecido, como se achava, com os longos tratos na prisão, porque recebeu a descarga pelas costas, quando caminhava na treva, fiado na palavra de um official de nome romano.

Cahindo d'encontro ás arestas da parede aspera, ainda soergueu-se, rilhando os dentes, para despedir-se com uma vilta dos que o haviam covardemente atraiçoado. Eram assim os capoeiras de então.

Como os leões são sempre acompanhados de chacaes, nas maltas de taes valentes immiscuiam-se assassinos cujo prazer sanguinario consistia em experimentar *sardinhas* em barrigas do proximo, deventrando-as.

O capoeira digno não usava navalha : timbrava em mostrar as mãos limpas quando sahia d'um *urumbamba*.

Generoso, se trambolhava o adversario, esperava que elle se levantasse para continuar a luta porque : « Não hatia em homem deitado » ; outros diziam, com mais desprezo : « em defunto ».

Nos terriveis recontros de guayamús e nagôs, se os chefes decidiam que uma questão fôsse resolvida em combate singular, emquanto os dois representantes das côres vermelha e branca se batiam, as duas maltas conservavam-se á distancia e, fôsse qual fôsse o resultado do duello, de ambos os lados rompiam acclamações ao triumphador.

Dado, porém, que, em taes momentos, estrilassem apitos e surgissem policiaes, as duas maltas confraternisavam solidarias na defesa da classe e era uma vez a Força Publica, que deixava em campo, além do prestigio, bonés em barda e chanfalhos á ufa.

O capoeira que se presava tinha officio ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenario.

O capanga, em geral, era um perrengue, nem carrapeta, ao menos, porque os carrapetas, que formavam a linha avançada, com funcção de escoteiros, eram rapazolas de coragem e destreza provadas e sempre da confiança dos chefes.

Nos morros do Vintem e do Nhéco reuniam-se, ás vezes, conselhos nos quaes eram severamente julgados crimes e culpas imputados a algum dos das farandulas. Ladrões confessos eram logo excluidos e assassinos que não justificassem com a legitima defesa o crime de que fôssem denunciados eram expulsos e ás vezes, até, entregues á policia pelos seus proprios chefes.

Havia disciplina em taes pandilhas.

Quanto ás provas de superioridade da capoeiragem sobre os demais esportes de agilidade e força são tantas que seria prolixa a enumeração.

Além dos feitos dos contemporaneos de *Boc*

queimada e *Manduca da praia*, heróes do periodo aureo do nosso desestimado esporte, citarei, entre outros, a derrota de famoso jogador de pau, guapo rapagão minhoto, que Augusto Mello duas vezes atirou de catrambias no pomar da sua chacarinha em Villa Isabel onde, depois da luta e dos abraços de cordialidade, foi servida vasta feijoada. Outro: a tunda infligida a um grupo de marinheiros francezes de uma corveta *Pallas*, por Zé Caetano e dois *cabras* destorcidos. A maruja não esteve com muita delonga e, vendo que a coisa não lhe cheirava bem em terra, atirou-se ao mar salvando-se, a nado, da agilidade dos tres *turunas*, que a não deixavam tomar pé.

A ultima demonstração da superioridade da capoeiragem sobre um dos mais celebrados jogos de destreza deu-nos o negro Cyriaco no antigo Pavilhão Paschoal Secreto fazendo afocinhar, com toda a sua sciencia, o jactancioso japonês, campeão do *jiu-gitsu*.

Em 1910 Germano Haslocher, Luiz Murat e quem escreve estas linhas pensaram em mandar um projecto á Mesa da Camara dos Deputados tornando obrigatorio o ensino da capoeiragem nos institutos officiaes e nos quarteis. Desistiram, porém, da idéa porque houve quem a achasse ridicula, simplesmente porque tal jogo era . . . brasileiro.

Viesse-nos elle com rotulo estrangeiro e tê-lo-

iamos aqui, impando importancia em todos os clubes esportivos, ensinado por mestres de fama mundial que, talvez, não valessem um dos nossos *pés rapados* de outr'ora que, em dois tempos, mandariam um Firpo ou um Dempsey *vêr vovó*, com alguns dentes de menos e algumas bossas de mais.

Emfim... Vamos aprender a dar murros — é esporte elegante, porque a gente o pratica de luvas, rende dollares e chama-se *box*, nome inglês. Capoeira é coisa de gallinha, que o digam os que delle sahem com gallos empoleirados no alto da synagoga.

É pena que não haja um brasileiro patriota que leve a capoeiragem a Paris, baptisando-a, com outro nome, nas aguas do Sena, como fez o Duque com o *Maxixe*.

Estou certo de que, se o nosso patriotismo lograsse tal victoria até as senhoras haviam de querer fazer *letras*. E que lindas seriam as *escriptas!* Mas, se tal acontecesse, sei lá! muitas *cabeçadas* dariam os homens ao verem o jogo gracioso das mulheres.

28 — X.

Emfim!

Que dirão os scepticos ante o surto em que se está levantando o nosso theatro? Naturalmente continuarão a dar de hombros, mantendo a face engelhada no sorriso escarninho com que encaram d'alto todas as tentativas, como a que agora vão levando para o definitivo triumpho tres homens de boa vontade: Leopoldo Fróes, Viriato Corrêa e Oduvaldo Vianna.

Acompanhando, com interesse e enthusiasmo, a acção em que se acham devotadamente empenhados taes emprezarios, comparo-a á que nos descreve Francisco Curet, director de « El teatro catalán », no interessante estudo intitulado: « *El arte dramatico en el resurgir de Cataluña.* »

«El teatro catalan, escreve o citado autor, no tiene tradiciones carece de abolengo. Es en vano que perturbemos la paz de los archivos y pretendamos enlazar la relativa exuberancia de la dramaturgi catalan acontemporanea con las reliquias del passado. Los progenitores del teatro catalán pertenecem al siglo XIX».

E, depois de alludir ás satyras de Robreño á tentativa de um theatro em que se falasse pura linguagem catalan, como queria Francisc Renart, chega ao momento verdadeiramente curios em que

«Um batallon de la Milicia nacional, o sea el paisanage armad al objecto de obtener recursos para uniformar sus componentes, or ganizó uma serie de funciones téatrales en un pequeño teatro impro visado en las ruinas del convento de Montesión. Lo que tuvo carácte modesto, accessorio, llegó a tomar realce hasta crear el «Licêo Fil dramatico de Montesión», que luego se convertió en «Licêo Filar monico Dramatico Barcelones» sentando los cimientos del qu pronto fué uno de los más bellos y espaciosos coliseos de Europa.»

Era a casa que surgia. Não se demoraram o moradores e nella entraram pelas mãos de opera rios como Clavé e Frederico Soler, este ultimo re lojoeiro como Beaumarchais. Tal foi o seminari em que deviam surgir Angel Guimerá, Alberto Lla mas, Vilanova, Iglesias, Rusiñol e tantos outro creadores de um theatro forte, original, referto d idéas e movimentador do pensamento, que tant tem contribuido para essa opulenta renascença es thetica da Hespanha.

Do nosso theatro póde-se dizer o mesmo qu

diz Francisco Curet do theatro catalão — que não tem tradição: foi planta que floriu viçosa, mas arrancaram-na com a raiz.

Se tivemos uma epocha brilhante em nossos palcos, o cataclysmo que sobre elles passou foi tão violento que reduziu tudo a ruinas, sem vestigios da construcção de que tanto se ufanam os homens do passado.

Fala-se da grande arte de João Caetano, mas quaes foram os discipulos que nos deixou esse gigante, especie de titan da nossa pre-historia dramatica? Citam-se emprezarios que, verdadeiramente, trabalharam pelo theatro (alguns conheci eu) arregimentando elencos em que figuraram grandes nomes e montando caprichosamente originaes e traducções de autores nacionaes.

Autores e actores, porém, foram victimas do abalo fragoroso que deu em terra com o edificio da nossa comedia, e, no sitio em que ella avultava, viu Thalia atamancar-se a barraca onde se alojaram, não actores como os do bando de Le Destin, porque esses, apezar de bohemios, como no-los mostra Scarron, estrearam no «tripot» da praça do Mans representando *Marianne* de Tristan l'Hermite, peça contemporanea do *Cid*, com a qual mediu grandeza, mas feirantes de estirpe tabarinica.

Contractados, não para fazer arte, mas para ganhar dinheiro, tratavam de adubar os especta-

culos ao sabor do populacho e, como isso de especiarias, á medida que a gente as prova, acostumando com ellas o paladar, vai sempre augmentando a dose, o que começara em chalaça e braços nús acabou em obscenidade e folha de parreira. Eram... saturnaes e não representações o que por ahi se via e, na emulação em que se batiam as emprezas, o palco transformou-se em tremedal e . . . quanto peior, melhor.

A Catalunha teve o *xaronismo* « palavra típica, — diz Curet — con que se ha calificado el medio ambiente en que prosperaron la parodia, el chiste y los bromazos . . . »; nós tivemos a revista, a hedionda revista que foi a herva parasita que matou o theatro de arte.

Tentou-se, em tal momento, a reacção. Os primeiros impetos frustraram-se. A imprensa quiz levar por diante a campanha moralisadora, infelizmente, porém, o annuncio, cada vez mais alastrado, fê-la calar-se e o balcão suffocou com o seu peso as vozes de protesto que vinham de cima.

Foi, então, que Christiano de Souza tentou no Trianon a obra ingente da restauração da comedia, trabalho só comparavel ao de Hercules no reino d'Augias. Teve o grande mestre a sorte dos precursores. O caminho, porém, ficara aberto, e por elle entrou, afoitamente, Leopoldo Fróes.

A obra desse homem não tem sido devidamente

apreciada — é verdade que ninguem vê o edificio senão depois que lhe tiram todos os andaimes (um dos quaes, no caso, é o tal « Theatro por sessões »), mas a construcção ahi está, de pé, agora é só corrigir-lhe arestas, acafelá-la, embellezá-la com os requintes de que carece para que nella appareça, com esplendor, a grande Arte.

Que o theatro brasileiro existe, diz-nos o mesmo Leopoldo Fróes que se prepara para o levar a Portugal e, quiçá, a Paris, não para fazer curvar-se a Europa ante o Brasil, mas para mostrar-lhe que temos alguma coisa, senão um repertorio numeroso e de obras superiores que se possam medir com os dos mestres, em todo o caso flores nascidas em terra nova, que ainda não foram tratadas com os cuidados a que tanto devem as rosas de Provins, as violetas de Parma, as tulipas de Arlem e as chrysánthemas do Japão.

De uma verdade, porém, se ha de convencer o europeu vendo em scena o nosso grande actor — é que a arte de representar, entre nós, possue cultores que se podem medir com os de mais fama dos elencos ultramarinos.

Ainda outra demonstração de que já não é um sonho de utopistas o nosso theatro é essa viagem triumphal de Oduvaldo Vianna atravez do Prata. E não só como emprezario intelligente senão tambem como escriptor e enscenador tem sido elle

acclamado pela graça do que escreve, sobre assumptos tomados á vida brasileira, pelo apuro com que monta e o esmero com que ensaia as peças do seu repertorio, todo nacional.

E, continuando a grande obra de divulgação e propaganda de nosso theatro, acha-se em S. Paulo Viriato Corrêa, dilatando no palco do « Boa Vista » a obra que aqui realisa no Trianon.

Que falta para que tenhamos a nossa comedia, tal como ella deve ser — não retalhada em sessões, mas integra, perfeita; não sómente para o riso, mas tambem para a intelligencia, para o coração e para a Patria, inspirando-se em altos assumptos, impregnando-se de sentimento ou fundando-se na Historia, que é um mundo cheio de heroes que só esperam o appello da Poesia para apparecer como exemplos de virtude e symbolos da nobreza da nossa raça ?

Falta-nos o que teriamos se o terremoto, que passou por nós, em vez de derrubar montanhas para estirar marachões; em vez de sacrificar jardins; em vez de destruir bellezas naturaes a pretexto de fazer hoteis; em vez de gastar alagadeiramente o dinheiro do povo e o do estrangeiro, a quem o pediu emprestado, nessa feira reles que foi a Exposição, houvesse construido um theatro, um pequeno theatro para a comedia brasileira. E tal obra seria mais util á Patria do que tudo isso que por

ahi jaz entupindo a cidade e proclamando o escandalo de uma administração desazada.

Faltou alguem da manalha que se lembrasse de tal construcção. Foi pena porque perdeu a comedia a occasião de ter casa e o tal governo ensejo de fazer alguma coisa que ficasse, porque o que nos deixou está a pulverisar-se.

4 — XI.

Um simile

Quando a Prefeitura, em grande azafama, consultando botanicos, hygienistas e esthetas, começou a arborisação da cidade, dando a todas as avenidas e ruas, até a callejas modestas, o aspecto umbroso de alamedas e formando verdadeiros bosques de abrigo em todos os parques e jardins, o povo exultou, não só com a ornamentação floral que lhe promettia o arvoredo como, principalmente, com a certeza de que os seus largos ramos o protegeriam contra os raios do sol inclemente nos dias caniculares.

E as arvores, ainda que exoticas, (porque as nacionaes não foram julgadas dignas de figurar como ornamentos da cidade, arvores brutas da flo-

resta, tresandando a resinas) — dando-se bem na terra, que a todos e a tudo recebe e agasalha carinhosamente, medraram com viço exuberante e a cidade vestiu-se frondosamente.

Vista da altura de qualquer dos montes que a percintam é, toda ella, do littoral ao mais remoto suburbio, uma alcatifa formosa na qual alveja o casario, lampejam canaes, scintillam lagos, aguçam-se torres de igrejas, luzem cupolas, zimborios e até minaretes, que lhe dão um quê de byzantino. Cobre-a um velario de folhagens.

Com tal defesa affirmava-se que o sol não mais teria poder sobre ella tornando-lhe o asphalto em chapa candente, nem fundiria em suor os seus habitantes porque, para oppor-se aos seus venabulos de fogo, lá estava o escudo de ramos e que escudo! mais bello do que o de Hercules, trabalhado por Vulcano, porque nesse, além dos relevos das folhas, ainda havia a melodia dos ninhos, que eram seus hospedes.

Essa esperança do povo teve, infelizmente, a sorte mofina de todas as esperanças. A natureza, sábia e providente, logo em começo da primavera, faz subir, a jorros, a seiva forte pelos troncos, espalha-a irradiantemente pelas ramarias, sem esquecer o caule mais tene e é um pullular de novedios, um rebentar de folhas que garantem cerradas copas.

Quem se arreceiaria do sol com tal garantia de

sombra ? Ninguem, de certo, se no mais intenso do calor estivo, quando o sol mais se inflamma incendiariamente e, lá do alto, onde brilha, manda á terra os raios que reseccam os campos, sorvem as aguas, tornam em brasas as pedras dos caminhos, fazem o gado acarrar-se e enlanguecem os homens, justamente quando as sombras se tornam mais necessarias e desejadas a Prefeitura, zelosa do conforto e interessada na saude dos seus municipes, não ordenasse a detora das arvores, mandando-as podar tão rente que as miseras ficam em esqueletos mirrados, esgalhando os ramos nús ao sol, que, lá no seu intimo, deve rir-se, á grande, das taes protectoras da população.

Na Europa — é o diabo não termos neve — a queda das folhas annuncia o inverno. É o tempo em que a natureza, cançada de produzir, estanca a circulação da seiva e as arvores adormecem até a hora festiva em que o primeiro raio de sol da primavera, fundindo a neve, as desperte para o reflorecimento triumphal.

Aqui não é a natureza que põe abaixo a folhagem, nem é no inverno que tal desbastamento se dá — quem o faz é o homem e justamente quando, em vez de a derrubar, devia alimentar as raizes da planta para que, infundindo mais vida ao tronco, fizessem abrir-se, com ampla largueza, as franças agasalhadoras.

Ahi está o sol incendiario — os dias flammejam, as pedras crepitam, o asphalto amollece como cera, ha casos de insolação e das arvores, que resta? o pouco que deixaram os detoradores municipaes.

Tal foi a devastação que elles fizeram no arvoredo da cidade que houve quem visse nesse acto um gesto misericordioso da administração municipal.

Com a carestia da vida o pobre deixa, muitas vezes, de fazer lume por não ter dinheiro para comprar uma acha e a Prefeitura, para que os lares não ficassem apagados, o que é uma tristeza, acudiu aos pobresinhos com o chamiço e o ramalho que tomou ás arvores.

Eu não condemnaria a acção caridosa se de tal beneficio a uns poucos não tivesse vindo o mal de que todos se queixam. Se as arvores deram de esmola á pobreza os seus ramos desarmaram-se para combater o sol e hoje, com os dias afogueados que atravessamos e com outros peiores que o verão nos reserva, de que nos servirão esses feixes de gravetos que orlam as nossas ruas?

Que diriamos nós de um homem que, tendo de affrontar uma soalheira, como a que temos tido ultimamente, rasgasse a sêda do guarda sol e sahisse para a rua com o cabo e as varetas núas? Se-

ria tomado por louco, sem duvida e todos fariam galhofa da sua insania. Pois o acto da Prefeitura mandando podar as arvores da cidade em pleno verão, quando mais precisamos de sombra, lembra a maluquice do homem do guarda-sol.

11 — XI.

Pela vida e pela honra

Referindo-se á nossa mocidade disse alguem, com pessimismo acerbo e, em certo ponto, exaggerado :

« De que lhe serve fatigar-se tanto em exercicios durante o dia, nos gymnasios, em campos de athletismo e no mar, se, á noite, todas as energias adquiridas em esforçados treinos, vão-se levadas pelos toxicos que por ahi se vendem clandestinamente em lojas e em bordeis, e ainda de porta em porta nas viellas escusas por mercadores sordidos da raça do Judeu de Padua de quem Romeu recebe o elixir lethal que põe fim ao seu malsinado amor?

Se é com taes tonicos que a mocidade pretende robustecer-se está arranjada.

E não é só o corpo que se está relaxando em fraqueza, tambem o caracter dos moços começa a resentir-se dos desmandos em que elles se abastardam, fazendo com que, apezar de todos os pregões que por ahi correm, annunciando o aperfeiçoamento da raça, tenhamos saudade do velho tempo no qual os mancebos, se não exhibiam, com vaidade fatua, biceps de gladiadores, tinham, em compensação, su-

perioridade de animo, demonstrada em actos de heroismo, que se sublimam na historia e em maneiras que os tornavam distinctos entre os que mais requintavam em garbo e gentileza.»

Quem assim se exprime com tanto azedume, tem razão em parte, tanto, porém, não diria se soubesse que, entre esses mesmos moços, assim condemnados sem excepção, se está organisando uma sociedade secreta que prestará, estou certo, relevantissimo serviço á sociedade, escumando-a dos envenenadores que lhe estão compromettendo a flor, reconduzindo os transviados no vicio aos bons costumes e forçando os impolidos a observarem as normas tradicionaes da cortezia.

O que se allega contra certos jovens e que, se os degrada, muito desabona os lares em que foram criados, não póde ser tido por invenção de más linguas por serem muitas e unanimes as vozes que o denunciam.

Taes pelintrotes, conhecidos por «moços bonitos», formados em cursos de *jaz-bands*, roletas, dados, cartas, fixas e outras artes prestimanas, em que são destros, morando, como alcovetos e rufiões, em casas de tolerancia, entendem que todas as mulheres são da igualha das que elles vilmente exploram usurpando, com ameaça de violencias, o que as miseras ganham no sacrificio infame a que se entregam.

Para taes mancebos a cidade é um immenso

bordél e, como não se lembram de haver jámais recebido benção de mãi ou um beijo de irman, vêem em todas as mulheres seres da laia daquelles com que se criaram e com que convivem.

Os troveiros, na Idade Media, vagamundeando de feudo em feudo, de albergue em albergue, rudes no trato por andarem sempre entre homens d'armas e almocreves, vadios e peregrinos lambusões, tinham pela mulher verdadeiro culto, ainda que, raramente, lograssem chegar á presença das damas, quando subiam aos castellos senhoriaes para trovar, ao som da róta.

Compare-se o que diziam taes homens com o que fazem os mocinhos encalamistrados dos dias de hoje.

Fala um troveiro do seculo XII :

« Feme est mult haute chose, ce vos di sanz mesprendre,
Bien le vos monstre Diex, quand il daigna descendre
En la virge Marie et char i daigna prendre. »

Dantes (como temos progredido !) qualquer senhora que sahia á rua não precisava de outra defesa senão da que lhe garantia a sua propria condição.

Quem ousaria desconsiderar uma aureola de cabellos brancos ou inflammar em vergonha as faces de uma donzella com um cochicho impudico ou com um simples olhar menos casto ?

Se a velhice era venerada a candura tinha por si a propria fraqueza e todos como que se julgavam obrigados a velar por ella, porque a innocencia era flôr da virtude e a virtude era a essencia mesma do coração do povo.

O cavalheirismo, que é agora excepção, era regra nesse tempo.

Hoje o rapazelho gaba-se de ser insolente, faz timbre em mostrar-se atrevido, pavonêa descáro e quanto mais façanhudo se mostra em affrontas, mais notavel se torna na baderna em que bravatêa escandalos e estraçalha reputações.

De petulancia em petulancia, de ousio em ousio, até onde irá essa pandilha de alisadores de alguergues, que passam os dias de plantão ás portas das lojas e dos cinemas ou no ponto dos bondes asseteando as senhoras que passam, não só com olhares libidinosos como com palavras do mais baixo calão azevieiro, chalaças reles de alcoceifa, atrevendo-se muitos a segui-las sussurrando-lhes vilezas bordalengas e até, aproveitando-se do tumulto das multidões, levando a audacia ao ponto de offendê-las no corpo com apêgos indecorosos ?

Já se tem dado reacções violentas e, honra seja feita ao povo, em taes momentos, difficilmente o biltre escapa illeso e, se não o alcança a bengala, persegue-o a assuada.

É para dar caça aos envenenadores, afuroan-

do-os nos antros onde elles têm o seu commercio lethifero, e para escorraçar os atrevidos que babujam de torpezas os ouvidos das senhoras, que os moços dignos, os que, verdadeiramente, representam a nossa mocidade, educada no santuario da Familia, no culto da virtude, no respeito e no amor das mãis e das irmans, tratam de organisar essa sociedade secreta que dará caça aos intoxicadores e fará a policia dos costumes.

E assim, limpando a cidade de duas pragas que a infestam, uma que a ataca no corpo, outra que a affecta na alma, a juventude honesta fará obra de saneamento hygienico e moral e repellirá de si para os verdadeiros culpados, trazendo-os pela gola a publico, as infamias que lhe attribuem e que só por desclassificados podem ser commettidas e nunca por filhos-familias de san moral e de costumes puros.

Mãos á obra, rapazes ! e que ellas vos não dôam.

18 — XI.

Contra os chacaes

Diz a lenda que o califa Harun Al Raschid, para conhecer, *de visu*, a vida do seu povo, costumava sahir, á noite, de palacio, em companhia do vizir Giafar, disfarçados ambos e, dirigindo-se, de preferencia, aos bairros pobres de Bagdad, não só ouvia ás portas das casas como se intromettia nos grupos, fazendo-se delles, intervindo nas conversas para provocar os commentarios, que valiam por informações e pareceres, guias seguros de grande utilidade ao principe para a bôa administração do imperio.

Assim conhecia elle a opinião sincera dos seus subditos, não só sobre os ministros do seu governo e os aulicos da côrte como sobre a sua propria pessôa e, graças a taes informes, poude, muita vez

reformar juizos, corrigir sentenças, evitar desmandos, prevenir desastres, punir criminosos, que se escondiam nas dobras das tunicas dos cadis e premiar meritos superiores que a inveja afastava da sua presença.

Não eram as partes que iam á audiencia, era o proprio principe, como dono zeloso da sua fazenda, que sahia a fiscalisá-la, vendo com os proprios olhos, ouvindo com os proprios ouvidos, que, esses, sim, são informantes veridicos.

E a administração do imperio, por bem dirigida, era-lhe tão propicia como o sol e a bôa rega das aguas celestiaes o são aos campos semeados. Essa policia, bem melhor que a dos delatores, é que garante a paz e a prosperidade ás republicas.

Nós, que sahimos de um cataclysmo, cujas consequencias tanto nos fazem e por muito tempo ainda nos farão soffrer, bem precisavamos de alguem que, á maneira do califa, sahisse em visita aos sitios onde os criminosos escandalos de um governo infesto arrojaram a pobreza, como as vagas acapelladas do mar procelloso atiram aos rochedos das praias os destroços dos naufragios.

Já se compára a cidade a esse sombrio *Pateo dos milagres*, que Victor Hugo nos descreve no seu romance *Notre Dame*, com a horda sinistra de mendigos, dos quaes era rei Clopin Trouillefou, pelo enxame de pedintes que por ella vaga — isolados,

aos grupos, em familias: uns, tacteando, cosidos com as casas, os cegos; outros, estirados nos limiares das portas, exhibindo pernas monstruosas, refegadas, tumidas e purulentas, velhos, crianças, enfermos, aleijados. E ainda os ha discretos que vão de casa em casa, timidos, implorando um prato de comida, roupa que já não sirva, qualquer coisa, por que tudo aproveita essa pobre gente, que nada tem, nem mesmo aquillo que aos animaes não falta um lugar onde se agasalhe e durma.

O que escondem essas montanhas! verdadeiro marsupiaes em cujos flancos se aboletam popula ções. Quem as vê de longe, altaneiras, frondosas não imagina o que nellas ha de miseria — as fome que ali se padecem, as doenças que ali se escondem as agonias que as suas furnas e as suas touceira occultam. Habitações ha em taes refugios diant das quaes as curriças dos campos seriam verdade ros palacios, e os que nellas vivem julgam-se felize quando as comparam com as tocas em que se abr gam familias, que se defendem das chuvaradas co um palhal de esteiras que os ventos estraçalhan se sopram rijos.

E esses asylados das montanhas não mend gam: trabalham. Ha ali operarios de toda a obr e as mulheres lavam, engommam, cosem, mas que tiram do esforço mal lhes dá para o alimen e ainda para o que pagam ao senhorio.

Esse senhorio quem é? Que explorador é esse que se assenhorêa da montanha para cobrar o aforamento necessario á construcção dos tugurios da miseria? Que direitos tem tal homem que se arvora em senhor feudal, mandando, no principio do mez, um villico correr a povoação miserrima a cobrar o aluguel das arribanas construidas pelos refugiados e das lapas em que se aposentam os refugiados da cidade?

Eis um caso que se não daria em Bagdad porque delle, pela voz do povo, teria conhecimento o califa e trataria immediatamente de pôr gente no rastro do explorador que, sem titulo algum, apossando-se do que é da Nação, usurpa os vintens da pobreza a troco de esterquilinios.

É certo que a miseria que nos avassalla vem do nefasto quatriennio que preparou a situação em que nos debatemos, mas o lôdo que ahi ficou tornou-se viveiro de sangue-sugas e são taes bichas vorazes que dessangram os infelizes, chupando-lhes o sangue dessorado com que engordam para, mais cedo ou mais tarde, apparecerem na Avenida ostentando grandeza. Faça a policia o que lhe compete e, ainda que não supprima, de todo, o mal que afflige a pobre gente, sempre o mitigará livrando-a desses espertalhões que por ahi andam alugando aos miseraveis o que a natureza caridosa lhes offerece — a sombra das suas arvores, o vão das suas grutas, a agua dos seus ribeiros.

Não será de estranhar que amanhan appareça algum pseudo donatario da luz que cobre ás lava-deiras o sol que lhes cora e enxuga a roupa ou exija pelos luares alguma coisa mais ao que, por falta de tecto, durma á luz das estrellas.

Os leões passaram devastando á grande, agora por ahi andam os chacaes aproveitando-se da mi-seria, como os do deserto aproveitam a carniça que fica depois do repasto dos grandes felinos.

Prender leões não é facil, principalmente quand taes feras, depois de saciadas, se recolhem aos seu antros para digerir: mas prender chacaes é cois que qualquer guarda civil póde fazer correndo o pardieiros das montanhas e informando-se com o tristes moradores que, certamente, não se recusa-rão a dar-lhe o nome de taes senhorios *aguias*, ber *aguias* porque têm os seus ninhos nas alturas.

Houvesse mais escrupulosa fiscalisação e a m seria não seria tamanha, não seria tão doloroso soffrimento do povo.

Lisboa foi abalada por um terremoto, não tã violento como o que sacudiu a nossa patria, ma um homem sahiu em defesa do povo — Pomba garantindo, não só as riquezas que haviam ficad soterradas nas ruinas, como ainda providencian para que os exploradores não se aproveitassem o cataclysmo aggravando os males da população vi-timada.

Faça-se o mesmo aqui contra os vampiros de toda a especie que, vorazmente, se cevam nos infelizes, sabendo-os desprotegidos, e só não os escorcham para vender-lhes a pelle porque para tal mercadoria não achariam compradores.

E além de taes oppressões, que apparecem, quantas outras são por ahi commettidas, algumas ainda accrescidas de infamias, como nos provam, de vez em vez, as tristes levadas de crianças que da miseria, occulta nas montanhas, descem para a prostituição na planicie.

Organise a policia uma batida aos chacaes e muito fará em beneficio da pobreza. Os leões sempre deixaram alguma coisa : salve-se esse pouco.

25 — XI.

Suggestão... carnavalesca

Começam a apparecer nos jornaes os prenu cios do carnaval : são os *puffs* em prosa e em verso são os calungas grotescos ; são os convites bomba ticos de bailes e forrobodós. As lojas expõem, e amostras, os tecidos de côres berrantes, de padrõ bizarros, floridos ou caricaturados de titeres e m nipanços comicos ; e guizos ás pilhas, caireis, fra jas e borlas de sêda, canutilhos de ouro e prat lentejoulas, estrellas, missangas e avellorios ; e ma caras, desde a lôba galante, até a carantonha belfas rubras e nariz batatudo e purpurino ; doai vesgos e cornigeros de demonios, caraças de pi polhos choramigões, caveiras, carizes mongóes carrancas de velhos ; e pantufos, sandalias, abar

e papuzes, botas e escarpins; chapéus de fórmas varias, toucados e corôas, todos os arrebiques fantasmagoricos que apparecem em tal festança, sem falar nos trajos, desde a palhaça até o costume gentil do seculo XVII; a plumaria do indio, a frandulagem do feiticeiro negro; o burel fradesco, o kimono da musmé ou simplesmente o pyjama com um az de copas em lugar proprio.

É o alvorecer da folia annunciado segundo os costumes contemporaneos. Os antigos viam tal alvorada com outras côres, de accordo com a mythologia que, então, governava os espiritos. Assim a descreveria um narrador coevo:

« É o despertar jucundo do ruidoso thyaso dyonisiaco. Momo, estremunha no seu leito de parras sob a latada pampinosa e uberrima de cachos. O cortejo feminino: bassaridas e thyadas, bacchantes e mimallonas, menadés, clódonas, bacchantes de toda a casta seminuas rebolcam-se em espreguiçamentos, umas estiradas em folhedo, outras em mosqueadas pelles de pantheras; saltam faunos capricantes, silenos ventrudos zambram, satyros cabriolam, paniscos cambalhotam buscando, cada qual, o instrumento ou emblema com que apparece — o thyrso folhudo, o cymbalo, o sistro, a frauta; este, agita um vidonho; corre aquelle arrastando um rácimo; um levanta o rython e bebe aos gorgolejos; qual tintinabula o trigono; qual assopra, a bochechas

pandas, o diaulo ou corre os labios pela syrinx, todos bailando em volta de Momo obeso, offerecendo-lhe auxilio dos braços para que se levante nas pernas tremulas e refegadas.

E ei-lo de pé, pandeando a pança, com a caluga em roscas, rindo babosamente ao vêr que os escanções acodem com os cymbios transbordantes do espumoso mosto da ultima vindima.

Improvisam-se os primeiros dithyrambos e os gritos bacchicos atrôam : Evoé ! Saboé ! »

A epoca é outra, mas a alegria é a mesma. O sol da Hellade, cuja luz se derramava, como um vinho louro e embriagador, pondo toda a gente em delirio, não era mais capitoso do que o nosso.

Quem se lembra, em tal tempo, de amarguras ? Dir-se-á que no vinho solar ha fluido de nepenthes, a herva do esquecimento. O que se quer é gosar e rir á tripa forra. Que importam aos foliões a crise, o estado de sitio, a Lyra desencordoada por falta de bronze, a censura e outras calamidades, mais ou menos avexadoras ?

Não ha casas ? isso que monta ! ? não faltam cavernas e clareiras nas montanhas ; a ramagem de uma arvore é tecto. O cambio baixa e os generos sobem, deixando o Povo a olhar para elles como a raposa para as uvas ? Ora, nem só de pão vive o homem. A Light omnipotente estorque ? viva-se ás

escuras ou, quando muito, á luz das estrellas, que nada custa.

O carnaval ahi vem. Deus o traga e bem emmaranhado de serpentinas e pulverisado a perfume. Os jornaes já estão apregoando, em unisono, o advento da folia, o alvorar dos dias de irresponsabilidade. Já as zabumbas retumbam, rufam as caixas, silvam os assobios, gasnitam as gaitas, batucam os atabaques e o santo e a senha são as duas vozes do estribilho thyadeu : Evoé ! Saboé ! O mais, que importa ?

A proposito dos bulhentos pregões carnavalescos, conversemos um pouco sobre o assumpto. A esta hora já as grandes sociedades celebram reuniões para combinar sobre a organisação dos prestitos com que devem sahir em competição e as directorias dos ranchos convocam assembléas para discutir o plano dos seus sumptuosos cortejos. Consintam umas e outras que eu metta o meu bedelho de intruso nas suas deliberações.

Não será tempo das grandes sociedades darem com o basta ! naquillo que o povo, com justa razão, chama — « caldos requentados », os taes carros allegoricos figurando monstros ou representando, invariavelmente, com o mesmo ouro, a purpurina de sempre, os mesmos engonços, as mesmas gangorras, aviarios ou plaustros apollineos, bigas rodando em nuvens, globos giratorios, kiosques e pagodes,

flammejantes cavernas infernaes ou grutas venustas, almanjarras estiradas sem significação alguma nas quaes o que de mais interessante apparece são as mulheres, quando os organisadores de taes apotheoses não as vão buscar no Asylo da Velhice Desamparada ou em museus de teratologia ? Porque não tomam por thema ou motivo de taes prestitos um assumpto da historia ou da lenda. illustrando-o graciosamente com os taes carros de idéas (?) que, assim, relembrarão, com brilho, passos da nossa vida ou darão ao povo um pouco de poesia animada ? E tornar-se-ia interessante o cortejo, intercalado de satyras e commentarios da vida contemporanea. E os desfiles seriam, assim, verdadeiras revistas ambulantes, engranzadas num fio que seria fabula ou episodio historico e não essa misturada heteroclyta de pachuchadas que só revelam pobreza de imaginação e falta de gosto.

É, sem duvida, preferivel fazer sahir um cortejo pequeno, mas organisado com arte, a atravancar as ruas com uma bicha interminavel, que serve apenas para arejar velha indumentaria e desemperrar molas e engrenagens de caranguejólas que, todos os annos, irrompem dos galpões, reformadas, sarapintadas, recennadas de fresco, como a tarasca do Rhódano que passeia processionalmente nas ruas de Avignon ou como os caboclos, symbolo

do patriotismo bahiano, que percorrem S. Salvador no dia 2 de Julho.

Desses não ha que dizer: são tradições, mas das tranquibernias carnavalescas com que, todos os annos, nos empulham as sociedades de alto bórdo, disso . . . tenham paciencia! Já se queixavam os nossos avós, que as tinham por sediças.

Algo nuevo! senhores carnavalescos. Algo nuevo! e, se o não ha, inventem-no, que, para isso, foi que Deus lhes deu imaginação e o carnaval lhes dá liberdade até a fronteira da licença, onde a Policia de costumes monta guarda . . . de olhos vendados. Quanto aos ranchos, a esses eu pediria que se deixassem de cavallarias altas, mantendo-se no que, com tanto exito, experimentaram, annos atraz: os cordões choregraphicos, ensaiados em danças e cantos nacionaes. Com elles reappareceriam scenas da vida de antanho, costumes e usanças do passado: danças languidas da roça e da cidade, bailados mimicos e tradicionaes como os da chegança, de S. Martinho, jongos, batuques, cateretês, chulas e cucumbys e até evoluções figuradas, lembrando a dança dos machatins, com arremedos de combates, rythmadas a cantares de puro trovar do povo.

Nada de carros e moxinifádas allegoricas — cantos e danças sobre melodias nossas que, assim, brincando, farão resurgir do esquecimento, em que jazem, as folganças dos nossos maiores, as alegrias

do tempo antigo. E o Passado, ao menos durante esses tres dias, visitará o Presente e andará com elle.

É tão facil e, sobre ser barato, será mais bello do que todas essas patacoadas que costumam apparecer e porque não dizê-lo ? util, ao menos como evocação de outras eras, sem duvida mais pittorescas do que a nossa. É caso das sociedades e os ranchos tentarem a experiencia e o povo, que é juiz sincero, dará o seu parecer . . . e estou certo de que elle será favoravel, porque isso que ainda se mantem na ordem dos dias de carnaval já não interessa a ninguem . . . antes pelo contrario, como por ahi se diz e com razão, é pau !

2 — XII.

Boas Festas

Algumas horas mais e será uma vez o anno de 1922. Não sei como a Historia o receberá, isto é lá com ella ; eu, de mim, affirmo que tanto se me dá vê-lo morto como me importava com elle emquanto, folha a folha, ia sahindo do calendario para a cesta dos papeis.

Isto de viver acaba tornando-se um habito e a gente não dá pelas horas que passam e transita de um dia para outro como vira a esquina de uma rua.

Vive-se como se caminha e agora, com a ligeireza em que vamos, menos se sente — ás duas por tres, está ahi a velhice — é o fim da viagem, rapida como as que fazemos em *taxis* e que, amanhan, os que nos hão de succeder, farão ainda com mais celeridade : pelo ar.

Que importa o tempo se os homens continuam os mesmos ? A melhor terra, a mais fertil, de aguas mais copiosas, entregue a colonos lerdos nunca será mais que mortorio espinhoso e a charneca, se nella puzerem uma turma de trabalhadores energicos, em pouco tempo se mudará em alfobre de bôa medrança.

Se, em vez de Anno Novo, nos dessem gente nova a coisa mudaria de figura, seria outro cantar, como vulgarmente se diz, e até eu, que detesto essas chirinolas zaragalhantes com *jazz-bands* e outras moxinifadas americanas, seria capaz de ir atordoar-me em um desses *reveillons* que por ahi se annunciam, mas para vêr a mesma coisa com mudança apenas de um numero, não vale a pena.

Do que foi estou eu livre e dou-me por muito feliz por haver chegado são e salvo á fronteira da nova era. Se não tirei a sorte grande nem recebi alguma condecoração d'essas que são distribuidas com mão prodiga, tambem, louvado Deus, não tive de acompanhar carcereiros nem conheci de perto o serviço modelar da Assistencia mandado á sollicitude dos seus medicos e enfermeiros por algum automovel.

O que passou, passou. Pagar adiantado, isso é que não faço.

Porque hei de eu accender luminarias para receber um mysterio que vem a mim com carta de prego, simplesmente porque o precede a Esperança ? Conheço de sobra essa senhora. Muito me te-

nho eu nella fiado e tal confiança eu é que sei quanto me tem custado !

Vê-la com o ramo verde e vêr um candidato em vespera de eleições, com a circular, é tudo a mesma coisa. O candidato promette ao eleitorado este mundo e o outro, cahem os eleitores na esparrella e, mal o homensinho se apanha reconhecido, não tem o povo maior inimigo do que elle, em tudo e por tudo. O mesmo faz a Esperança.

Agora com o Anno Novo ei-la em scena a agitar as almas e as tolas ouvem-na e de que confiam no que lhes ella promette são provas os grandes gastos que por ahi se fazem em victualhas e guloseimas, vinhaça e beberetes, musicas e flores para que a primeira hora do Anno Novo seja recebida festivamente.

Não vou nisso. Tenho experiencia que farte para não cahir em logros. Não compro nabos em sacco. Se o Anno Novo quer ser recebido com festa diga, primeiro, a que vem, o que traz, mostre-me o seu programma, mas feito como se fazem as escripturas, com testemunhas e firmas reconhecidas. De promessas vans estou inteirado.

Que me importa a mim que o anno seja este ou aquelle ? o que eu quero é vêr o que nelle ha e, em todos, o que vejo é a mesma coisa, ou melhor : os mesmos homens com as maldades, as insidias, etc., etc. Plataformas e folhinhas, tudo papel sem valor.

E devo até dizer que hoje, com o que tenho visto, prefiro o silencio aos compromissos generosos que assumem comnosco os que pretendem as nossas bôas graças.

Não ha muito — e os males ahi estão por prova — appareceu-nos uma de taes esperanças. Quem a ouvisse falar diria que soara para nós a grande hora venturosa annunciada pelas prophecias e com a balburdia que, então, se fez em todo o paiz, não houve um homem de bom senso que se lembrasse de consultar os apparelhos sismicos. Se tal homem houvesse apparecido teria verificado que os dias vindouros seriam tremendos; que um terremoto, como jámais houve, nem no tempo da Atlantida, convulsionaria o paiz durante tres annos e pico, deixando-o mais arrasado do que a ultima catastrophe no oriente deixou algumas das formosas cidades do Japão.

As ruinas ahi estão — não só de casas, como de montanhas; não só das finanças como do proprio brio do povo que, ainda que possa assentar-se á sombra da sua bandeira, não o fará com a mesma independencia com que o fazia outrora, porque os seus actos vão ser fiscalisados, a sua vida vai ser vigiada attentamente por uma curatella imposta pelos que confiaram em promessas e que viram ir por agua abaixo, por agua ou não sei por onde, — porque o certo é que ainda não se conseguiu saber

como e para que rumo foi canalisada a maquia que para cá mandaram.

Somos uma nação com sentinella á vista, tendo apenas a patria por menagem.

Ora o causador de tudo isso, o homem a quem devemos mais do que a miseria que já nos arrasta pelas raias da fome : a vergonha, entrou solemnemente no fastigio com a mesma solemnidade e o mesmo enthusiasmo do povo com que, na *Aida*, logo que se propala a noticia da atrevida entrepresa de Amonasro, é Radamés acclamado salvador da Patria, nomeado generalissimo das forças egypciacas, recebendo a espada com que deve combater a horda ethiopica.

No acto de Philae, porém, o enamorado da escrava, surprendido em traição pelos sacerdotes, clama

Io son' disonorato...

e, atravessando a scena, entrega a espada ao *sam*, seguindo para a prisão.

O Radamés de cá, não só não fez tal entrega como ainda ameaçou reduzir a pó a quem ousasse dizer-lhe em face o que todos sabem e que elle proprio não contesta, porque não póde. E, em vez de seguir para o julgamento, como o tenor na opera, agarra a espada a mãos ambas e investe com os que o accusam e a lei ainda o prestigia, ainda que

sem a espada, que está com elle, apenas com as balanças, essas mesmas inuteis por serem pequenas para o peso de tantos milhões.

Ora, com exemplos taes ainda haverá quem se lembre de festejar vindiços ?

Anno Novo . . . Que venha — que nos dê o que traz e no fim . . . veremos. Festas adiantadas não serei eu quem as faça. Tenho escarmento bastante.

Demais, os annos valem pelas acções dos homens. Assim, se nos promettessem homens capazes, homens competentes e de reconhecido patriotismo eu festejaria o advento da nova era, mas um 4 em vez de um 3, um accrescimo de numero, mudança apenas de placa . . . Por tal não serei eu quem se abale.

Festejo por festejo mais merece o que vai, que, ao menos, me deixou com vida, do que o que vem que não sei como me tratará. Mais vale um passaro na mão do que trezentos e sessenta e seis voando e 1923 está na mão.

Emfim, como é de uso dizer alguma coisa amavel aos leitores entre um anno e outro, não quero quebrar a tradição e faço sinceros votos para que, no fim do anno proximo, eu ainda escreva chronicas e conte com todos os meus leitores, sem falta de um, para supportá-las.

30 — XII.

1924

A canastra de Gauderio

Não havia corrigi-lo — nascera assim, assim havia de morrer : era sina. Pai do descanço, como diz o povo na sua giria pittoresca, vê-lo era em vespera de viagem.

Emquanto os outros tratavam de fazer cuidadosamente as malas Gauderio, (nome de predestinado), sempre remanchão, passeiava alambasadamente pela casa, com uma ponta de cigarro a queimar-lhe os beiços, mãos ás costas, ou assobiando, se não arranjava pretexto para discutir com os companheiros, distrahindo-os do que faziam.

Por mais que lidassem com elle para que se decidisse a arranjar a canastra de couro de vacca estrellejada a taxas amarellas, encolhia frouxamente

os hombros e, com a lerdice habitual, dizia amollengado, cuspilhando d'esguicho para os cantos:

— Tem tempo!... E continuava na pasmaceira, coçando regaladamente as pernas cabelludas.

Os companheiros tiravam partido do relaxamento de Gauderio. Tendo á mão a canastra se, por acaso, depois de fechadas as malas, achavam alguma coisa que lhes passara despercebida, lançavam-na á capharnaum do amigo, como a porão de cargueiro: este, um par de chinellas; aquelle, umas ceroulas; outro, uma brochura, o que fôsse. E Gauderio moita, indifferente, até que o criado apparecia annunciando a chegada da carroça que devia levar a bagagem á estação.

Era então vêr o homenzinho afobar-se em azáfama, corre d'aqui, salta d'ali a arrepanhar no chão tudo que via, a arrancar retratos das paredes e atafulhar desordenadamente a canastra: livros e papeis velhos, sapatos e folhas avulsas de apostillas, andainas de casimira e roupa suja, cartas de familia e contas dos credores, latas vasias de goiabada e chichelos desparelhados e ainda, em tal mistiforio, mettia, d'afogadilho, o cachimbo da cozinheira, maços de cigarros, cascaria de frutas e de queijo, ratoeiras enferrujadas e lixo á ufa.

Isto feito, tentava fechar a canastra, que bojava, sendo preciso que os companheiros a forçassem a pulso ou trepassem-lhe na tampa tripudiando

em cima para que o dono pudesse dar volta á chave. De tal balburdia resultava chegar sempre a canastra de Gauderio em petição de miseria — com as roupas manchadas de tinta ou besuntadas de banha, os livros rotos, a papellada sordida, tudo por motivo do atropelo com que elle andara na ultima hora e ainda porque consentira em que um companheiro, que já havia fechado a mala, mettesse no canto da sua canastra um pequeno embrulho, exemplo de que se serviam os outros, com esperteza, para a atravancarem de badulaques.

Conhecendo Gauderio, como conheço, não me surprendeu saber que elle vai lançar a sua candidatura a deputado nas proximas eleições. Serão favas contadas e d'elle, quando triumphar nas urnas, se poderá dizer : *The right man in the right place.* Não só terá o reconhecimento garantido como poderá contar, pela certa, com o voto da Camara elegendo-o para a commissão de finanças com designação para relatar um dos orçamentos e, em tal trabalho fará, infallivelmente, o que, em tempo de estudante, fazia com a famosa canastra de couro de vacca e taxas amarellas : deixá-lo-á para a ultima hora e escancarado para que receba todas as botas e burundangas com que o queiram atochar os espertalhões.

Em verdade — que são senão canastras de Gauderios esses orçamentos enxertados de emendas as

mais absurdas, algumas bojudas, d'essas que na giria aduaneira são chamadas « elephantes », votados a troche-moche por falta de tempo ou de outra coisa, com que, ao apagar das luzes, em plena escuridão, é feita a mudança de um para outro exercicio ?

O resultado de tal desidia á sempre o que se vê : uma mixordia que ninguem entende e que, em vez de facilitar, só serve para complicar a vida da nação.

Ha coisas, por exemplo, que apparecem em todos os exercicios, são como as baratas que se anicham nas frestas dos velhos bahús e que surgem assanhadas sempre que alguem os abre e revolve, desapparecendo, logo em seguida, sem que se saiba como nem por onde. Causam apenas susto, alvoroçam aos que as vêm, mas é só isso.

Uma de taes baratas orçamentarias, do typo das cascudas que esfervilhavam em enxame na canastra complicadissima de Gauderio, é a tal questão das accumulações remuneradas. Não ha anno em que tal bicho não appareça.

Dantes era uma barafunda no funccionalismo quando o feio insecto surgia do meio das emendas orçamentarias ; hoje ninguem liga. Assim como apparece some-se : tal qual como as baratas dos bahús.

As canastras, que agora começam a ser despe-

jadas nos varios ministerios, estão cheias até as bordas, não só dos teres dos respectivos Gauderios como do que nellas atiraram os espertos. Gauderio, quando encontrava entre as suas camisas e ceroulas, os seus punhos, collarinhos e gravatas, borzeguins e galochas, potes de tinta e de brilhantina, bisnagas de dentifricos, pentes engordurados, latas de graxa e meias servidas e outras moxinifadas esbravejava furioso contra o abuso.

De que lhe servia, porém, a furia ? — o intento dos companheiros fôra conseguido, o mais . . . Gauderio que se queixasse ao bispo.

Não era propriamente ao bispo que elle mandava a queixa, senão aos pais, pedindo recursos para refazer o seu guarda-roupa que ficara estragado com os contrabandos dos companheiros. E, como os pais, fôsse lá como fôsse : empenhando-se, encalacrando-se em emprestimos, desfazendo-se de bens, sempre arranjavam os taes recursos sollicitados, Gauderio acabava rindo-se da esperteza dos companheiros e, accendendo um cigarro, murmurava apenas, raspando mollengamente com as unhas longas, que tem, as escanifradas pernas cabelludas :

— « Vocês são uns pandegos . . . »

Sim, uns pandegos . . . O diabo é que essa pandega, além de pôr o orçamento em sarrabulhada de caixa de turco, ainda somos nós que pagamos os

prejuizos que nos acarretam as misturas que nelles fazem os retalhistas da ultima hora.

Eu sempre achei em Gauderio um córte admiravel de relator de orçamentos. Aquella canastra era um vaticinio.

6 — 1.

Promessas

> Multoque melius est non vovere, quam post votum promissa non reddere.
>
> *Ecclesiastes*, C. V. v. 4.

No «Ecclesiastes», o livro admiravel no qual se depositou, por decantação, ou experiencia, toda a lia da alma semitica, verdadeiro calice de amargura com que Salomão, ou Cohelet, como se assigna o autor, levantando-se da orgia em que vivera no seu numeroso serralho, sempre cercado de mulheres dissimuladas e de aulicos lisonjeiros, fez o brinde ironico á Vaidade, já se nos revela a especie de perjurio em que reincidem constantemente os homens no commercio da vida. « É muito melhor não

fazer voto algum, a fazê-los para os não cumprir.»

Resignai-vos, amigos meus, porque o mal de que vos queixais a vozes bradadas e contra o qual já alguns protestam com pedras na mão, não é novo. « Nihil sub sole novum», lá está no mesmo livro.

Tudo que existe de bom e de mau vem da alma e a alma é mais velha do que a vida porque, antes da creação, já o Senhor andava com ella, como o savrador quando sahe para o campo, ainda com as lombras frias da madrugada, leva as sementes que ha de lançar no sulco do arado.

Antes mesmo de se assentar no throno de David, onde reinou com verdadeira magestade, irradiando a fama da sua sabedoria e das suas riquezas até os confins do reino de Sabá, o mal de que se queixou com tanta acerbidade já corroía o coração de Israel.

Pretendentes a grandezas promettiam fidelidade ; pretendentes a negocios juravam honestidade ; candidatos annunciavam beneficios ao povo e nas doces sombras dos bosques, soando com o arrulho meigo das pombas, que ali tinham os seus ninhos, quantas juras de namorados, logo esquecidas ; quantos votos sellados a beijos que morriam, mal os labios se descollavam, por não terem raízes no coração !

Taes mentiras immemoriaes formaram sempre os frouxos alicerces das construcções humanas e assim, por frageis e constantemente abaladas por desavenças ou revoluções, não raro aluem desfazendo-se em ruinas.

Todo o mal da vida tem origem no que prega esse versiculo que allude a promessas não cumpridas.

Não sei em que se fundou Cohelet para assignalar, com tão candente ferrete, tal vezo humano, se elle, porém, o stygmatisou foi porque o conheceu e com elle soffreu desillusões de perfidias cortezans, de cambalâchos de politicagem, de mentiras femininas, de intrujices de commerciantes.

O mal é proprio da alma, como o sabor é proprio do fruto e o perfume é proprio da flôr. Como tirar o gosto á uva ou o aroma ao bogari?

Sei que soffreis, amigos meus, porque nada ha peior do que contar com uma promessa e vê-la fallir em nada ou ser protellada indefinidamente, mas... quando não ha, que fazer?

O anno começou tragico golfando sangue e amotinado. Se indagarmos da causa da sangueira que retingiu tanto lar e do alvoroço em que andaram os homens, havemos de encontrar o versiculo de Cohelet com as promessas feitas e não cumpridas.

Em verdade é muito melhor não fazer voto algum a fazê-los para os não cumprir. Quem os faz

de má fé sabe que o mundo sempre os recebe com alegria e ainda que precedentes o devessem tornar desconfiado, o palerma deixa-se embahir e vai no embrulho.

Não cessam os jornaes de noticiar as artimanhas dos espertalhões que impingem a papalvos «pacos» de papel sujo por fortunas e todos os dias apparecem queixas de victimas do conto do vigario.

A esperança de melhorar desvaira.

Fizeram-se aqui largas promessas — era necessario distrahir a attenção do povo ou, como dizem outros, dar-lhe um osso para que elle roesse emquanto se realisavam, ás surdas, e na escuridão, operações de monta e esse osso todos sabem qual foi.

Acabada a tramoia e quando os meliantes já se haviam posto ao fresco, viu o povo que o tal osso estava, de todo, esburgado, sem fêvera, limpo como as arcas do Thesouro.

Era tarde para dar em cima dos intrujões. E os homens insurgiram-se, não porque sejam de natural rixosos, dados a arruaças e depredações, mas porque se vêm acossados por credores e onzenarios, que lhes põem a faca aos peitos.

É o desespero que os incita ,é a miseria que os rebella e não espirito de indisciplina, porque não ha gente mais pacifica do que a nossa, e disso deu prova com a paciencia com que supportou tres annos e alguns mezes de calamidades e affrontas,

Tudo, porém, tem um termo — o proprio cordeiro marra.

Chegado o prazo do cumprimento das promessas, não havendo com que resgatá-las, foram ellas protelladas com a esperança, balsamo que, se não cura, mitiga ; se não sara, allivia. Agora, porém, o mal aggrava-se — os sedativos deixam de operar quando o mal se torna profundo : a ulcera, emquanto não chega ás arterias e veias, póde ser tratada com linimentos, tanto, porém, que toca em pontos que dizem com a propria vida o recurso é opera-la para que não estire o enfermo em sete palmos de terra.

Prometteram e não deram, insistiram na promessa e faltaram ao compromisso. Taes meios em que são vezeiros politicos sem escrupulos e mulheres astuciosas são processos dolosos de que se não devem servir, por perigoso, os que lidam com o povo, manso como o oceano quando não o assopram ventos, terrivel na colera quando o enfuria a procella.

Dirão os que actualmente administram que as promessas datam de outros tempos, não foram feitas por elles. Que importa ! retrucarão os interessados ; o promettido é devido. Quem ficou com o rabo do foguete que se aguente. Os promettedores sabiam que a bomba não lhes rebentaria nas mãos — accenderam-na e deixaram-na para quem viesse

depois e a machina explodiu com deflagração de escandalo.

Infelizmente, porém, não foi essa a unica e ainda por muito tempo continuaremos a ouvir estouros, porque os taes anarchistas de topete deixaram as finanças do paiz como os belligerantes da grande guerra deixaram os mares. O remedio agora é caçar as minas, limpar o caminho para que a nau do Estado (deixem passar o chavéco rhetorico) possa navegar, não direi em mar de rosas, mas, em todo o caso, sem risco de ir pelos ares.

O governo actual está nas condições do hollandês, que pagou o mal que não fêz. Aceitou a promissoria, que a resgate para que o seu nome não seja apregoado em cartorio.

Quanto aos responsaveis, esses, graças á benevolencia das nossas leis, que não voltam atraz, como toda a Lei que se preza, dormem no quente, em leito de ouro e lençóes de brocado.

Poesia

> He (the poet) is a beholder of ideas, and an utterer of the necessary and causal. For we do not speak now of men of poetical talents, or of industry and skill in meter, but of the true poet.
>
> *Emerson.*

Tudo annuncia a primavera. É a resurreição que vem.

Em crise identica á que, amarguradamente, atravessamos, a Europa, que parecia morta, despertou para a vida nova á voz divina da Poesia.

Tudo era nella muradal e cinzas, desolação e miseria. Na terra, devastada pelas successivas invasões de barbaros, estancara a seiva da fertilidade e o maninho cobria-a em macegal agreste ; a fome

brutalisava as gentes até a fereza da anthropophagia e a Peste, que succedera á assolação das armas, rematava com ulceras e febres delirantes o excidio das frameas e das lanças.

Pregoeiros lugubres annunciavam, ao som de campanas de agouro, o fim do mundo e o *dies irae* era o hymno tragico que atroava as abobadas monasticas echoando sinistramente nos campos e nas florestas.

Á noite, ao chirriar das corujas, ao trissar dos morcegos, flammejavam lumes lividos, que eram os archotes com que bruxos e feiticeiras encaminhavam-se para o sabbat.

Foi em tal momento, — sazão de morte — que se levantaram os cantos alviçareiros dos poetas: trovadores do Sul a troveiros do Norte, minnsingers e scaldos e a Renascença alvoreceu como dealbam as madrugadas ao som das vozes do passaredo.

Reappareceram as charrúas e mais ferros lavradios e a terra reviçou risonha e prospera. Reenfolharam-se as oliveiras, alastraram os vinhaes, o trigo lourejou ao sol, o linho reverdeceu enfibrado de fios alvos.

Sahiu o lavrador ao campo e, sulcando o alfobre, ora fazia saltar, com a relha, ossadas, ora desentranhava um deus marmoreo: aqui, um esqueleto; além, a Venus de Milo; uma caveira ou o gru-

po do Laocoonte ; uma tibia ou um Eros. E, assim, a um tempo, vinham da terra martyr vestigios das grandes chacinas e reliquias da Arte, que tambem havia sido victima da ferocidade barbara.

E a Poesia cantava — toda a vida era uma Alleluia, um madrugar triumphante com os annunciadores da Paz que eram, ao mesmo tempo, os renovadores da Crença, como Francisco de Assis, despertadores do heroismo, como Bertrand de Born, ou cortezãos do Amor, como Arnaud Daniel — representantes da Poesia, flôr do espirito, precursora do Progresso, que é o fruto.

Todos os grandes periodos historicos foram iniciados por poetas.

Agora mesmo o que vemos em todo o mundo, ainda agitado pelo tremendo cataclysmo que esteve prestes a subvertê-lo, que é senão Poesia ?

A Italia matérnal, oriente de onde surgiu o sol do Renascimento, quem a dirige a rumo novo ? a Poesia, encarnada em Mussolini, que tem por inspirador o grande lyrico da *Nave*, Gabriel d'Annunzio.

A Russia, na confusão em que se agita, parece viver num bardito como o de Ragnar Lodbrock, com o estribilho sangrento bradado pelo indomavel pirata.

Na Inglaterra são os trabalhistas que vencem, homens de acção, representantes dos operarios, que

tentam a reforma social, insurgindo-se contra a rotina, como Hans Sachs e os seus companheiros, em Nuremberg, organisando as primeiras sociedades de artifices-poetas, protestaram e triumpharam de Beckmesser e da sua tabulatura.

O que se levanta de todos os rincões do mundo são vozes propheticas annunciando a Era Nova.

Ainda não ha luz bastante para que se vejam os novedios — caminha-se no diluculo, mas a voz da Poesia é que conduz o mundo.

Sigamos com os poetas, porque só elles vêm no Futuro; porque só elles, com a bondade, podem refazer o que a guerra destruiu; porque só elles reconciliarão os homens restituindo o amor á vida, tornando a terra, de pólo a pólo, o que sempre devera ser — o Lar tranquillo e amoravel da Familia Humana, onde não haja odio e todos os trabalhadores, unidos pelo mesmo ideal, concorram para melhorar a Vida, de accordo com os ensinamentos de Jesus, herdados á Humanidade nos Evangelhos, inscrevendo no programma a Fé e o Amor, segundo as palavras do cantico dos anjos espalhados na grande noite annunciadora da Redempção:

« Gloria a Deus nas alturas, Paz aos homens na terra de bôa vontade. »

Ao deixar o Theatro Municipal, em S. Paulo, — ornado como para uma festa primaveril, com um velario de folhas verdes, recamado de rosas e de

orchideas, o palco em frondoso bosque — tendo ouvido a leitura da platafórma do Dr. Carlos de Campos, acudiram-me ao espirito as idéas acima enunciadas.

Em verdade o que eu ouvira na augusta assembléa politica, emmoldurada por flores e senhoras, não fôra senão um poema heroico e de concordia : incentivo ao trabalho e appello do coração á harmonia.

Carlos de Campos, artista de tempera e politico de estirpe, cuja vida exemplar, toda de dedicação ao seu Estado e á Patria, foi historiada em ponderosas palavras por um dos seus mestres, o erudito Dr. Dino Bueno, luminar dos de mais brilho da Faculdade de Direito, leu ao numeroso auditorio attento o seu comprmisso sellado com o coração. Os que onviram essa peça, por todos os titulos notavel, substanciosa na essencia e limpida na forma, tiveram, como eu tive, a impressão de Poesia ou, o que vale o mesmo, de Revelação.

Nobre nas referencias aos precursores, sem exaggeros fallazes nas promessas, o futuro presidente do grandioso Estado, cuja terra é um celleiro que se não esvasia, antes augmenta á medida que delle tiram, graças ao milagre perenne do Trabalho ; cujo espirito, em alor triumphante, cada vez mais alto se levanta, não só nos descortinos de Progresso, para a Fortuna, como em surtos de Arte, para a

Belleza, produziu obra nova em politica, obra de acção e de sentimento. Reçuma vida, dá rebates energicos de força : é um escudo de combate mas, encostado a um peito generoso e, se repulsa golpes, resôa com os latejos de um coração.

Assim era a égide de Pallas : muralha aggressiva contra os atacantes, seio de agasalho para os que se lhe chegavam ao concavo de bronze.

De tudo cogita o administrador prudente olhando d'alto a terra feracissima.

A parte do discurso que se refere á vida material e ás possibilidades da intelligencia : á lavoura, á industria, ao commercio, á arte, á sciencia e á disciplina no regimen da Lei, brilha como um horizonte calmo e de prosperidade. O que, porém, sôa como novo nesse documento lapidar é a Poesia do artista, encerrada na peroração formosa :

« Sempre entendi que, na carreira publica — e disso ainda não sei como nem por que me arrepender — mais se deve attender ao influxo do coração do que da intelligencia, quando não se os possa ter em equilibrio.

Com effeito, algures li — e frequente me tem sido a observação — « que, se os grandes pensamentos vêm do espirito, é do systema affectivo do caracter, que tiram a sua efficiencia ». Mais ainda : « não se esclarece e não se governa um povo, na complexidade dos seus ideaes, senão pelo sentimento ».

A impassivel razão estuda, analysa e decide, quasi mecanicamente as questões, dentro do apertado circulo dos seus dados e argumentos theoricos ou praticos ; mas, onde não ha lugar para o sentimento. E' um tribunal de soberana, severa e inappellavel justiça, quer se trate do direito, da força ou da conveniencia ; mas, onde não ha lugar para a equidade. E' uma machina de calculos, por sem duvida animada pelos melhores processos ; mas que resolve automaticamente

as equações, sem cogitar dos motivos, de usura ou philantropia, de interesse ou paixão, de verdade ou falsidade que as determinam E' uma retorta que a frio executa o seu trabalho, como o verdugo executa as suas victimas . . .

Dê-se-lhe, depois, o concurso de amenisadores requisitos ; transplantem-se da gélida retorta, da machina de calculos, do tribunal sem appello, as hirtas demonstrações para a arca bemdita da equanime apreciação e as soluções se humanisam ; mais do que isso : quasi se divinisam, na essencia da alma, que é e não póde deixar de ser — espirito e coração.

Por isso é que — se o espirito faz a guerra, o coração realisa a paz ; se o espirito pune, o coração perdôa ; se o espirito é a lei, o coração é a bondade.

Que importa que o homem publico erre mesmo mais vezes, sob os dictames da paz, do perdão e da bondade, do que acerte pelo horror da guerra, pela rigidez do castigo e pela aspereza da lei?

. . . .»

Que voz é essa que assim se pronuncia em tão suaves dizeres ? É a voz do verdadeiro conductor de homens, pastor de officio que assim como empunha o cajado com que apascenta a grey e corrí-ge-a e defende-a, traz a frauta á cinta e, no descanço da calma, fá-la resoar, como fazia Tytiro á sombra dôce da faia.

Pastor como o da parabola que reconduz ao aprisco a ovelha desgarrada, não com violencia, senão trazendo-a aos hombros.

Para eras novas novos programmas, e esses devem ser traçados de accordo com o espirito do tempo. Para taes revelações não ha como o poeta.

São palavras de Emerson : « For the experience

of each new age requires a new confession, and the world seems always waiting for its poet. »

No banquete do Municipal o artista fez o ambiente em que se manifestou o politico.

Que musico acompanhou a festa da esperança ? De onde sahiu a melodia em que derivaram as promissoras palavras ? do proprio homem que as pronunciava.

Como os rios que correm múrmuros, beneficiando as terras, elle era, ao mesmo tempo, o que doutrinava e o que enchia de sonoridade o ambito.

O homem desdobrava-se, tinha duas azas e com ellas pairava victoriosamente — na plataforma revelava-se o administrador da fortuna, na pauta musical manifestava-se o estheta.

E politico e artista, homem de energia e de cordura, com a Liberdade por principio, mas dentro da disciplina ; com a Lei contrapesada pelo coração, assim se apresentou a S. Paulo o fiador do seu destino no proximo governo, com as mãos cheias de sementes para enriquecer a terra, com os olhos postos no Ideal, que é o Norte dos que avançam aventurosa e corajosamente para o Futuro.

E a bussola que o orientará na difficil jornada será, como elle proprio o disse, o coração.

E, para fechar com chave de ouro tão magnifica corimonia, falou por ultimo o Dr. Altino Arantes, produzindo um modelo de eloquencia, no qual não

se sabe que mais admirar, se os conceitos tão nobres e de tão alevantado patriotismo, se a forma que os reveste da mais pura e artistica vernaculidade.

Decididamente os dias são de Poesia, flôr da vida, renovadora da civilisação e São Paulo, que ha de ser sempre, e em tudo, o pioneiro do Brasil, inaugurou-a na sua Politica, fazendo com um programma de governo um hymno.

27 — I.

Ideal

Consinta o meu illustre confrade Affonso Celso que eu o acompanhe nos commentarios que, nesta folha, fez á obra de Adriano Thilger, escripta a proposito da nova orientação da dramaturgia na Italia.

O que caracterisa tal movimento renovador é o espirito de revolta da Poesia contra o prosaismo tacanho; é o impeto da Imaginação para o Ideal, a derrota da analyse pela synthese, a victoria definitiva do Symbolo.

O phenomeno não é recente: ha muito vem elle sendo annunciado pela musica triumphal das estrophes dannunzianas.

Foi o Poeta grandiloquo da *Cittá morta* o primeiro que se rebellou contra os modelos serôdios,

desfraldando revolucionariamente a sua signa á prôa altiva da *Nave*, que fez correr do estaleiro do sonho para o oceano largo e azul da Arte.

Poeta de envergadura forte, o creador vulcanico do *Fuoco*, sentiu-se constrangido no molde estreito do theatro contemporaneo e, estalando-o, a golpes d'azas, como do ovo se desempolham as aguias, alçou-se ao excelso em vôo energico, pairando sobre o mundo ideal, como pairou acima dos campos de batalha, sobre exercitos e esquadras, entre nuvens douradas pelo sol e turbilhões de fumo dos canhões, quando, em entrepresa atrevida, abalou da Patria para reaquistar Fiume.

Para contemplar o mundo ascendeu e, do alto, na plenitude etherea, não distingue individuos e episodios : abrange a Humanidade e acompanha as grandes acções da Vida. Só os genios podem attingir as alturas onde se respira o ar livre ; só os possantes logram vencer o Ether ou vingar os acclives da montanha olympica que topeta com o céu e do cimo da qual o olhar tanto alcança o passado como vê o presente e divisa o futuro.

Os que rastejam vêm apenas a planicie rasa, e o que nella se move : os trabalhos exhaustivos, as miserias dolorosas, os vicios repugnantes, a luta pelo pão escasso de cada dia, os conflictos mesquinhos do interesse, os amores corriqueiros e todas as suas consequencias.

De cima é que se contempla a ampla grandeza e se abarcam as distancias profundas e, ainda que se não distingam os vultos, vêm-se as multidões, como se não destacam discriminadamente as casas, que se confundem no panorama vasto da cidade.

É a visão larga, absoluta da Vida e tal visão só podem ter os genios, que se não contentam com os effeitos e buscam as causas; que não estudam amores, mas o Amor; ciumes, mas o Ciume; traições, mas a Traição, a Alma, emfim.

Os mediocres contentam-se com as folhas seccas que cahem dos ramos da Arvore da Vida. Os genios, mais exigentes, querem a propria Arvore e, assentando-se-lhe nas raizes, como as nornas escandinavias jaziam nas do cedro Ygdrasil, não só lhe aproveitam a sombra como respiram o perfume das suas flores, colhem os frutos que lhe vergam os ramos e ainda aproveitam a resina, essencia do cérne, que lhe reçuma do amago, com a qual fazem a thymiama com que honram os deuses e glorificam os heroes. Assim procederam sempre os creadores, desde os tres gregos até Shakespeare, os da Espanha e os da França e, em nossos dias, Ibsen com as suas nebulosas cheias de germens estellares e d'Annunzio com os seus symbolos maravilhosos.

Estes ultimos são os novos cimos da cadeia que nasceu á beira do templo de Eleusis, onde se iniciou Eschylo e que, atravez do tempo, cortada de abys-

mos de decadencia entre culminancias de surtos, vem até nós e continuará pelas idades.

A arte dramatica precisa elevar-se, porque só as alturas purificam.

Já é tempo de mudarem os scenarios da fescennina retirando-se do palco o leito dos adulterios. No theatro antigo a acção decorria diante do thymele, que era a representação do altar dyonisiaco. Hoje, em vez de ara, é a cama que apparece em scena.

Não ha peça que se não desenvolva em torno de tal movel, que é o nucleo de onde, a bem dizer, irradia a inspiração dos poetas.

O theatro não póde ficar adstricro a esse libidinoso estrado, como a palestra das *preciosas*, na descripção de Somaize, que se realisavam nas passagens, ou *ruelles*, das camaras alcatifadas e em penumbra, entre canapés e leito em que se reclinava a dona da residencia, Roxana ou Aglae.

A propria Venus Urania, não a vulgivaga, ou Porne, venerada em Cythéra, não presidiria a certos espectaculos da Comedia contemporanea, ella, cuja missa, diz-nos Gerard de Nerval, informado na leitura da *Hypnerotomachia* ; revestia um caracter de candura, sensivel no quadro que nos faz o escriptor de um casal de noivos que entra no templo devotamente, levando, cada qual, uma túrtura branca para offerecer propiciatoriamente á deusa.

Por mais que se esforcem os poetas se insistirem no assumpto da concupiscencia nada mais conseguirão no theatro, e, precipitando-se, rolando de licença em licença, em breve chegarão ao charqueiral obsceno onde se atolavam os camponios de Festus, nos primordios da dramaturgia latina.

É preciso desanegar o theatro do atoleiro e, para levantá-lo, é que os genios tentam infundir-lhe a força divina que engrandece, purifica, embelleza e exalta a Arte : o Ideal.

3 — II.

Um enviado... extraordinario

O caso singular desse infante que nasceu na Caixa Economica merece ser meditado.

Os áugures, que tiram horóscopos, deviam sondar o futuro de tão previdente pimpolho, que entrou na vida, cautelosamente, pela porta estreita da economia.

Certamente a idéa de nascer naquelle sitio de poupança não partiu do cerebro de quem ainda estava na casca, como o pinto do latim macarronio. Aquillo succedeu por força do destino. Estava escripto no céu em letras de ouro que assim havia de ser, e foi. Ha lá quem possa corrigir as leis do fado!

O que tem de ser tem muita força, diz a sabedoria do povo e contra a genitura não ha resistencia.

Assim como quem nasceu para dez réis nunca chega a vintem, quem nasceu para conto de réis, ainda que o cambio baixe a zero, ha de sempre manter o seu valor. Sina é sina.

A dama que transformou em maternidade a Casa da Formiga, podia esperar tudo, menos o que lhe aconteceu, com tão feliz successo, entre cadernetas e cheques.

Sahiu de casa levando o seu pé de meia para depositá-lo em seguro. No bonde, com os solavancos, sentiu os primeiros rebates da genese. Pensou que fôsse coisa passageira e deixou-se estar; o aviso, porém, foi-se tornando alarma e começaram as dôres. Não havia que duvidar. Era a hora.

Que fazer? Atrazar o relogio? Impossivel! O relogio da Vida não se atraza. O remedio era correr; correu e, mal chegou á Caixa, sem tempo, sequer, para dizer: agua vai! fez o deposito do que, em mezes, accumulara com as melhores esperanças e coração alegre.

Os funccionarios viram-se abarbados com aquella economia de nova especie. Como inscrevê-la na caderneta? Onde guardá-la?

Para resolver caso tão difficil só um Salomão e esse Salomão appareceu na figura de um continuo, que ponderou e com razão:

« Os pais costumam dizer que os filhos são penhores do seu amor. Sendo assim, parecia-lhe mais

natural que o pequeno fôsse transferido da Caixa Economica para o Monte de Soccorro, que é a repartição em que são recebidos os penhores. »

A mãi, porém, oppoz-se com todas as suas forças : « Que não ! Não queria seu filho no prego ! » E não houve convencê-la.

Foi então que um dos funccionarios fez de Alexandre cortando o nó gordio, ou umbigo, com o que tornou independente o recem-nascido, dando-lhe fóros de cidadão, com direito ao voto. E por proposta da ternura maternal, o deposito ficou com o nome de José.

E foi assim que, tendo apenas levado de casa um pé de meia, tornou a dama com outras peças de vestuario envolvendo o que nascera onde medram os juros da economia do pobre.

Por haver nascido entre as cadernetas quizeram os que testemunharam o caso assignalá-lo, e para tal fim foi corrida generosa subscripção entre os funccionarios, sendo, com o producto da mesma, aberta uma caderneta com o nome do recem-nascido que, assim, fez a sua entrada na vida com o pé direito.

A quantia arrecadada ficou rendendo — é uma semente de riqueza que, daqui a alguns annos, se fôr bem tratada, será uma arvore de patacas, como as que havia outrora.

Eis um exemplo a seguir. Recommendo-o ás

que se acham em estado de o poderem aproveitar, isto é: interessante, para que imitem o procedimento dessa mãi que soube escolher nascedouro para o filho.

Se a Caixa Economica, que, em virtude do seu nome, não pode, nem deve correr perdulariamente os cordões da bolsa, abriu uma caderneta genethliaca para o que lhe nasceu de muros a dentro, imaginem que não farão o Thesouro Nacional, o Banco do Brasil e tantos outros estabelecimentos de credito, nacionaes e estrangeiros, que por ahi ha, com os que tiverem a fortuna de lhes nascer entre a carteira e o cofre.

E haverá scenas curiosas: mãis a queixarem-se de má sorte por se haverem alliviado com o cambio baixo, recebendo uma miseria, até por gemeos. Outras lamentando só lhe haverem tocado marcos e corôas austriacas depois de nove mezes de soffrimento.

Haverá de tudo: contentes e descontentes — umas abotoando-se com cautelas valiosas; outras carregando pilhas e pilhas de papel de embrulho e resmungando, com decepção:

— Para isto, francamente, não valeu a pena tanto trabalho.

Tornemos, porém, ao nosso José, o que nasceu na Caixa Economica.

Cá para mim esse pequeno é um enviado da Di-

vina Providencia : veiu do céu, como a missão ingleza veiu de Londres : para refazer o que tantos patriotas arrasaram : pagar, á boca de varios cofres, a divida do Brasil e realisar o sonho de todos os nossos economistas convertendo em ouro o papel reles em que andamos embrulhados.

Esse pequeno é o Messias financeiro ou, talvez, uma reencarnação do famoso José, filho de Jacob, o tal que foi vendido pelos irmãos e que, depois da figura triste que fez com a mulher de Putiphar, rehabilitou-se, graças ao dom de ariolo, que tinha, interpretando os sonhos do Pharaó, com o que salvou o Egypto da fome de sete annos, abarrotando-o com os viveres accumulados durante o tempo da fartura.

O Estado devia tomar a si esse menino dando-lhe mestres de chrematistica para delle fazer opportunamente o seu ministro da Fazenda.

Economico pelo menos, havia de ser (e já não seria pouco) tendo nascido, onde nasceu : na Caixa Economica.

10 — 2.

Nova babel

> E disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu, e façamos celebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra.
>
> *Genesis*, 11-4.

Assim falaram arrogantemente os filhos de Adão acampados na planicie de Senaar.

Para tal gente, inchada de soberba, os primeiros homens nada haviam deixado que valesse a pena conservar — tudo que delles restava devia ser arrasado, sem que ficasse pedra sobre pedra.

Porque perder tempo e esforço com fragilidades que outro diluvio levaria, como o primeiro levara as muralhas das cidades, os templos com os seus

altares de ouro, os paços com os seus pylonos de pedra e as torres de onde os sabios seguiam, no silencio das noites, o curso das estrellas luminosas? O que elles deviam era levantar a terra toda tirando-a do raso para a altura.

Do plano ousado a iniciarem a obra não houve demora senão de um sol. Escavando o terreno em redondo sobre um raio que agil corredor, partindo de um dos extremos ao nascer do dia, só ao fechar da noite, não descançando, sequer, o tempo de beber, nas mãos em concha, um gole dagua das rochas, poderia attingir o outro, começaram a construcção grandiosa que devia remontar ao céu.

Os oleiros não cessavam de amassar o barro e coser tijolos que os alveneis iam sotopondo sobre pastas de bitume e palha triturada e, pouco a pouco, foi subindo da terra a fabrica monstruosa, em volta da qual, em espiras, encaracolava-se uma estrada, larga bastante para que por ella pudessem correr dez carros emparelhados.

Afim de que não houvesse interrupção no que pedia urgencia, os capatazes dividiram os obreiros em duas turmas: uma que trabalhava durante o dia, ao sol; outra que a substituia á noite. E mal começava a esmorecer a tarde relume de fogueiras tingia dalto abaixo a torre e a faina proseguia árdega.

Já os que amassavam o barro, as mulheres que

viviam nas cabanas, os que lavravam os campos e os que pastoreavam os gados, os aprendizes de Túbal, que forjavam o ferro e os que falquejavam os troncos viam o cimo da torre envolver-se em nuvens e cantavam victoria certos de que, em breve, poderiam subir até o sol e as estrellas, onde ficassem a salvo de outro possivel diluvio.

Lá em cima, porém, alguem vigiava os atrevidos e quando mais segura lhes parecia a victoria... catapruz . . . !

Fale por nós a Biblia :

5 — O Senhor, porém, desceu para vêr a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam, e disse :

6 — Eis aqui um só povo e uma só linguagem de todos ; e pois que elles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado.

7 — Vinde, pois, desçamos, e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que não ouça cada um a voz do que lhe está proximo.

8 — E desta maneira, é que o Senhor os espalhou daquelle lugar para todos os paizes da terra, e elles cessaram de edificar a cidade.

9 — E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque nella succedeu a confusão da linguagem de toda a terra. E dali os espalhou o Senhor por todas as regiões.

Esteve o Senhor contemplando a obra orgulhosa dos homens, em vez, porém, de irritar-se com o atrevimento, sorria achando-o apenas irrisorio.

Poderia, se quizesse, abrir, de novo, as cataractas do céu e despejar outro diluvio, mas havia empenhado a sua divina palavra a Noé, diante do lume

propiciatorio, e era força mantê-la para que d'Elle não ficasse exemplo de perjurio.

Poderia arrasar a torre a raios, mas seria dar importancia demasiada ao que não merecia um corisco.

Então resolveu abater a audacia com um golpe de ridiculo e foi assim que multiplicou o verbo, que era um só e regular em todos os tempos e modos, em varios idiomas, todos irregulares e cada qual mais arrevesado e distribuiu-os pelos varios grupos que se empenhavam aforçuradamente na formidavel construcção.

E os homens que, antes de tal balburdia, se communicavam correntemente, ficaram ás tontas, em uma mixordia de linguas, dando por paus e por pedras e, por não mais se entenderem, tiveram de desistir da obra com que contavam escalar o céu e impôr-se ao proprio Deus.

E lá ficou a torre em meio, esfarellando-se ao sol e á chuva, até que se esboroou de todo, desfazendo-se em pó.

Não estariam a perder tempo certos constructores que por ahi andam a fazer tijolos com que pretendem levantar uma torre que os leve á gloria se observassem a lição da Biblia, o livro por excellencia.

Tambem elles acham que tudo que nos ficou dos antigos vale menos que a poeira que o vento remoinha e espalha e que obra solida, que entre pelo futuro, será essa em que elles se empenham com tão mal empregado esforço.

O castigo parece já haver descido sobre elles, porque assim como aos de Senaar deteve a confusão das linguas, que os impossibilitou de proseguir na construcção apregoada a vozes de tanto estrondo, elles tambem começam a não se entender e, recitando-se reciprocamente o que araviam, exhibindo o que brocham, esculpem ou põem em solfa, sentem, pelos olhares pasmados, não direi do publico, que os não toma a serio, mas dos proprios companheiros, que estão a malhar em ferro frio.

E se entre os iniciados já se manifesta a desintelligencia, como querem os taes que os profanos lhes entendam o mistiforio ?

É mais uma babel que vai ficar em meio, ao tempo, até que tenha o fim das coisas ephemeras, feitas de poeira. E para tal resultado, francamente, não valia a pena tanto barulho e tanto tijolo perdido !

17 — 2.

Ave, Italia!

Gloria a ti, mãi veneravel, criadora de povos. Gloria a ti que, por milagre, te refazes nas ondas mysteriosas do Tempo; a ti, que te nutres de idades, que remoças nos seculos como a propria Vida.

Gloria a ti, Italia perenne, que conquistaste, com o teu genio, o segredo da Belleza que os deuses deixaram na terra hellenica e transformaste o canto hyporchematico, que rythmava as danças dyonisiacas, no Hymno de todas as raças, que é a Lei.

Gloria a ti, Italia Mater, que te renovas com as catastrophes como o sólo se torna mais fecundo depois de queimado pelas labaredas e profundamente sulcado pelo ferro da charrua.

És o oriente do mundo. Sempre que sobre elle

desaba uma catastrophe que o escureça e assole, como foram as invasões das hordas, os seculos sinistros da Idade Media com o millenio e a tyrannia feudal e, em nossos dias tragicos, a Grande Guerra, é em ti, no teu céu azul, que se purpurina e doura a madrugada da nova éra.

Assim foi a do Renascimento, com todos os seus esplendores e será agora a que andam a annunciar as vozes altas dos teus poetas.

Forte e generosa, irradias como o sol espalhando a tua grandeza pelo mundo, á maneira do que faz o astro com os seus raios.

E, não contente do que dás com o trabalho dos teus filhos, ainda trazes ás almas o estimulo de que ellas carecem, despertas a coragem nos corações combalidos, como Jesus fez sahir Lazaro do tumulo de pedra.

Gloria a ti, Italia vivificadora!

Emquanto as outras nações, que comtigo soffreram no horrivel cataclysmo de sangue e fogo, ainda se não refizeram da calamidade e, umas gemem as dôres das feridas das armas, e, andrajosas, com os lares em ruinas, estendem a mão á esmola, mostrando o seu povo em penuria de fome e frio, outras ainda se resentem do desmantello em que ficaram e tratam de restabelecer a ordem procurando, para recomeçar o trabalho, os instrumentos e apparelhos extraviados, tu, já reposta no regimen

pacifico, com as tuas oliveiras todas floridas, empavezaste um navio apresado, inimigo da vespera, conquistado pela tua bravura e, chrismando-o com o teu nome, tripulaste-o com a flôr da tua marinha heroica para que sahisse com a tua bandeira em mensagem de amor ás gentes da latinidade na America.

E o « Italia », rompendo garbosamente do golfo ligurico, ahi vem, não mais como semeador de morte, com um timoneiro batalhador ao leme, mas como as liburnas que velejavam entre Carthago e Ostia, carregadas de provisões, cujos marinheiros, ao saltarem no porto latino, corriam contentes a agradecer a « Annona », deusa da abundancia, a travessia feliz que haviam feito.

Que traz o « Italia » na viagem em que vem? Primeiramente, como andor errante sobre as aguas, o que nelle se vê é a imagem ou symbolo da mesma Italia na bandeira desfraldada no mastro, alta, para que logo a avistem os que vivem longe e nella se confortem da saudade.

É a benção materna mandada aos que, em terras em que o latim sôa como melodia antiga a que se hajam adaptado estrophes novas, trabalham honesta e corajosamente pela fortuna propria, pela prosperidade da terra adoptiva e pela gloria da Mãi Patria.

Que mais traz a nave? Traz uma carta-mensa-

gem de Benito Mussolini, o Lictor Maximo, que merece transcripta por ser bella em si e conter um exemplo de iniciativa, muito para ser imitado pelos conductores de povos que, em vez de avançarem para o futuro, acocoram-se á espera de que a sorte lhes passe pela porta, como os caipiras que tudo fiam da Divina Providencia.

Eis o documento na sua expressão original:

« L'idéa di una grande crocera italiana nell'America Latina deve prestissimo deventare realta concreta. Ci sono laggio milioni d'italíani—non degeneri e non immemori — che attendono la nave come si puó attendere la testimonianza della Patria lontana! Date opera perché ció avvenga entro quest'anno di rinnovazione: fate che la bella nave, exnemica, porti nel suo grembo capace tutto ció che l'Italia produce nei campi diversi della materia e dello spirito — Il Governo ha fatto e fará il suo dovvere. Cordealmente. — MUSSOLINI. »

Se Apollonio de Rhodes celebrou no poema, a cuja chamma se aqueceu a musa de Virgilio, os feitos dos argonautas, motivos mais bellos para mais altos cantos achará um poeta na expedição do « Italia » para com elles glorificar a terra e a gente de Latino.

A náo construida no estaleiro argivo, com madeira do Dódona, sob a immediata direcção de Pallas, fez-se ao mar em cruzeiro de conquista, demandando a Colchida, e nella o ouro do velocino.

A guarnição heroica fôra toda escolhida pela deusa — desde o chefe: Jasão, até o piloto: Pali-

nuro e, entre esses, andavam muitos que, pelos feitos com que se celebrisaram, subiram além da Historia, inscrevendo-se no céu, no rol das constellações, como os gemeos e Héracles ; e, ainda Amphiarau, o adivinho, Theseu, o vencedor da górgona e o poeta mystico do Tempé, dominador das almas, dos brutos e da natureza.

No « Italia », os heroes são todos de prestigio humano, por elles não sahem deuses nem se manifestam forças mysteriosas.

A deusa que os anima é a Patria, as forças que nelles influem são as proprias que lhes explodem do espirito em enthusiasmo e lhes refervem no coração em audacia.

A náo Argos sahiu a pelejar por ouro ; o « Italia » vem pelos mares em som de paz, trazendo, para mostrar ás gentes da latinidade americana, as creações do genio e as producções do trabalho italiano.

É a Italia pacifica que sahe apregoando o seu resurgimento, mostrando-se aos seus filhos como Jesus, depois da resurreição, se manifestou aos apostolos.

Pena é que, assim como Orpheu fez parte dos cincoenta da guarnição de Argos, não venha entre os heroes do « Italia », o sonoroso poeta de Pescara, gerador de enthusiasmo, que annunciou da prôa da « Nave » a marcha heroica para o Futuro ; o poeta que tão alto elevou a Lyrica na Italia, levan-

tando com ella a alma do seu povo e que, na hora temerosa em que a Nação augusta, armando-se, avançou para o sacrificio, a combater pela honra e pela vida elle, abrindo azas, voou do seu remanso e, affrontando-se, no espaço, com os bulcões da guerra, pelejou como os deuses na Iliada.

Para complemento da gloria italiana, que ahi vem pelos mares, falta apenas o canto de D'Annunzio, o agitador poetico da Italia.

Gloria á nave que demanda as nossas praias como annunciadora dos novos tempos.

S. Paulo, 22 -- II.

Carnaval

Estranhem outros — eu, não! — que os grandes jornaes europeus mutilem o corpo das respectivas redacções destacando das mesmas as pennas mais destras, os lapis mais pittorescos, as mais instantaneas « kodaks » para o Rio de Janeiro com o fim exclusivo de descreverem, desenharem, photographarem aspectos do nosso carnaval.

O acontecimento faz jús a tão subida honra porque, além de revelar o nosso apurado gosto na escolha de belbutinas e outras frandulagens e o nosso sentimento esthetico na organisação de prestitos pantafaçudos e badernas de mimos barbaros, ha de tudo em tal apotheose: desde as batalhas de confetti e serpentinas até as mais desnalgadas

innovações coregraphicas, que não seria capaz de inventar o genio saltitante de um Nijinski ou de uma Karsavina.

No andar em que vamos dentro em pouco não serão apenas redactores de revistas e jornaes estrangeiros que virão á festa magna da Capital da Republica, mas multidões em exodo, sahidas de todas as partes do mundo, e o carnaval fluminense tornar-se-á verdadeira pandemonia como eram, na Grecia, os jogos sagrados disputados em Olympia.

E não serão necessarias fantasias variegadas, carantonhas mascarradas visto que cada povo se apresentará com o seu trajo peculiar e haverá, desde a casaca de talhe esbelto até o albornoz, lufando ao vento; desde a pelle de phoca ou o pelóte de urso do esquimó até a tanga summaria do negro dos sertões da Africa e, possivelmente, algum núcego, vindo da natureza simples para o esplendor da civilisação que, tambem, se está despindo para regressar ao costume primitivo, mais fresco, mais barato e menos escandaloso.

E quando, por esforço das grandes sociedades, dos ranchos e dos cordões, alcançarmos o fastigio em materia de carnaval, será nossa a hegemonia no mundo, pelo menos durante os tres licenciosos dias de Momo e da Farra.

Se, todavia, as emprezas de navegação ainda não se vêem abarbadas com pedidos de passagens

dos que se queiram transportar dos seus rincões á cidade luminosa, cuja belleza, de tanta fama outróra, vai, aos poucos, desapparecendo a golpes de picareta e camartello, os proprietarios de hoteis e pensões não têm mãos a medir com as encommendas de commodos que, diariamente, por telegramma, lhes chegam de varios pontos do paiz.

Já a cidade não vive senão para o carnaval, não pensa em outra coisa senão em mascaras e pagodeiras bufas. A propria politica foi esquecida.

Rumores, são de retroada de zabumbas e trompas, pandeiros e maracás nos ranchos onde são ensaiadas as chirinolas e as danças torcicollosas com que os mesmos devem sahir á rua. Os jornaes apparecem cataplasmados de « puffs » em estylo futurista : o commercio só estadêa artigos carnavalescos e ás portas das lojas espernegam vestimentas de côres berrantes e sorriem ou caramunham mascarrões bizarros ; e são pilhas de guizos, montes de lantejoulas, rimas de franjas, borlas e cadilhos.

O que, porém, nos faz temer o carnaval são os males que elle nos traz, desde a desorganisação do serviço domestico até a alta dos generos.

Todas as criadas, sem excepção das velhas amas, têm os seus ranchos ou cordões onde são rainhas, princezas ou simplesmente cantoras e, desde os primeiros dias de Dezembro começam a ensaiar-se em córos e tripudios.

Como a rivalidade é grande entre os varios ranchos, de nomes rebarbativos, que sahem a disputar a laurea carnavelesca, toda a criadagem anda frenetica, agitada, com os nervos em verdadeira hyperesthesia.

Ai! de quem ousa fazer uma leve observação á cozinheira por lhe haver esturrado o arroz ou á criada de quarto por algum descuido. A resposta não se faz esperar, é logo nas buchas: « Contas... e passem muito bem! »

Não se julgue que a despedida seja por melindre, não — é apenas pretexto para terem livres os tres dias, podendo gosá-los com independencia, sem obrigação de almoço ajantarado ou de arrumação de quartos. E piram-se lampeiras, lá vão para os casotos, onde se alapardam, accrescentar mais uma pluma ao pennacho, mais um requife ao saiote, mais um tufo de arminho ao escarpim para embasbacar a cidade na segunda-feira gorda.

E não ha remedio senão as patrôas irem para a cozinha, varrerem a casa e alisarem os lençóes da cama.

É vezo antigo, não ha corrigi-lo. Tambem na Grécia, nas épocas dos grandes jogos sagrados, os eupatridas viam-se tontos com os famulos e em Roma, durante as saturnaes, os escravos tiravam o seu ventre de miseria, desforrando-se, á larga, da oppressão em que os traziam os senhores.

O peior é quando, em uma casa, (o que é frequente) succede encontrarem-se rivaes — a cozinheira, figura importante na « Flôr do Abacate » ; a copeira, da commissão do prestito do « Ameno Resedá ».

Volta e meia são rezingas, discussões : uma que atira a panella, outra a pôr em cacos a louça, quando não impõem a sahida de uma ou de outra, por incompatibilidade carnavalesca. Um inferno !

Quanto ao preço dos generos . . . que o diga o caderno das compras. Tanto os feirantes como os taverneiros, trepados nas suas tamancas, olham de cima o misero consumidor e vão dando corda aos viveres como as crianças aos papagaios e pandorgas — e lá se vai tudo pelos ares.

Uma duzia de ovos está hoje por . . . 5$000 e com tendencias á alta. Quem déra á nossa moeda, tão depreciada, a sorte das batatas !

A carne, vai por ahi além ! o feijão, não ha aeroplano que o alcance, tão alto subiu e o mais no mesmo vôo.

Para o forasteiro, que traz o seu pé de meia para gastar á tripa forra durante os tres dias, que monta a carestia dos generos ? O que elle quer é gosar, tomar um fartão de regabofe para ter que contar aos do seu pago.

Os de cá, os que aqui vivem, esses é que se vêem em talas, tendo de comer o pão que o diabo amas-

sou que, por signal, com o novo regulamento das padarias, sempre lhes chega tarde e duro, que até lembra, mal comparando, verso ou periodo da nova escola. Emfim . . . são males do tempo.

Os que nos traz o carnaval ir-se-ão com elle, na quarta-feira de cinzas; as criadas regressarão ao serviço, victoriosas ou derrotadas; os generos baixarão ao nivel costumeiro e a vida retomará o seu curso . . . já preoccupada com o carnaval de 1925.

O outro mal, tambem carnavalesco, com fantasias mais extravagantes do que as da indumentaria de Momo, esse é que eu não sei em que cinzas desapparecerá.

Deixemo-lo andar. A vida precisa dessas distracções. A arte tem tambem carnavaes com os seus cordões e ranchos. Que passem. Amanhan, quando os seus socios acordarem, fatigados da pandega e convencidos de que não se póde viver sempre a fazer micagens e a trambecar á frente de zabumbas e cornetins, regressarão á verdade despindo as moxinifadas com que andaram a intrujar o mundo. E a Arte os receberá de braços abertos como o rendeiro da parabola recebeu o filho prodigo.

S. Paulo, 1 — III.

O carnaval de outrora

O movimento tumultuoso e álacre em que se agita a cidade desperta, com o seu rumor, uma das mais gratas saudades que jazem adormecidas no fundo do meu coração. E ellas são tantas como livros em uma bibliotheca!

Cada anno que passa deixa de si um novo tomo de lembranças que se ajunta aos antigos, alguns recomidos, tão rendilhados nas paginas que a leitura se torna difficil, quasi impossivel pelas multiplas lacunas abertas pelo esquecimento, que faz em taes livros o trabalho de destruição que fazem nos outros, de papel e couro, as traças roedoras. Esse, porém, que agora abro ante os olhos, está intacto porque todos os annos o retiro da estante

da memoria e folheio-o lentamente como o faço, neste momento, para distrahir-me.

O assumpto do texto é o mesmo que agita lá fóra o povo — o carnaval.

Não sei se a nova edição em curso vale a antiga que compulso ; já agora fico-me com ella e, como não estou em idade de reformar aprendizados (razão pela qual mantenho-me irreductivel na orthographia antiga) nem tão pouco de acompanhar prestitos e ranchos e metter-me em pagodeiras de bailes carnavalescos, contento-me em rever o passado gosando, ainda que apenas espiritualmente, o carnaval de outrora, do bom tempo em que a vida da cidade, nos tres dias de Momo, concentrava-se na rua do Ouvidor.

Dantes o carnaval não se annunciava de tão longe, como agora. Os primeiros atrôos de bombo começavam em fins de Janeiro nas sociedades, e sómente aos sabbados. Eram ellas : *Euterpe Commercial* ou *Tenentes dos diabos*, cuja *caverna* ficava na rua dos Andradas, quasi em frente ao largo da Sé ; os *Democraticos*, com o seu *castello* na mesma rua, com um renque de janellas para a rua da Alfandega ; os *Fenianos*, com o *poleiro* na rua do Theatro, no antigo edificio do S. Luiz e outras menores como os *Estudantes de Heidelberg*, na rua Direita, e os *Bokemios*, na rua do Espirito Santo.

Os ranchos formavam-se em casas particulares

ou, o que era mais commum, por aggregações nas ruas. Sahia um zé-pereira : bombo, caixas de rufo, composto, na maioria, de gente de estalagens, carroceiros, carregadores mascarados a vermelhão e alvaiade, em mangas de camisa ou andrajosos, com um estandarte de morim sarapintado, e lá iam marretando furiosamente as soalhas, aos berros :

Viva o Zé Pereira
Que a ninguem faz mal.
Viva a bebedeira
No dia de carnaval.

A taes nucleos bombasticos ajuntavam-se mascaras e molecada e, dentre em pouco, o zé-pereira retumbava no meio de um povareu e estava formado o grupo que proseguia, ruas afóra, com os diabos aos pinotes, correndo atraz de crianças e velhos, ameaçando-os com os rabos em flagello, invadindo cortiços e pondo tudo em polvorosa, guindando-se a janellas, a rugirem ; os velhos de cabeça grande, calções, casaca de velludilho, baculo e luneta, trambecando em danças de remelexo, havendo celebridades no genero, famosas no peneirado, no miudinho e no corta jáca ; farricôcos com uma caveira por mascara, symbolisando a morte, lugubres, tangendo sinistramente a campainha macabra ; *burros-doutores*, de casaca, sobraçando livros ; Pai João e Mãi Maria, um de vassoura, var-

rendo as ruas; outra de espanador, sacudindo ás costas de quem via a geito da pilheria.

E *chicards*, de setim, cabelleira branca ou loura, em bucres, gorros de plumas ou capacetes encimados de lanternas que, á noite, accendiam, ou de aves, bonecos, garçotas ou cataventos. Dominós, alguns com um az de copas no sitio proprio; crianções de camisola e mamadeira; chins de rabicho e tampa de peixe; indios de cocar e enduape manejando tangapemas ou atesando arcos, com instrumentos que uivavam e bichos seccos aos hombros sobre pelles de onça; marujos, princezas, *minas* e *bahianas* de panno da Costa e trunfa, muito rebolidas, muito esbagaxadas, a tinirem avellorios e baragandans, braços nus, carregados de armillas, argolas nos tornozellos e chinellinhas de bico crepitando faceiramente; gallegos de chapéu braguez, zangarreando guitarras e violas ou aos espernegos bufando em gaitas de foles; saloias de saias em folhos, lenços de côres vivas á cabeça ou cruzando ao collo, tamancas arrebicadas, cantando modas campestres; frades bojudos abençoando a torto e a direito... Urbanos e permanentes seguiam a rancharia á distancia, para garantir a ordem porque, não raro, principalmente entre os diabos e os velhos de cabeça grande, iam capoeiras de fama, nagôs e guayamús, e, de repente, fechava-se o tempo, luziam navalhas e o bando *espalhava-se* e eram

rasteiras, rabos de raia, cabeçadas e golpes que estripavam os ageis parciaes das duas maltas, terror da cidade e desmancha prazeres em todas as festas.

Ninguem sabe quando agora começa o carnaval. Antigamente, dizia-se do Brasil que era o paiz da eterna primavera. Melhor será dizer — do eterno carnaval, porque, na quarta-feira de cinzas já se projectam bailes e ranchos para o sabbado d'Alleluia, e dahi por diante é carnaval que Deus manda.

Antigamente, não. Um mez antes do grande triduo as lojas inauguravam as suas exposições de tecidos carnavalescos com as respectivas louçainhas-franjas, borlas, cadilhos, estrellas, vidrilhos, camandulas, lantejoulas, guizos, anneis, pulseiras, brincos, collares ; e oculos, lunetas, bigodes e cabelleiras, calvas e rabichos, narizes, belfas rubicundas, barbas ; mascaras, desde a *loba* de sêda ou de velludo até a caveira ; desde a carranca dos diabos até a cabeçorra de velho ; desde a physionomia obliqua do chim até o rosto tatuado do indio ; e caras choramigonas, cabeças de animaes, doairos extravagantes, desde o do vegête até o glabro fradalhão refegado.

E trapejando ao vento em cordas e cabides ou vestindo manequins expunham-se as fantasias, da mais rica, de principe, á mais fresca e barata, o simples camisolão do dominó az de copas ; do pierrot

á pelle de ganga rubra do diabo; do morcego ao doge; da dançarina á fada.

E eram ainda nos funileiros os porta-vozes roncantes, pintados com as côres dos tres grandes clubs, os sistros de lata, capacetes e tridentes, báculos e sceptros, corôas e diademas e ainda esguichos de entrudo; enormes seringas, ou bombas, que jorravam agua ás sacadas dos sobrados.

Appareciam as cestinhas de limões de cheiro, de cera e de borracha e as caixas de bisnagas de estanho. Mais tarde a moda parisiense mandou-nos os enfesantes *cri-cris* de varios feitios e tamanhos, mais ou menos crepitantes.

Uma semana antes do carnaval começava a cidade a arrear-se. Nas ruas centraes, principalmente nas do Ouvidor e vizinhas, a azafama subia de ponto, trabalhando-se dia e noite em construcção de coretos, limpeza dos arcos de gaz, installação de mastros empavesados com escudos e florões.

As sédes das grandes sociedades ornamentavam-se de paineis com allegorias e caricaturas allusivas aos acontecimentos principaes do anno ou de troça acintosa aos clubs rivaes.

Os hoteis enchiam-se de forasteiros e os jornaes appareciam alastrados de *pufs* em prosa e verso, muitos delles de pennas que se tornaram gloriosas nas letras como as de Fantasio, Fortunio, Ruy Vaz, etc.

No sabbado, á noite, sahiam os primeiros *zés-pereiras*, appareciam musicatas, tunas, ás vezes congadas com instrumentos d'Africa e cantoria guinchada e repicada a maracás estridulos.

O domingo amanhecia rubro, porque logo ás primeiras horas, antes do padeiro, surgiam diabos, desde capetas de cinco e seis annos, que não se atreviam a aventuras longe de casa, até os grandes diabos, latagões que faziam medo, não tanto pelo aspecto truculento, como pelo que escondiam em lugar seguro para que a policia, que, ás vezes, os revistava, não os privasse da companheira inseparavel, que era a navalha, ou *sardinha*, como lhes chamavam. E, pelo dia adiante, o carnaval folgava.

Em certos bairros ainda se jogava o entrudo, não simplesmente a tiroteio de limões de cheiro, mas a jarros, baldes e canecas d'agua. Eram correrias aos gritos e ás gargalhadas — um que ficava que nem pinto, a escorrer; outro adiante enfarinhado ou broslado a gemma d'ovo. Por vezes havia zangas, palavrões, ameaças e os famosos *petropolis* entravam em scena.

E os arrabaldes esvasiavam-se: os bondes deciam transbordantes; e eram carros, velhas traquitanas, caleças, victorias, tilburys, até carroções. Enchiam-se as ruas.

As sacadas da rua do Ouvidor floriam-se com o que havia de elegante; as mesas dos hoteis e das

confeitarias eram disputadas; as portas das lojas ficavam em pinhas. E era o carnaval alegre da intriga — mascaras indiscretos que punham na rua, ás escancaras, os podres deste ou daquelle, atracações gaiatas; volta e meia um rolo, apitos, correcorre. E se apparecia uma cartola cahiam-lhe todos em cima, reduzindo-a a sanfona. E as musicas nos coretos executando, com brio, as polkas, as shottischs, as valsas, os maxixes mais em voga. Uma *estudiantina* languida com bandurras, guitarras e violões; córos de bahianas, grupos de cucumbys, companhas de marujos levando aos hombros uma caravella e cantando barcarolas; farranchos de aldeões vozeirando e bailando a canna verde, ou um desfructavel que tomava a palavra no meio do povo e despejava um bestialogico.

De repente a massa ondulava — ouvia-se atroante vozeiro, era um monomio de estudantes, um apoiando as mãos aos hombros de outro formando uma bicha que, aos colleios, rompia a multidão.

E... quanto namoro de janella á janella, ou da rua para as sacadas.

Á noite accendiam-se os arcos de gaz, os copinhos de côres, os balões venezianos e a cidade, rescendendo a essencias baratas e a suor, deslumbrava.

Eram, então, os bailes nos theatros e nas sociedades, com ceias lautas, discursos, champagne a rodo, idyllios e muita cabeça quebrada.

A segunda-feira era dia morto, só para a mascarada miuda e alguns bailes familiares.

Terça-feira era o grande dia.

Desde cedo, para garantir um lugar em alguma das ruas ou praças do itinerario das sociedades, começava a affluencia ao centro da cidade. Muitos traziam matalotagem e arranchavam-se onde melhor ficassem e ahi passavam o dia. As crianças de peito mamavam emquanto as mãis divertiam-se com os mascaras avulsos ou trincavam fêbras de assado bebendo pelas garrafas. Á tarde o movimento recrescia. Era quasi impossivel varar-se a rua do Ouvidor e com que ansiedade toda aquella gente opprimida, pisada nos callos, acotovellada, beliscada, esperava o clangor dos clarins annunciando a entrada da primeira sociedade.

De repente um som longinquo agitava a turba. Ah! então é que era aperto. Lá surgiam os clarins. Os prestitos... Como a imaginação dos carnavalescos actuaes vive ainda a expensas do passado, reeditando os que os velhos criaram com tanto esforço, muito ouro, muito vermelhão, muita gaze, muita lentejoula. Vêr hoje o que desfila na Avenida é recapitular coisas dantanho, apenas retingidas e recennadas para parecerem novas.

Os grandes carros allegoricos representavam grutas mirificas, marchetadas de malaquita, com aguas vitreas despenhando-se de penhascos de ouro;

caramancheis floridos ; cavernas e labyrinthos submarinos, onde brincavam cardumes de nereidas e tritões de escamas fulgidas ; templos de columnas giratorias ; pagodes chineses ; nuvens de gaze diaphana, estrellada, envolvendo deusas muito conhecidas no mundo de Venus ; triremes de ouro guarnecidas por marinheiros experimentados em viagens a Cythera ; arvores em cujos galhos oscillavam redouças que balançavam criaturas . . . temidas das mãis de familia e em carros imponentes, de complicado artificio, as lindas porta-estandartes sustentavam a gloria dos clubs, com muito orgulho, ostentando em *maillots* as formas peccaminosas, que os clarões dos fogos de bengala punham em realce e sorrindo, acenando de cabeça correspondiam aos applausos freneticos da multidão com beijos que tiravam da boca nos dedos apinhados, lançando-os a esmo.

E as guardas de honra, os sequitos equestres de nymphas ou de amores, as cavalgadas de amazonas, os enxames de borboletas e libellulas de azas de escumilha em carrinhos leves, toda a grey venusta, em ostentosa exhibição de formas, dava maior encanto aos carros de fantasia nada inferiores aos de agora nem na riqueza dos vehiculos nem na formosura das passageiras.

Mas entre o deslumbramento de um carro allegorico e um esquadrão de hetéres a gargalhada cas-

calhava estrondosa á passagem de uma « critica » commentando um acontecimento do anno, com personagens conhecidas, afeiçoadas em estafermos de porte agigantado e a troça vivaz, por vezes irreverente de um socio espirituoso e garrulo, a cujo aceno o monstro se movia desengonçadamente, um tanto perro, rangendo nas molas, bracejando, espernegando, vomitando cobras e lagartos ou engulindo, com voracidade, propinas e negociatas.

O imperio, com toda a sua tyrannia, não se oppunha á satyra carnavalesca, que divertia o povo. Fôsse agora alguma sociedade, fiada no regimen de liberdade em que vivemos, incluir no seu prestito uma allusão a qualquer dos paredros que nos governam e havia de vêr de que pau se faz uma canôa . . . policial.

Emfim . . . no passado brincava-se. Não tinhamos avenidas nem electricidade, em compensação a vida era facil, havia alegria e aquillo que faz os povos venturosos e de que tanto se fala, como de ausente, no governo republicano : liberdade.

Depois da passagem da ultima sociedade, discutindo-se a victoria — coisa mais difficil de resolver do que, nos dias que correm, o resultado final de uma eleição, começava a debandada.

Enchiam-se os theatros e os salões das sociedades e o regresso aos lares longinquos tornava-se um problema. Os bondes subiam com gente até na tol-

da, e o desfile a pé por essas ruas, hoje servidas pela Light, e, então, verdadeiros andurriaes, era lento e, ás vezes, já sol nado, muitos dos que iam de volta, lembrando-se de que era quarta-feira de cinzas, encaminhavam-se para a primeira igreja e, ainda cheirando a bisnagas, com o resaibo das libações, para pôr-se ás boas com Deus, entravam-lhe em casa, aspergiam-se d'agua benta, faziam uma oração devota expurgando-se dos peccados carnavalescos e, para penitenciarem-se, traçavam na fronte uma cruz com cinza de palma benta.

Hoje... dos novos não creio que haja um só que cumpra o preceito da quarta-feira de cinzas, segundo ordena a igreja, porque a maioria só dá accordo de si na quinta-feira com a boca saburrosa e sabendo a cabo de guarda-chuva.

Religião... passadismo. O vento do progresso, que sópra tão forte, levou para longe as cinzas do *memento*.

E aqui tendes, leitor, o carnaval de outrora, tal como o revejo no livro intimo das minhas saudades.

Tradições mortas

Como as pombas do poeta, assim vão indo — e não tornam — as nossas tradições.

Triste debandada!

Silvio Romero e Mello Moraes Filho tentaram, com esforço ingente, manter algumas e attrahir outras que já haviam abalado, refugiando-se no interior do paiz onde viveram ainda algum tempo, sendo, por fim, escorraçadas pelas novidades estranjeiras.

A colonisação das almas . . . Lindo estudo a fazer.

Assim como foi substituido o primitivo trabalhador negro pelo immigrante louro, que se assenhoreou da terra, assim, pouco a pouco, a poesia,

as lendas, os costumes originaes foram-se deixando vencer pelos adventicios: As xacaras calaram-se na boca engelhada das velhinhas, e vieram as historias e os romances, a novella e o conto. As modinhas não resistiram á cançoneta; a viola metteu-se no sacco com a vinda da guitarra e da sanfona e as danças, á maneira da planipedia etrusca, fugiram em pés ligeiros cedendo o espaço aos pares das quadrilhas e das mazurkas, das valsas e das habaneras, como desappareceram da scena dyonisiaca os satyros, amados do povo.

Agora outros costumes e outros instrumentos vão, por sua vez, repellindo os primeiros invasores: nas cidades os *jazz-bands* puzeram fóra de fórma os *choros*, e no sertão a sanfona encolheu-se de vez nos seus refegos com o apparecimento da vitróla; e o samba, o caterete, a chula e o *chorado*, ai! delles, não ousam mais sapatear e peneirar nas salas onde reinam o *rag time* e o *fox trot*, que serão, muito em breve, desbancados por outros desengonçamentos ainda mais lascivos.

Os jovens de hoje — dos quaes não tenho inveja — não podem fazer idéa do que foram os encantos do passado, tão differentes dos de agora na simpleza e na decencia.

Quantas festas agitavam alegremente o povo no correr do anno, desde a do Anno Bom, com os regabofes opiparos!

Os reisados percorriam as ruas em ranchos foliões, com a burrinha. Vinha, em seguida, o carnaval e entrava logo a quaresma, tempo das bôas peixadas, das petisqueiras bahianas, dos jejuns obrigados a consoadas que fartariam a fome de Erisychton. E eram as solemnidades lugubres da passionaria mystica, com as igrejas pannejadas de luto, os sinos dobrando dolorosamente a finados, toda a cidade cheirando a canella e a incenso; os sermões, as procissões com anjos cantores, legionarios e farricocos, até o sabbado d'Alleluia, quando, ao repique e ao bimbalhar dos sinos, ao estourar dos morteiros, ao arrancar das gyrandolas, a molecada sahia para a rua arrastando judas, que eram malhados a cacete.

Em junho eram as festas roceiras de Santo Antonio, S. João e S. Pedro com fogueiras e fogos de artificio, balões e comesaina farta, cirandas ao luar e vaticinios, quantos! o do reflexo na fonte, o do ovo na agua dormida, o da agulha, o das sortes dos livros.

A festa da Gloria com a romaria ao outeiro, o fogo de artificio na praça onde hoje se acha o monumento ao visconde do Rio Branco e o baile no palacete Bahia, mais tarde aproveitado para Secretaria do Exterior, até que, derrubado, cedeu o terreno para ser nelle construido o paço do Arcebispado.

Por fim Dezembro, com a grande festa meiga do Natal: presepes e pastorinhas, ranchos e tunas, charangas e serestas nas quaes era sempre parte principal um roncante ophicleyde.

Silvio Romero e Mello Moraes Filho, os ultimos abencerragens do tradicionalismo, tentaram, em S. Christovam, a restauração de algumas de taes festas e ensaiaram reisados, organisaram serões joanneiros, ranchos de pastoras, cheganças de marujos, maracatús, bumbas meu boi! e outros divertimentos herdados dos nossos maiores, nos quaes a musica soava sobre uma doce e ingenua poesia.

Mallograram-se todos os esforços dos dois folkloristas que, pouco a pouco, desanimados, viram desertar para lanceiros e schottishs as gentis dançarinas que, ao som de violas e machetes, maracás e côcos executavam graciosamente os passos ageis do miudinho, desenvolvendo espiras em evoluções cyclicas que faziam lembrar as das coréas pagans.

Só uma festa resistiu: foi o carnaval. Para este mesmo, porém, parece que soou a hora, senão da morte, ao menos de... recolher.

O carnaval de outrora, mais expansivo, era todo de rua; bailes havia-os nos theatros e nos clubs. O deste anno, com toda a sua opulencia, se andou um pouco a mostrar-se cá fóra foi em coxins e capotas de automoveis. Nos grandes salões, porém,

foi que elle se ostentou, requintando em luxo como jámais se viu.

Os bailes nos clubs e nos hoteis palacios foram deslumbrantes: em cada um delles a chronica mundana viu um dos contos de Scherazada.

A rua esteve ás moscas, com um ou outro mascara macambusio, que parecia mais um symbolo dos tempos que correm do que folião bacchico. Na segunda-feira — ranchos e cordões, e na terça, á noite, as sociedades que já não sahem, como o faziam dantes, para divertir-se, mas por capricho e no dia em que uma dellas dér parte de fraca as duas outras, que só esperam esse alamiré, respirarão alliviadas, porque já lhes custa o sacrificio de todos os annos, serem obrigadas a fazer das tripas coração.

Para os que começam, é possivel que o que por ahi andou tenha sido magnifico, para os do meu tempo, não — deixou muito a desejar.

O que nós, os do passado, vimos foram as ultimas centelhas de uma fogueira que se extingue.

Entretanto, seria tão facil ao povo manter e tornar interessante a sua festa predilecta!

Que os ricos se reunam em salões sumptuosos e prestem culto a Momo com a grandeza que lhes permittem as posses. Os deuses não fazem questão do valor das offerendas, o que elles querem é que nellas haja bôa vontade e fé. Assim, pois, deixe o

povo que os ricaços corram os cordões á bolsa, concorra elle com o seu obulo que o deus jucundo lhe agradecerá a oblata.

E essa offerta poderá vir da tradição, que é mina inesgotavel, com a Poesia, a musica e as danças que desappareceram no esquecimento ingrato.

Cordões e ranchos que se resolvam a realisar o que não conseguiram os dois grandes folkloristas brasileiros, Silvio Roméro e Mello Moraes Filho e assim teremos, nos tres dias do carnaval, essas reliquias que jazem nos archivos e na saudade dos velhos e que foram os divertimentos ingenuos dos nossos maiores.

E a segunda-feira de carnaval deixará de ser um dia insipido, monótono, tornando-se de interesse para os que se divertem e curioso como recordação.

É com cabedaes antigos que se consegue fazer alguma coisa . . . nova.

O passado é o emporio em que se fornece o presente. Ha nelle de tudo, deixem lá ! até mocidade.

Penuria

Os scepticos, que não acreditam em milagres, se quizerem ter provas de taes prodigios, venham passar uma curta semana nesta aprazivel cidade onde a Opulencia anda parelha com a Miseria, e estou certo de que ficarão convencidos de que a Biblia e os santoraes não mentem, porque os casos registados em taes livros reproduzem-se entre nós e em maior escala e grandeza.

Depara-se-nos na Biblia o grande espectaculo do exodo — Israel em Pharan, lutando com a esterilidade do deserto. Deus, porém, que acompanha de alto a marcha do seu povo, dando-lhe forças nas batalhas, não o deixa á mingua e logo lhe manda do céu o manná, que devia ser manjar delicioso e,

em seguida, cotovias, naturalmente fritas ou de espeto como a volateria que, por si mesma, se apresentava á mesa dos felizes habitantes do paiz da Cucanha.

No Livro dos Reis apparece-nos o truculento Elias sustentado, primeiro por um bando de corvos que, a mandado do Senhor, lhe levavam, todas as manhans, á margem de Carith, onde, então, se achava, pão e carne e, depois, vivendo folgadamente a expensas da viuva de Sarepta.

Voragine e os graves bollandistas, descrevendo a vida abstinente dos eremitas no deserto, mostram-nos taes ascetas tecendo estrames e ceirões, trabalhando em almoinhas ou, os que mais se agarravam á Fé, de bruços no pedregulho, entre uma cruz tosca e uma caveira, alanhando-se com tagantes para que a carne martyrisada não se lhes inflammasse em desejos.

E taes penitentes viviam por que, de tempos a tempos, era um anjo que os visitava com alcôfas de pães de trigo celestial ou animaes selvagens que os buscavam nas cavernas, nos palhegaes ou nas covas em que jaziam inclusos levando-lhes provisões.

Eu só explico a vida de uma parte — a mais numerosa — da população desta cidade por força de milagre. É Deus que a ampara, é Deus que a assiste e a defende com a sua misericordia.

Se chove, faz o Senhor que o aguaceiro respeite o sitio em que acampam, ao ar livre, numerosas familias ; se o sol estúa, a mesma nuvem que serviu de velario a Israel, dividindo-se em nesgas, ensombra aqui, ali os grupos desagasalhados e, naturalmente, anjos correm os aduares de penuria distribuindo proporcionalmente ás familias o que trazem ao Commissariado Celestial.

E agora comprehendo porque tantos urubús esvoaçam sobre a cidade : são descendentes dos corvos que serviam ao propheta vociferador as sobrias refeições e que, agora, fazem o mesmo aos pobres, buscando-os em tocas e palhaes.

Não viessem do céu auxilios taes e estou em affirmar que a cidade, varrida pela miseria, já não seria mais do que immenso ossuario, porque o povo, com a carestia, cada vez maior, já teria succumbido, parte por desconforto, á intemperie, por falta de casas, parte á mingua, por não poder, com o que ganha, adquirir o bastante para alimentos.

Eu quizera que me dissessem como consegue viver um funccionario publico, amanuense, por exemplo, com os magros vencimentos que percebe se um casoto custa, no minimo, duzentos mil réis mensaes. E o resto ? a mesa, o trajo, o aceio, a conducção, a luz, os extraordinarios, nelles incluindo a pharmacia ?

As queixas já atroam em clamores, que todos ouvem, menos a gente do Governo que está com a attenção voltada para os casos politicos, solfatáras que explodem aqui, ali, algumas tão ameaçadoras que ha quem as tome por verdadeiros vulcões.

A classe operaria, avexada nas aperturas da fome, projecta mobilisar-se em bandos rogatorios, como os que sahem ás ruas, nas épocas estereis, entoando hymnos lugubres « ad petendam pluviam ».

Longe de remittir-se a miseria aggrava-se. Os dias amanhecem tragicos — é o senhorio que augmenta o aluguel ameaçando o inquilino com o despejo ; é o taverneiro que manda aviso de nova alta no preço dos generos ; é a Light que intima a pagamento sob pena de cortar a luz, apezar de ter nos seus cofres, produzindo juros ha mais de vinte annos, o vultuoso deposito de garantia extorquido ao consumidor ; é o sapateiro que prende o calçado que foi a remonte ; é a pharmacia que só entrega o remedio a dinheiro : e são os fornecedores miudos que formigam á porta do pobre, envergonhando-o, injuriando-o e, até, por vezes, batendo-lhe. Dantes ainda havia o recurso das montanhas para abrigo : hoje, nem isso. Essas alcandoras foram vedadas — ha policiaes que não consentem moradores nos seus recessos e, assim como recolhem ás enxovias aos

que encontram dormindo nos bancos das praças e dos jardins, procedem com os que se refugiam nos morros como o anjo procedeu com o casal banido do Paraiso, ou ainda mais duramente, porque o anjo brandia a espada de fogo sem tocar os corpos dos que comeram o fruto prohibido e os policiaes, mais rigorosos, vestem os miseraveis com panno de espada, tecido que não é dos mais agradaveis á pelle de quem com elle se fórra.

E o espectaculo doloroso que nos offerecem as avenidas e as ruas mais frequentadas, não só nos commove como nos deprime aos olhos dos estrangeiros. Durante o dia são mulheres cercadas de crianças maltrapilhas e sordidas, velhos andrajosos, enfermos de males repugnantes, cegos, aleijados, uns de moletas, ou arrastando-se á maneira de lesmas, outros trambecando em pernas de pau; ha os que deambulam em carrinhos, os que tocam, os que cantam, os que se amatulam em chirinolas enfesantes á porta dos cafés e das confeitarias zaragalhando musicas de dança ou acompanhando os falsetes esganiçados de uma cantora escanifrada, como a da scena caricatural que nos foi, ha pouco exhibida pela companhia russa do «Passaro de fogo».

Á noite — haja estrellas ou chova a potes — os sem lar achegam-se aos abrigos que encontram: uns acafuam-se nos vãos das portas; outros buscam os caes; ha os que descem á beira-mar e deitam-se

na areia humida onde dormem, ninados pela onda e, em certos pontos, como na ladeira de Santa Thereza, debaixo dos arcos, são pilhas humanas esfervilhando como emigrantes em prôa de navio. É doloroso, sordido e obsceno.

E essa miseria é resultado de inopia ? Dar-se-á que a terra se haja, de um dia para outro, tornado sáfara deixando morrer a semente que o lavrador lhe confia, matando criminosamente o novedio ou que, por falta de sol ou de rega, enfraquecida, não tenha seiva para alimentar a lavoura nem dar viço á pastura, mirrando a seara e deixando perecer o gado ? Não.

O solo continúa o mesmo e as colheitas têm sido abundantes a ponto de não haver armazens que as comportem, sem contar o que jaz por ahi além em tulhas e já empilhado nas estações á espera de transporte.

Ha de tudo, louvado Deus ! e que farte. A crise é de abundancia, estamos soffrendo de congestão : o nosso mal é plethora. E porque ha fome ? porque a usura campêa.

Os açambarcadores aferrolham as mercadorias para que, soltando-as a pequenas partidas, com o que fazem constar que os paioes estão arrasados, possam taxá-las á vontade e, como a fome é imperativa, vão elles dessangrando o povo em vampirismo cruel.

O lucro que auferem já lhes transborda dos cofres abarrotados espalhando-se em dissipações inauditas.

Foram taes lucros que fizeram o ostentoso carnaval intra-muros com que entraram em competição os grandes hoteis mundanos, e continuam a fazer ostentação de fausto e libidinagem.

E, assim, nesses corsos que se enfileiram desde a avenida Atlantica até o caes do porto, nesses requebrados chás dançantes, nesses *cotillons* com prendas de alto preço, no que se accumula nos tapetes verdes das tavolagens elegantes, nas grandes scenas de gyneceu que só o estylo ironico de Petronio ou a penna caustica de Juvenal descreveriam, em todo esse esbanjamento de ricaços de hontem e de dardanarios o que circula, mudado em ouro, são as lagrimas, o sangue e o suor do povo.

E Babylonia ri no esplendor das luzes, fazendo correr rios de champagne, emquanto o povo faminto brada aos céus, não como o de Roma, pedindo pão e espectaculos, mendigando apenas um mendrugo para a fome que lhe róe as entranhas e um telheiro que o abrigue para dormir um pouco.

Mas o festim é tumultuoso e no ruido das musicas e das gargalhadas, dos crystaes e dos espôcos

de garrafas ha lá quem possa ouvir lamentos de miseraveis.

E foi justamente por não ouvir, na orgia, os rumores que vinham da noite, que Nabonahid foi surprendido pela invasão dos persas.

Apotheose

Clio, filha de Zeus e de Mnemosyne, tu que estendes no tempo o rolo de papyrus no qual fixas, para a eternidade, as acções da vida transitoria e inscreves, em caracteres indeleveis, os nomes dos heroes ; Clio, musa veraz da Historia, conjura de ti a Lenda, feiticeira encantadora, filha do Sonho e da Imaginação e irman da Poesia, para que te não furte e transforme em ente fabuloso aquelle que, de direito, te pertence por verdadeiro.

Se não gravares a tempo a vida heroica do que, hoje, na Italia, deve ser alçado sobre corações como eram, outrora, levantados sobre pavezes os vencedores de batalhas ; se não tomares a ti o que, hoje, na Italia, deve ser acclamado como o redem-

ptor do littoral adriatico usurpado á Latinidade pela progenie de Attila, o que reivindicou para a Patria a terra onde, apezar do barbariso de tantos e tão diversos idiomas, como em Babel, persiste, soando em vibração patriotica, a voz gentil que o Dante levou em poemas ás tres estancias do Além da vida — o Inferno, o Purgatorio e o Paraiso, a Lenda, que o espreita, fará delle um deus, em proveito do céu, lesando a Humanidade em uma das suas maiores e mais puras glorias.

Hoje reflorecerá na terra redimida a bandeira tricolor, successora real da vexilla das legiões.

Hoje reapparecerá, aberto ao sol, na outra margem do Adriatico, de onde foram banidas as sereias venezianas, o triptyco latino : verde, allusão á juventude perenne da raça, branco, symbolo da honra immaculada, e rubro, côr ardente, côr do sangue, representativa do heroismo.

E a quem se deve tal victoria ? Sôe em clangor triumphal o nome formoso do heróe : a D'Annunzio. Poeta da terra, por haver nella nascido ; Poeta do mar pela *Nave* ; Poeta do céu pela ascensão atrevida em que se elevou voando desde as lagunas ligurias até as margens ceruleas do Danubio, pairando, em adejo d'aguia que medita a investida, acima da região arrancada, com sangue, ao corpo maternal da Italia.

Clio, filha de Zeus e de Mnemósyne, musa da

Historia, se não insculpires, desde já, a pagina maravilhosa, que é a vida do Poeta, a Lenda, que só espera o teu descuido, fará passar ao Futuro como uma personagem de mytho, tantas são nelle as grandezas que o tornam sobrehumano, o Prometheu do « Fogo », eponymo da Raça.

A annexação de Fiume á Italia é um feito de tanta sublimidade que merecia cantado, como as rhapsodias homericas, por um aëdo da Idade de ouro.

Que victoria, senão a de Orpheu sobre a natureza bruta e as feras, só com os accentos da lyra mystica, póde ser comparada á do Poeta marcial ?

Amphião attrahiu as pedras das montanhas com a phormynx e Thebas cingiu-se de muralhas, cujos blocos cyclopicos se foram sotopondo, não a pulso de alveneis titanicos, mas tão sómente por prestigio de sons lyricos.

E D'Annunzio ? D'Annunzio, com o canto, levantou os corações dos *arditi*, levou-os por terra e mar e, lançando-os na costa de Istria, fez com elles muralha inexpugnavel diante da qual, não só o usurpador, mas todos os que combatiam o generoso ideal do Poeta, estacaram impotentes.

De que forças se preveniu o Poeta ? De que meios dispunha para tão ousada proeza ?

Armas, provisões e todos os recursos de guerra rou-os elle de si proprio, e foram : patriotismo e

audácia, amor á terra mãi e brio civico, atrevimento d'aguia e Fé.

A sua entrada em Fiume lembra a dos primeiros christãos no Colyseu: os martyres caminhavam para a morte unidos, de olhos postos no céu, cantando hymnos sagrados aprendidos nas catacumbas; elle foi para a luta com o pensamento fito na querida Italia entoando, para os legionarios que o seguiam, as odes heroicas que lhe irrompiam do proprio genio:

> Il valor rise come il fiore sboccia
> Ala, una città presa per amore!
> E l'eroe d'Ala aveva nome Cantore!
> E il suo canto é scolpito nella roccia.
> . . . .

Em Salamina, para gloria maior dos gregos, figuram dois poetas: Eschylo, como soldado; Sophocles, ainda mancebo, conduzindo, a cantar o pean, o côro dos ephebos.

D'Annunzio, elle só, fez o que fizeram, cada um de per si, os dois tragicos: foi corypheu e soldado, bateu-se com a espada sem deixar de tanger a lyra bronzea, de sons altos.

Maior que Tyrteu, na Messenia, que apenas cantou animando os espartanos, foi como Taillefer em Hastings — poeta e batalhador e podia levar inscriptos na signa que desfraldou os versos de outro,

que tambem foi grande no estro e no heroismo, que disse, no poema, falando á Patria :

> Para servir-vos, braço ás armas feito
> Para cantar-vos, mente ás musas dada.

Fiume prende-se agora á Italia por liames eternos, e esses são as cordas de uma lyra.

E porque, na hora augusta em que a bandeira da Italia resurgir na terra reaquistada, sobre os farrapos da que cahiu, arrancada do sólo por D'Annunzio, não se ha de dar á cidade o nome de quem a resgatou ?

Que o de Fiume desappareça. Dannunzia soaria bem em chrisma tornando-se o nome livre da que foi escrava, glorificando, ao mesmo tempo, o Poeta soldado, criador de Belleza e conquistador de cidades, que, com as armas de ferro e com os versos de ouro, duas vezes se tornou digno do culto e da gratidão da Raça.

Gloria á Italia, mãi do heróe ! Gloria ao heróe, honra e esplendor da Latinidade !

16 — III.

Leis de emergencia

Diogenes Laercio — conta elle proprio em uma das suas cartas — encarregara alguem de arranjar-lhe um cubiculo. Ao que parece, porém, Athenas atravessava crise identica a que tanto avexa a nossa população desabrigada e o philosopho, que não era estoico, aborrecendo-se com a demora, tratou de accommodar-se, fôsse como fôsse.

O caso levou-o ao templo de Deméter e ali — mais natural seria que tal se désse no templo de Dyoniso — encontrou um tonel. Contemplou-o, mediu-o a olho, sondou-lhe a capacidade e, achando-o ancho, até de mais, para o seu corpo magro e para as suas aspirações modestas, rodou-o para um sitio aprazivel e encafuou-se-lhe no bojo.

Um rapazola, maltratado, talvez, pelo philosopho, que era rabugento, quebrou-lhe o tonel, deixando-o ao tempo.

Os athenienses, porém, não só castigaram o atrevido como offereceram á victima outro tonel, em torno do qual eruditos, ainda hoje, travam discussões azedas, uns affirmando que tal casco era de madeira, garantindo outros que era de barro.

De madeira ou de barro, fosse do que fosse a fórma de tonel, esse não soffreu jámais discussão.

Em tal cuba viveu folgadamente o ex-moedeiro falso e della apenas transbordava para gosar o sol.

Ali recebeu elle a visita do grande macedonio que, não só lhe prestou homenagem, como até o invejou, dizendo aos da sua camarilha que « se não fôsse Alexandre quizera ser Diogenes ».

Ali tambem o visitava Thaïs, a mulher mais bella e a mais requestada de Athenas.

Um tonel não vale um palacio, é certo, mas tem sobre as construcções faustosas a vantagem, não pequena, de ser livre. Quem o habita, se está bem em uma rua, sem incommodos de visinhos importunos, deixa-se ficar embarrilado ; se, porém, se aborrece, não precisa procurar casa, chamar andorinhas e carregadores — é só empurrá-lo para o ponto que lhe convenha e ahi ficar.

A casa é inamovivel, como o tumulo : não ha

forças que a tirem dos alicerces transferindo-a de uma para outra rua.

Diogenes vivia como as tartarugas e as lesmas — com a casa ás costas.

Se a Prefeitura e a Policia não fôssem tão exigentes, a crise das habitações seria em breve debellada pelos tanoeiros.

Uma casa não se constróe do dia para a noite e exige tanta coisa que poucos são os que podem edificar.

Requer, em primeiro lugar, terreno porque ninguem faz casa como faz castellos — no ar, depois licença da Prefeitura, e materiaes, mão de obra, entendimento com a City, com a Light, e ainda bem não está concluida cahem-lhe logo em cima as decimas.

O tonel, não — é só ajustar as fasquias, cingi-las com aduellas, pôr um fundo, um tapulho e está prompto o alojamento.

Se a Prefeitura e a Policia não se oppuzessem a tal medida de salvação publica veriamos, em breve, ruas e ruas acanteiradas, avenidas com ares de adegas e a cidade teria aspecto dyonisiaco com as habitações de emergencia, segundo o modelo do discipulo de Antisthenes.

E haveria de tudo, desde toneis como o de Heidelberg, que era de capacidade equivalente á da caixa d'agua do Pedregulho, e seria aproveitado

para hoteis e pensões de luxo, até quintos e decimos para solteiros, pipas para casaes, ancorotes para crianças, etc.

A casa quem a faz é o morador. Ha palacios funebres, e ha choupanas que são verdadeiros ninhos de felicidade. Em havendo espirito dispensa-se o mais. E onde habita o espirito senão em pipas e toneis ?

O problema da alimentação está na ordem do dia e todos o discutem ainda que a discussão de tal assumpto aproveite tanto aos interessados como aproveitam ao paiz as discussões parlamentares.

O povo já sabe como são observadas as leis entre nós e, por isso, apezar das promessas de melhoria da situação, elle continúa a lamentar-se e os açambarcadores . . . a rir.

Tive, ha dias, ensejo de ouvir a conversa de tres ambulantes que se haviam arranchado á sombra de uma arvore e, sentados no meio fio, merendavam sobriamente com banana e pão. Eram elles : um quitandeiro, um fressureiro e um peixeiro. Riam-se entre si.

E disse o quitandeiro :

— Podem elles fazer o que quizerem. Isso de feiras e açougues . . . pois sim ! Nos primeiros dias, a coisa irá muito bem, no fim da primeira semana veremos.

E o fressureiro :

— Ora . . . leis! Elles falam em leis, impõem-nas . . . e porque não as cumprem para dar exemplo? Se o povo não respeita as leis e leva tudo em ar de troça é porque os vê, a elles, lá em cima, fazerem da lei petéca.

E o peixeiro:

— É isso. Leis andam por ahi aos pontapés, temo-las de mais, até brigando umas com as outras. Ninguem liga. E porque? Porque elles proprios ensinam o povo a não as tomar a serio. Não ha ahi uma tal de Constituição sobre a qual elles juram, porque dizem ser o Evangelho da Republica? E respeitam-na? Se elles não respeitam o Evangelho, que é tudo, como querem que o povo acredite nas orações que rezam? Leis, leis . . . Está o povo contente. Melhor para elle. Isso é como a alegria de carnaval; dura pouco e é só barulho. Na quarta-feira de cinzas é que eu quero vêr.

E o quitandeiro, tomando aos hombros o pau dos cestos, concordou:

— É isso mesmo: alegria de carnaval. E esses decretos, esses cartazes, todas essas lenga-lengas, ficarão por ahi esquecidas como as figuras que andaram nos carros das sociedades, que, já agora não valem nada. Eu, por mim, continúo a vender como dantes. Quem quizer comprar, compre; quem não quizer . . .

E os outros dois, confirmaram:

— É isso mesmo.

E foram-se, cada qual apregoando a sua quitanda.

Bem fez Diogenes : encommendou um cubiculo, não lh'o deram a tempo, em vez de ficar a lastimar-se, decidiu-se a procurá-lo, elle proprio, e, achando o tonel no templo, atafulhou-se nelle. Sim, mas Diogenes era homem resoluto, homem que falou a Alexandre de igual a igual, vinho de outra pipa, como vulgarmente se diz.

Nós . . . Nós somos o povo da immarcessivel esperança : confiamos na Divina Providencia, se ella nos falha appellamos para o governo e se este, por sua vez, nos logra, deixamo-nos morrer, mas dignamente, com a coragem dos martyres, que é a resignação.

A prova do que digo é que, apezar de não haver casas, ninguem se lembrou ainda de morar em uma pipa. Falta de iniciativa, dirão : de espirito, digo eu.

23 — III.

A nave

La patria é su la Nave.
G. d'Annunzio

Italia, não ha symbolo em que mais e melhor se ajuste a tua gloriosa historia do que esse, a Nave, ara em que nos vens pelas aguas, com todas as tuas graças e divicias, desde as que tiras directamente do sólo sacro, sólo trilhado por deuses mais antigos que Turno, patrono de Lavinum ; sólo beijado filialmente por heroes ; sólo cuja poeira, que é a carne das esculpturas, se apegou ás sandalias do Messias e dos seus apostolos e tingiu-se na arena com o sangue dos martyres do Christianismo, até as que rebentam, como Minerva surgiu da cabeça

de Jupiter e o fogo explode da cratera dos teus vulcões, do cerebro ardente dos teus filhos.

A Nave foi, um dia, o relicario do mundo. Nella encerrou Deus a Vida e lançou-a nas ondas do diluvio como o lavrador lança no sulco do arado a semente que ha de rebentar em novedio para perpetuar a seara e, desde então, tornou-se o lenho fluctuante a imagem do refugio nas tormentas, buscado pela Humanidade como eram, outrora, recorridos pelos supplicantes os altares dos templos.

E tu, Italia redemptora, que tens sido, em todos os cataclysmos dos tempos, senão a bari ou nau sagrada em que se tem salvo a Alma?

Em ti acharam abrigo os deuses e os herões hellenicos. Aos deuses erigiste altares consagrando-lhes templos e sacellos; aos herões, desde os que a tradição venerava, como Orpheu e Eumolpo, Homero e Hesiodo, até os grandes epigonos de Dyoniso, que levantaram os monumentos da Tragedia e da Comedia, e os guerreiros, de sangue divino, que levaram as armas resplandecentes de Hephestos ás terras d'Asia; e os harmoniosos constructores de cidades, como Amphião; e os possantes desbravadores da natureza primitiva, como Hérakles; e os oradores, de palavra alada; e os philosophos, que deram regra ao Pensamento; e os artistas, que exornaram e alegraram a vida com as imagens criadas pelo escopro e o cinzel e com os sons da lyra

de Terpandro, a todos acolheste no teu Pantheon.

Quando o *pilum* da tua formidavel legião inutilisou a phalange dos vencedores do Persa, não te aproveitaste da victoria para arrasar, mas, respeitando o que havia de Pensamento e Belleza na terra conquistada, transferiste a Grecia de Deucalião para o sólo de Latino, sem quebrar um só dos elos da cadeia que liga as eras.

Percorrendo triumphalmente o mundo com as aguias e as vexillas, ora por terra, em investidas como a de Cesar que desmantelou Alesia, ora por mares em esquadras como a que venceu em Actium, fizeste luz nas trevas das terras agras e com os mesmos legionarios com que te impuzeste nas batalhas, trocando-lhes os ferros de morte por outros, de vida, grangeaste os maninhos tornando-os sociaveis, beneficiaste as terras longas e nuas com as construcções que ainda hoje perduram: pontes e aqueductos, colyseus e estradas, e o que era mortorio, como nos diz Sallustio falando da Numidia, aonde chegaste na guerra jugurthina, fez-se maravilhoso olival de onde ia o melhor azeite que desembarcava em Ostia; e espalhaste entre os rudes e asperos idiomas a melodia do teu vernaculo, no qual cantaram Horacio, Virgilio e Ovidio e, mais tarde, haviam de escrever os Senecas na Iberia e Agostinho, o carthaginês, principe da Fé.

Vencida e assolada pelos barbaros, tu que eras a depositaria do thesouro immenso de toda a cultura humana, não o deixaste perder-se. Nas maiores perseguições sempre o trouxeste defendido.

As hordas passaram e, assim como a terra ficou, muito tempo, coberta do lôdo do diluvio, assim, durante dez seculos de silencio e tristeza, o mundo esteve como morto, até que te abriste, Italia, Nave sagrada, como, no cimo da montanha da Armenia, abriu-se a arca dando sahida ás gerações providencialmente agasalhadas que deviam repovoar e reviçar a terra.

De ti sahiram, para renovar a vida, poetas, artistas, mercadores, guerreiros, até santos, como esse pobresinho da Porciuncula, o suave Francisco de Assis, uma das expressões, senão a mais alta expressão da tua Bondade, e, graças a ti, raiou para o mundo uma era nova que ficou assignalada na historia com o nome alvorejado de Renascença.

E qual é o primeiro que então desce de ti para o mundo entoando o canto de gloria no idioma recem-nascido, flôr mais bella da arvore latina? é esse homem apocalyptico, que rompe da sombra tenebrosa e dolorosa da Idade Media, verdadeiro Inferno, dirigindo-se enamoradamente para a estancia do seu ideal — o Paraiso: Dante.

E foi ainda a Nave, teu symbolo, que te deu a maior gloria em conquistas.

Que é a América senão a flôr dessa semente lançada pelo genovês em rumo a oeste — a caravella ou nave do descobrimento ?

Nave ! Eis o teu verdadeiro symbolo, Italia, arca que sobrenadas em todos os diluvios ; arca que agora vens, em monção festiva, visitar os que, além do Equador, progenie do teu sangue, continuam a tua gloria, e louvam-te contentes repetindo as palavras com que Plinio teceu o teu formoso encomio :

« Italia, eleita pelos deuses para dar ao mundo um céu mais sereno, para reunir todos os imperios, aproximar as linguas discordantes e restituir ao homem a humanidade. »

A Nave que ahi vem é aquella mesma, toda de belleza e força serena, imaginada pelo poeta que foi, em verdade, o seu armador e que a estimulou á viagem em que ella singra bradando o verso grandiloquo e sonoro :

Arma la prora e salpa verso il Mondo!

Ella ahi vem, Nave de paz, roteando o caminho traçado pelo genio, tripolada pela força da juventude heroica, com as cobertas e os porões atestados, não de polvora mortifera nem de engenhos destruidores, mas dos produtos da terra fertil, da mão destra e do genio altivo da Italia immortal, sempre juvenil e bella.

Mares verdes da minha terra, ventos galernos que respirais no espaço, sêde propicios á que vem vindo airosa e adereçada de ramos de oliveira trazendo a bordo, mais do que os penates, a bandeira, ou a propria patria italiana, realisando, assim, o que vaticinou o Poeta quando disse, desfraldando no ar o gonfalão sagrado :

La patria é su la Nave!

30 — III.

A brecha

Em não havendo justiça, que é a defesa interna da nação, de que serve o mais ? Ainda que nos não prúa a mesma comicheira, que enfrenisa em ardor guerreiro a certo vizinho nosso, ao qual tudo nos une, sempre nos interessamos pelos assumptos que trazem o rotulo do « si vis pacem para bellum » e nos orçamentos das pastas militares avultam sommas quantiosas destinadas ao nosso apparelhamento bellico.

Mas, pergunto eu : para que se hão de esbanjar tantos milhares de contos em construcções de fortalezas blindadas e possantemente artilhadas, quarteis modelos, arsenaes, portos militares ; e em acquisições de couraçados, cruzadores, vedetas, subma-

rinos, aviões e apetrechos para tudo isso; em equipamento de Exercito e Marinha, pondo em armas, pelo sorteio, toda a nossa juventude, se os tribunaes abrem brecha compromettendo a vida intima da nação?

Como se defenderá lá fóra quem se não defende de portas a dentro?

De que valeria a um homem encerrar-se em muralhas inexpugnaveis e ainda habitar uma torre de aço, acobertar-se dos pés á cabeça com aceiro da melhor tempera, se não cuidasse da propria saude? ir-se-ia vencido, não por inimigo adventicio, mas pelo mal interno, dos que minam ás surdas e destroem os mais poderosos organismos, como o cupim esfarella e derruba os troncos mais robustos.

Suggerem-me taes commentarios as ultimas decisões do nosso colendo Tribunal do Jury, crivo estranho em que se entralham os pequenos e que os grandes atravessam com a mesma facilidade com que os raios do sol scindem uma vidraça.

Parece até que o conselho de jurados timbra em dar soltura aos criminosos mais repugnantes, só não os trazendo em charóla para a rua porque não houve, até hoje, quem se lembrasse de propôr taes apotheoses.

Não tivemos ainda um triumpho á maneira ro-

mana, mas quando foi aqui julgado certo assassino, dos taes que vão á barra com a absolvição no bolso, no momento em que o Promotor, já rouco, pedia, aos berros, o gráu maximo para a «fera humana», pessoa da familia da mesma fera fazia convites para o banquete com que, do banco dos réus, absolvido e muito cumprimentado pelos amigos, regressaria á sociedade, com todas as honras, o sicario, vergonha da especie no dizer iracundo do orgão da Justiça Publica.

E houve o banquete, com brindes a champagne, sendo o mais eloquente o do proprio Promotor, que, horas antes, no Tribunal, crivara de epithetos os mais vis aquelle mesmo que, então, exaltava, a Cliquot.

A Lei era, a principio, uma rija muralha que defendia a sociedade de assassinos e ladrões. Os Advogados, mais subtis do que o astuto Ulysses, que recorreu a um cavallo de pau para metter gente em Troya e vencer por traição ardilosa a cidade priamide, com o ariete da chicana conseguiram abrir na muralha da Lei uma brecha, não para dar entrada, mas para franquear sahida a todos os criminosos que dispuzerem de meios politicos ou circulantes.

Essa brecha de escandalo chama-se — privação de sentidos.

Põe-se um villão de tocaia — olho no caminho,

arma aperrada, á espera do adversario politico, rival em amor ou apenas desaffecto. Avista-o na estrada, refolha-se o mais que póde, põe a arma em mira e, quando o infeliz passa ao alcance do tiro, puxa o gatilho, e zás ! homem morto.

Levanta-se a celeuma ; são ameaças, tentativas de lynchamento ; a imprensa local, em chantos lamuriosos como os das carpideiras, lamenta a perda do cidadão, pai de familia exemplar, etc.

O assassino é preso e, desde logo, começa o trabalho de sapa para minar o carcere onde, segundo a presumpção da gente honesta, o díscolo devera ficar acorrentado á pena maxima. Engano de almas ingenuas !

O accusado, vestido a primor, entra no Tribunal muito senhor de si, sorrindo a amigos e conhecidos ; sacode com o lenço perfumado a poeira do banco dos réus, senta-se commodamente e começa a comedia.

A scenas tantas o patrono abre-lhe a brecha e lá se escafede o patife pela tal aberta da privação de sentidos.

Eu sempre quizera que o defensor desse ex-delegado de Rio Branco, que premeditou o uxoricidio, attrahindo e matando a esposa em presença de testemunhas, me dissesse como conseguiu convencer os jurados — taes seriam elles ! — de que tal homem arranjara toda a insidiosa infamia em estado de inconsciencia.

De tudo, porém, serve-se o advogado esperto para justificar a privação de sentidos: a este, defende com uma garrafa, attribuindo toda a culpa ao alcool; áquelle salva com a cocaina, pobre vicioso, coitado! A um, foi a raiva que allucinou; outro investiu num accesso de ciume; qual, porque estava perdendo uma fortuna ao jogo; tal, por ter tido uma discussão com a victima a proposito de bolshevismo; por isto ou por aquillo o que elle quer e busca é uma razão sobre a qual firme a defesa com o argumento gazúa da privação de sentidos.

Se a Justiça entende que o «impeto» exclue a culpa, que a allucinação resalva a responsabilidade e abre o carcere ao assassino, porque insiste em manter em cella o louco porque canta, vocifera ou, impando importancia, diz-se imperador ou presidente da Republica, quando se não inculca como o proprio Padre Eterno?

Esses, ao menos, os da Praia da Saudade, têm lá as suas manias inoffensivas, mas não armam ciladas a miseras mulheres, maltratando-as no corpo, ultrajando-as na honra e matando-as, por fim, já com uma outra apalavrada para o regalo de novas nupcias.

O nosso Jury é bem aquella gaiola ou trapa da *Gran Via* na qual os gatunos entravam por um lado e sahiam pelo outro.

Os criminosos — falo dos que têm padrinhos —

sabem que aquillo é méra formalidade, uma especie de satisfação que se dá ao publico, só isso. Falleçam todas as razões á defesa, ha uma que não falha : é o argumento decisivo, o argumento « pau para toda a obra », o argumento curinga, *chave da cadeia*, como lhe chamam ; argumento diante do qual cessa tudo quanto a antiga musa canta, e esse talisman juridico é a celeberrima — privação de sentidos.

Isso é para os crimes o que era a panacêa para as doenças — serve para tudo, tudo justifica — o roubo, a calumnia, a infamia, o assassinio.

Hoje, quando leio a noticia do furto de um pão, sei que o faminto vai roer um duro castigo nas palhas do carcere porque, em sociedade como a nossa, não se comprehende que haja um miseravel que a tanto se avilte. Mas se o caso é de um assassinio, com lances tragicos de cinema, digo logo, de mim para mim — esse está ahi, está perdendo os sentidos para os effeitos patheticos do Jury e mais uma victoria da Liberdade.

E tal é o Tribunal que nos defende, tal é a instituição que zela pela vida da sociedade. Está fresca, não ha duvida.

Se não temos justiça, que é a nossa defesa interna, de que nos serve o mais ? Armas tambem as tinha D. Quixote, mas por falta de juizo acabou como todos sabem. E nós, no andar em

que vamos, com essas privações de sentidos para capas de assassinos e outras facilidades... não sei. Emfim... Deus é grande. Tenhamos fé e... corra o marfim.

Protesto de letras

« Car le môt, qu'on le sache, est un être vivant » disse Victor Hugo

A palavra ? E porque não a letra ?

Sim, a letra é um ser vivo ; ser de corpo e alma, corpo visivel, alma sensivel : fórma e expressão. E como variam as letras de aspectos e de sentimentos !

Umas gordas, obesas como o O e o Q ; outras magricellas, escanifradas, como o I. Sympathicas e antipathicas como o A e o X ; modestas ou pedantes — exemplos : o T e o R ; de entono orgulhoso, como o D, letra que parece trazer o rei na barriga ; outras irrequietas como o M, o N e o W, que é um M invertido, na posição em que, segundo o teste-

munho de Louis Nohl, o grande Ricardo Wagner costumava ficar em momentos de alegria ou de enthusiasmo: de cabeça no chão e pernas para o ar, batendo freneticamente com os pés.

Todas as letras têm o seu ar proprio, sisudo ou trocista; grave ou ironico.

O A, por exemplo, é bem a figura de um garoto, de pernas escarranchadas e mãos nos bolsos; o X é um athleta em exercicio de gymnastica sueca; o Y lembra um vendedor de melado e o T, um quitandeiro de taboleiro á cabeça.

O P é um pobre diabo, victima do *barbeiro*, com um bócio monstro e o R, encachiado, como perú de roda, enfuna o papo e arrasta a aza petulantemente.

Quando tentaram convencer Euclydes da Cunha a abandonar os velhos moldes da escripta para adoptar a reforma ortographica proposta pela Academia, o inflexivel autor d'*Os sertões* negou-se, dizendo que não comprehendia certas palavras senão como as aprendera e via graphadas nos livros dos velhos mestres. « Na palavra kilometro, por exemplo... O K afigurava-se-lhe um corredor avançando a largas pernadas. E homem sem *h* seria magnifico para exercer cargo de confiança em serralho, mas nunca para representar o sexo viril. »

As letras têm trajos de cerimonia e trajos ordinarios, assim: ora apparecem em maiusculas, ora

em minusculas, em redondo ou em grypho e nas grandes solemnidades usam o gothico.

Quanto ao caracter — o A é franco, generoso; o I alegre; o S sybilino, dissimulado, maneiroso, cheio de circumloquios; o R complicado, letra de rabulagem; o Z cumprimenteiro, bajulador, cheio de zigue-zagues, todo elle uma zumbaia; o U solemne, sombrio, pachecal, letra que dá a impressão de andar no alphabeto de sobrecasaca e cartola... E por ahi além.

Faria obra interessante e util quem se dedicasse ao estudo da psychologia das letras.

Tal não é o meu intuito nem eu me atreveria á obra de tanto alcance nos limites estreitos de uma chronica, que deve ser ligeira como o fumo de um cigarro.

Resolvi tomar hoje as letras para assumpto desta columna, porque sei que reina desgosto entre ellas, ouço murmurações do alphabeto, nas quaes distingo vozes de vogaes e rouquejos de consoantes, accordes em protestar contra o que ellas chamam o divorcio phonetico ou processo do menor esforço, em beneficio dos alumnos das escolas primarias.

Allegam as letras que nas palavras em que ellas apparecem geminadas e nas quaes certos philosophos entendem dever intervir com ablativo simplificador, uma só letra, por mais que se esforce, não

poderá produzir o som proprio da dita palavra. O carro que leva peso para uma junta de bois não póde mover-se com um só boi.

Deus impoz o duplo dando ao homem quasi tudo aos pares. Assim é que o fez com dois braços e duas mãos; duas pernas e dois pés; dois olhos, duas orelhas.

Ha, é certo, unidades, que fazem, muito a contento, o séu officio, (algumas ha até, que sendo « uma » valem por dez —) mas já vieram assim da natureza. Tambem ha palavras nas quaes se não dobram letras e isso sem prejuizo da idéa e da expressão. Ovo — tanto faz ter uma como duas gemmas, sempre se ha de escrever com um só *v*, porque assim se escreve *ab ovo*.

Outras palavras, porém, não dispensam as letras duplas, como tambem perdem a feição e até a significação se lhes supprimem as mudas.

E porque hão de os philologos guerrear as mudas? Os homens fundam e mantém institutos para mudos e ás letras mudas expulsam das palavras onde as coitadas vivem desde que vieram ao mundo, como as gerou a etymologia.

Por que se ha de fazer mal ás miseras, quando a Camara e o Senado estão cheios de figurões, mais silenciosos do que a deusa Tacita?

As letras têm razão: nasceram juntas, pois que assim fiquem. Operações de xyphopagos são sem-

pre perigosas, ás vezes resulta da separação a morte dos dois entes e o mesmo póde acontecer á palavra em que entrar o bisturi do philologo.

Quanto á suppressão das mudas, para contrariar tal proposito, lembrarei apenas o que disse Ruy Barbosa, quando aqui andou mais acirrada a discussão da reforma ortographica :

«Voto contra, por muitas razões. Uma só, porém, bastava para que não concordasse com tal cacographia e essa é a de não querer que, por omissão de um *h*, a minha terra natal fique reduzida a presepe.»

Deixemos as coisas como estão. O melhor é não bulir, porque isso de protesto de letras é sempre perigoso.

8 — VI.

ÍNDICE